

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JOELINE DE BARROS LIMA

A VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL NA CIDADE DE GOIÁS

Uberlândia
2024

JOELINE DE BARROS LIMA

A VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL NA CIDADE DE GOIÁS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. José Magalhães

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L732
2024

Lima, Joeline de Barros, 1981-
A VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL NA CIDADE GOIÁS
[recurso eletrônico] / Joeline de Barros Lima. - 2024.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.39>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Magalhães, José Sueli de, 1967-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado - PPGEL				
Data:	Vinte e sete de março de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	12212ELI015				
Nome do Discente:	Joeline de Barros Lima				
Título do Trabalho:	A Variação da Lateral Palatal na Cidade de Goiás - GO				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Modelos fonológicos, variação e ensino - revelações da oralidade e da escrita II				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Ronaldo Manguiera Lima Júnior - UnB; Leandro Silveira de Araújo - UFU; José Sueli de Magalhães - UFU, orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, José Sueli de Magalhães, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronaldo Manguiera Lima Júnior, Usuário Externo**, em 13/05/2024, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Sueli de Magalhães, Professor(a) do Magistério Superior**, em 13/05/2024, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5271911** e o código CRC **58BFCC5D**.

Referência: Processo nº 23117.019964/2024-03

SEI nº 5271911

Dedico este trabalho a Deus,
Pai de meu Salvador, Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus Cristo, meu amigo nas horas incertas, que foi meu principal mentor e auxílio nas horas de desânimo e incertezas; à minha família, em especial ao meu cunhado professor Jarbas Siqueira Ramos; ao Professor Ronaldo Manguiera Lima Júnior; ao Professor Irineu, que me ajudou no teletrabalho em situações adversas; ao Professor Dimas, pela compreensão; aos professores Esdras e Geraldo Reis, Leandro Araújo, Fernanda Mussalim, Igor, aos profissionais da limpeza, que me ajudaram no Campus da UFU, e à orientação, na pessoa do professor José Magalhães.

Agradeço, também, ao coordenador do setor de Pós-Graduação de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia e à Virgínia, que sempre respondia tirando minhas dúvidas, na secretaria do PPGEL e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com o meu conhecimento.

“Deus é que tem sabedoria e poder;
a Ele pertencem o conselho
e o entendimento”
(Jó 12:12-13).

RESUMO

Neste trabalho, investigamos a realização variável do segmento /ʎ/, na Cidade de Goiás-GO, a partir de dados coletados pelo grupo funcionalista da Universidade Federal de Goiás (UFG). Para esta investigação, consideramos aspectos linguísticos, como os contextos fonológicos antecedentes e seguintes, o acento e a tonicidade da sílaba, além de três fatores sociais, quais sejam: o sexo, a idade e a escolaridade do entrevistado. Para a análise variável da lateral palatal /ʎ/, selecionamos as seguintes variáveis dependentes: a realização plena da consoante /ʎ/, a vocalização em [j] e o apagamento (Ø). A fim de descrever e analisar este fenômeno fonológico, bem como identificar tanto motivações internas quanto externas ao sistema, nos pautamos na teoria da variação e da mudança, conforme os pressupostos de Labov (2008). As regras de natureza categórica foram apreciadas segundo o modelo teórico Autossegmental e da Geometria de Traços (Clements; Hume, 1995); e os dados foram tratados estatisticamente por meio da plataforma RStudio. Os resultados encontrados permitem associar, como propõe Soares (2008) a condicionamentos tanto linguístico como extralinguísticos desde o desligamento de traços fonéticos a questões relacionadas a fatores sociais como idade e sexo, neste estudo.

Palavras-chave: Lateral palatal. Variação fonológica. Cidade de Goiás.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the variable realization of the segment /ʎ/ in Cidade de Goiás, a city located in Goiás state (Brazil), from the data collected by the Functionalist Group (Grupo Funcionalista) of Federal University of Goiás. We consider, to this investigation, some linguistic aspects as antecedent and following phonological contexts, the stress and syllable tonicity, in addition to three social factors as the interviewee's gender, age and level of education. For the variable analyses of the palatal lateral /ʎ/, we chose the consonant /ʎ/ full realization, the vocalization in [j] and erasure (Ø). In order to describe and analyse this phonological phenomenon, as well as to identify internal and external motivations to the system, we use as guide Labov's variation and change theories (Labov, 2008). The rules of categorical nature will be presented according to the phonological theory of Feature Geometry (Clements; Hume, 1995) and the data will be statistically treated through the software RStudio. The results found allow us to associate, as proposed by Soares (2008), both linguistic and extralinguistic aspects, from the loss of phonetic features to issues related to social factors such as age and sex, in this study.

Keywords: Palatal lateral. Phonological variation. Cidade de Goiás.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Produção da Lateral Palatal.....	20
Figura 2 – Geometria de Traços	26
Figura 3 – Formação da líquida palatal /ʎ/	26
Figura 4 – Despalatalização do /ʎ/ no sistema do PB	27
Figura 5 – Mapa do estado de Goiás	30
Figura 6 – Capitania de Goiás	31
Figura 7 – Centro Histórico da Cidade de Goiás.....	32
Figura 8 – Localização da cidade de Goiás no estado de Goiás.....	33
Figura 9 – OCP na lateral palatal.....	88
Figura 10 – Vocalização da lateral palatal.....	89
Figura 11 – Apagamento do vocoide.....	90
Figura 12 – Apagamento da lateral palatal na palavra ‘filho’	91

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Informantes	34
Quadro 2 – Tonicidade	53
Quadro 3 – Média, máximo de palavras por informantes	55
Gráfico 1 – Ocorrência total das variantes	43
Gráfico 2 – Ocorrência total das vogais em contexto precedente	44
Gráfico 3 – Ocorrência total das vogais seguintes	45
Gráfico 4 – Percentual de ocorrência total da tonicidade	46
Gráfico 5 – Contexto fonológico precedente	48
Gráfico 6 – Contexto fonológico seguinte	50
Gráfico 7 – Percentual de Tonicidade	54
Gráfico 8 – Palavras com maior recorrência por informantes	56
Gráfico 9 – Palavras com maior recorrência por informantes	57
Gráfico 10 – Tamanho da palavra	59
Gráfico 11 – Classe de palavras	60
Gráfico 12 - Resultado Qui-quadrado Contexto Seguinte	62
Gráfico 13- Resultado do Teste Qui-quadrado Contexto Precedente	63
Gráfico 14 – Interação entre sexo e faixa etária	67
Gráfico 15 – Resultado da Análise Multivariada (estimativa e significância)	70
Gráfico 16 – <i>Loggs</i> em Propabilidade	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência total das variantes na Cidade de Goiás	42
Tabela 2 – Presença de vogais em contexto precedente	44
Tabela 3 – Proporção e percentual total das vogais seguintes para manutenção, apagamento e vocalização da lateral palatal / <i>ʎ</i> /	45
Tabela 4 – Proporção e percentual total da tonicidade para manutenção, apagamento e vocalização da lateral palatal / <i>ʎ</i> /	46
Tabela 5 – Contexto precedente	47
Tabela 6 – Contexto precedente com item ‘trabalhar’	49
Tabela 7 – Contexto seguinte	50
Tabela 8 – Item lexical: contexto seguinte	51
Tabela 9 – Tonicidade	52
Tabela 10 – Total de palavras com maior recorrência.....	56
Tabela 11 – Tamanho da palavra.....	58
Tabela 12 – Classe de palavras.....	59
Tabela 13 – Todas as Interações Significativas.....	66
Tabela 14 – Análise Multivariada com estimativa e <i>log</i>	68
Tabela 15 – Categoria de referência e categorias comparadas	71
Tabela 16 – <i>Odds</i> em probabilidade	72
Tabela 17 – Análise Multivariada: variáveis linguísticas.....	75
Tabela 18 – Análise Multivariada sem o item lexical ‘trabalhar’	77
Tabela 19 – Altura precedente [+ alta] , [-alta] e [+baixa]] com o item lexical ‘trabalhar’	78
Tabela 20 – Altura precedente [+ alta] , [-alta] e [+baixa] sem o item lexical ‘trabalhar’	79
Tabela 21 – Análise Multivariada: variáveis extralinguísticas.....	82
Tabela 22 – Análise Multivariada sem o item lexical ‘trabalhar’	83
Tabela 23 – Frequência do vocábulo 'trabalhar' na faixa etária e sexo	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDE-Goiás	Banco de Dados Estatísticos do Estado de Goiás
GO	Estado de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PB	Português Brasileiro
VIF	<i>Variance Inflation Factor</i> (em português: Fator de Inflação da Variância)
OCP	<i>Obligatory Contour Principle</i> (em português: Princípio do Contorno Obrigatório)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.1 Breve contexto histórico sobre a transição para a palatal /ʎ/	19
2.2 Estudos sobre a lateral palatal /ʎ/ no PB	20
3 ELEMENTOS TEÓRICOS	24
3.1 A Fonologia Linear	24
3.2 A Geometria de Traços	25
3.3 A Teoria da Variação	28
3.4 A Sociolinguística Variacionista	29
4 METODOLOGIA	30
4.1 O Estado de Goiás	30
4.2 A formação do banco de dados	33
4.3 As variáveis	35
4.4 A variável dependente	35
4.4.1 A variável independente	35
4.4.2 As variáveis linguísticas	36
4.4.3 As variáveis extralinguísticas	38
4.4.4 A variável sexo	38
4.4.5 A variável faixa etária	39
4.4.6 A variável escolaridade	39
4.4.7 Informante	40
4.5 O tratamento dos dados	40
4.5.1 O programa R	40
4.5.2 Os recursos estatísticos	40
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	42
5.1 Análises qualitativas da lateral palatal /ʎ/	42
5.2 Análise qualitativa univariada das variáveis independentes	43
5.2.1 Contexto precedente	43
5.2.2 Contexto seguinte	44
5.2.3 Tonicidade	46
5.3 Análise qualitativa bivariada	47
5.3.1 Contexto precedente	47

5.3.2 Contexto seguinte	49
5.3.3 Tonicidade	52
5.3.4 Item lexical	54
5.3.5 Tamanho da palavra.....	58
5.3.6 Classe de palavras.....	59
5.4 Análise Multivariada	61
5.4.1 Considerações iniciais	61
5.4.1.1 Interações entre as variáveis independentes	72
5.4.2 Variáveis do Modelo Multivariado.....	65
5.4.2.1 Variáveis linguísticas	84
5.4.2.2 Variáveis extralinguísticas	91
6 ANÁLISE FONOLÓGICA	87
6.1. O Princípio do Contorno Obrigatório – OCP – na lateral palatal	87
6.2 A semivocalização	89
6.3 O apagamento	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
ANEXO 1 – TESTE.....	102
ANEXO 2 – REGRESSÃO LOGÍSTICA	104
ANEXO 3 – MODELO DE ENTREVISTA DO BANCO DE FALA DE GOIÁS ...	110

1 INTRODUÇÃO

O estudo da variação fonológica da consoante lateral palatal /ʎ/ não é inédito no Português Brasileiro (PB). Já no final do século passado, Aragão (1994) apontava que, em alguns momentos, a facilidade do relaxamento de articulação do segmento supracitado poderia desencadear a perda do traço palatal, resultando na articulação alveolar /l/, na vocalização com o glide [j], ou ainda ser apagado diante das vogais /i/ e /e/ como nas palavras: ‘velhinha’ → ‘velinha’ ~ ‘veinha’, mulher → ‘mulé’ ~ ‘muié’ ~ ‘mué’.

Estudos diacrônicos, como o de Teyssier (1997), apontam que o surgimento da consoante complexa /ʎ/ tem origem no latim. A lateral alveolar /l/ seguida de /i/ e /e/ não tônico formava o /ʎ/ pelo espriamento do traço vocálico constituindo, assim, uma consoante com articulação consonantal e vocálica secundária. Os estudos de abordagem estruturalista, como os de Camara Jr. (1979) e Bergo (1986), propõem a alternância de uma característica fonológica provocadora de mudança semântica no caso de ‘olhos’ o[ʎ]os para ‘óleos’ ó[li]os, como fenômeno isolado individual ou de caráter apenas regional.

Na proposta da Fonologia Gerativa padrão, com seu modelo descritivo linear, o fonema não é mais visto apenas como uma unidade mínima em oposição, mas como segmentos (unidades sonoras abstratas) constituídos de traços distintivos, de natureza articulatória, acústica ou perceptual. Com base nesta proposta, buscou-se saber os processos envolvidos na ocorrência da palatal /ʎ/, como, por exemplo, a vocalização desta consoante, por meio de regras fonológicas valendo-se de traços lineares e binários.

No entanto, conforme Matzenauer (2021), o modelo linear e sem hierarquia entre os traços, como propunha a teoria gerativa clássica, não foi suficiente para explicar certos fenômenos fonológicos como aqueles que ocorrem em línguas tonais. Os estudos de línguas tonais africanas revelaram que o comportamento dos tons independe do segmento, pois, ainda que uma vogal seja apagada, o tom poderá continuar flutuando ou espriar-se para outra vogal (Goldsmith, 1976, *apud* Matzenauer, 2021). Este conceito foi aplicado também aos traços por meio da Fonologia Autossegmental que, implementada na Geometria de Traços, pode explicar com maior precisão as particularidades internas de vários fenômenos das línguas, dentre eles, o apagamento, a despalatalização e a vocalização do segmento /ʎ/, como é o caso desta dissertação.

Com o advento da Teoria da Variação, Labov (2008)¹ propôs investigar, além dos fenômenos internos da língua, também fatores extralinguísticos como favorecedores ou desfavorecedores de variação e de mudança linguística. Seguindo a teoria laboviana, o presente estudo se dedica à ocorrência variável do segmento lateral palatal, analisando fatores linguísticos e extralinguísticos. Essa realização variável inclui a produção plena do segmento, a ocorrência de apagamento e a vocalização, descrita por meio dos *corpora* do banco de dados de fala de Goiás, que foi criado por pesquisadores do Grupo de Estudos Funcionalista (GEFU) da Universidade Federal de Goiás (UFG), da Cidade de Goiás.

A escolha da comunidade referida deveu-se à característica, segundo Amaral (1920), de, no dialeto caipira, ocorrer a vocalização do /ɫ/. Neste sentido, Ribeiro (1995) afirma que as bandeiras e a dispersão da antiga população paulista, com a derrocada da mineração, fizeram com que a cultura caipira se espalhasse pela região Centro-Oeste do Brasil. A comunidade escolhida reside em uma cidade de pequeno porte situada no interior do estado de Goiás. Os entrevistados possuem o ensino fundamental I e passaram boa parte de suas vidas na zona rural, mas depois foram morar na cidade, adaptando-se ao local.

Para desenvolver esta pesquisa, consideramos fatores internos ao sistema a linguístico, como os contextos fonológicos precedente e seguinte à palatal, a tonicidade e a posição da sílaba na palavra, a classe da palavra, e os fatores extralinguísticos como sexo e idade. Com base nesses fatores, levantamos questões para a análise de situações de caráter linguístico e social como forma de compreender a variação linguística envolvendo o segmento alvo desta pesquisa.

Ressaltamos que a escolha do banco de dados da Fala de Goiás deu-se com respaldo da caracterização desta comunidade como parte da região de falar caipira, sendo que o fenômeno em análise é típico desse falar e da orientação. Este estudo tem como principal finalidade investigar a variação da consoante lateral palatal /ɫ/ na fala dos habitantes da Cidade de Goiás-GO. O tratamento dos dados será feito por meio do programa estatístico RStudio, e a descrição fonológica por meio da teoria gerativa. Tendo, pois, tal objetivo e método como nortes, pretendemos confirmar ou refutar as seguintes hipóteses:

- Entre os fenômenos variáveis envolvendo a lateral palatal, a vocalização ocorre com maior frequência do que o apagamento;
- A vocalização de /ɫ/ é mais recorrente diante de vogal dorsal;

¹ Esta é a versão traduzida para o português da obra original **Sociolinguistic Patterns**, publicada em 1972.

- A vocalização e o apagamento são mais frequentes em ambientes átonos;
- O fator social idade favorece a manutenção da lateral /ʎ/ nos mais jovens;
- Pessoas com idade acima de 54 anos usam mais a variante semivocalizada da lateral /ʎ/;
- Certos itens lexicais (provavelmente, os de maior frequência) favorecem a variação da lateral palatal;
- Vocábulos maiores favorecem a variação da lateral palatal;
- A vocalização de /ʎ/ é favorecida pela presença da vogal coronal em contexto seguinte;
- A variável social sexo feminino favorece a manutenção da lateral /ʎ/.

Essas hipóteses associam-se aos objetivos específicos expostos a seguir:

- Levantar, no corpus do banco de fala de Goiás, a vocalização, o apagamento e a ocorrência plena da lateral palatal;
- Analisar e comparar os resultados desta pesquisa com estudos já realizados sobre o mesmo tema;
- Comparar as ocorrências variáveis da lateral /ʎ/ entre jovens e mais velhos;
- Descrever e analisar fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem a realização plena da lateral palatal, a vocalização e o apagamento.

Esta dissertação está dividida em sete seções. A primeira é esta introdução, na qual descrevemos o tema deste estudo, citamos alguns teóricos abordados no trabalho, além de especificar a justificativa, as hipóteses e os objetivos. Na Seção 2, traçamos um breve histórico da lateral palatal, desde as diferentes correntes de estudos linguísticos até a Sociolinguística Variacionista. Nesta seção, também apresentamos estudos realizados sobre a lateral palatal, a partir das análises feitas pelo estruturalista Camara Jr. (1985) até os estudos que tratam da variação em diversos aspectos.

A Seção 3 é dedicada aos processos fonológicos e à fundamentação teórica deste trabalho, especificamente a Fonologia Linear, a Geometria de traços e a Teoria Variacionista. Na Seção 4, descrevemos a metodologia da Sociolinguística Variacionista, a caracterização do município selecionado para o estudo, a coleta de dados, a formação do banco de dados e como será a manipulação de dados por meio do programa estatístico.

Uma análise descritiva introdutória para basear a análise multivariada é parte da Seção 5, no qual discorremos sobre os resultados gerados pelo programa estatístico. Na Seção 6 passamos à análise fonológica e, por último, à conclusão. Por fim, apresentamos as referências que nos auxiliaram na construção deste trabalho e os dois anexos. Os anexos referem-se aos gráficos e valores obtidos no programa RStudio, bem como a análise multivariada, além do modelo de entrevista do banco de fala de Goiás.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção, apresentamos estudos sobre a lateral palatal e os resultados encontrados acerca da variação de /ʎ/ no PB. Desse modo, consideramos um breve histórico perpassando por estudos diacrônicos até o advento da Sociolinguística Variacionista, como forma de compreender os fenômenos inerentes à lateral palatal /ʎ/.

2.1 Breve contexto histórico sobre a transição para a palatal /ʎ/

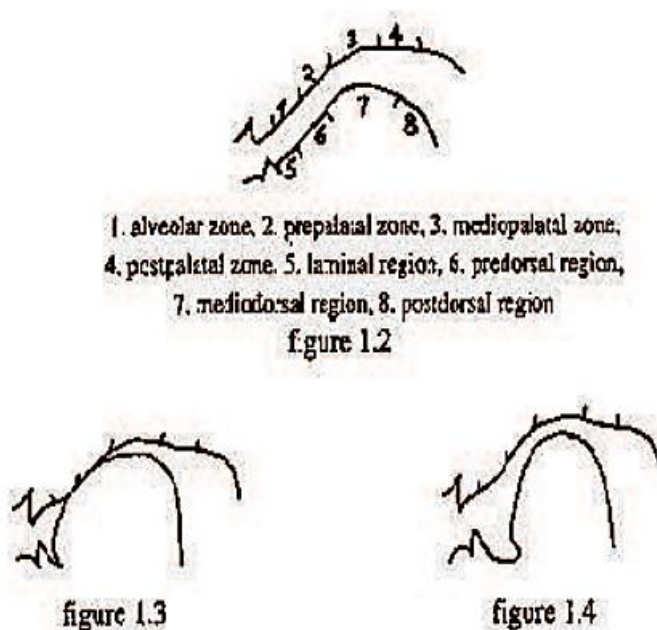
Estudos diacrônicos, como os de Coutinho (1976) e Nunes (1975), assim como a teoria da variação de Labov (1970), entre tantos outros, mostram que as línguas faladas passam por mudanças. Nesse sentido, segundo Teyssier (2001), uma das mais importantes consequências das mudanças linguísticas ocorridas no latim foi a palatalização das consoantes. De acordo Tavares e Miranda (2020), as consoantes palatais /ɲ, ʃ, ʎ, ʒ/ não faziam parte do inventário fonológico do latim clássico. Nesse processo, a consoante /l/ sofreu palatalização diante de /i/ e de /e/, como em: ‘filium → filho’. Além disso, o /s/ pronunciado como /k/, em alguns contextos, transformou-se em iode [j] a exemplo: ‘oc’lu → oylo → olho’, dando origem ao segmento /ʎ/ no português, bem como em outras línguas de origem latina (Teyssier, 1982).

Apesar de, no século XII, alguns documentos já comprovarem a existência do português, somente, a partir do século XVII, houve oficialmente o registro de documentos escritos que demonstram a forma gradativa de transição de uma língua para a outra. Assim, ao tratar dos registros iniciais de palatais, como a lateral palatal /ʎ/, Williams (1891, p. 36-37) afirma que, a primeira ocorrência dessa consoante foi em 1269, em virtude de um empréstimo provençal. Desta forma, o surgimento da lateral palatal não teria ocorrido no latim, mas no português. Os processos aconteceram de maneira gradativa, a partir do contato linguístico do latim vulgar e da língua nativa na península Ibérica.

2.2 Estudos sobre a lateral palatal /ʎ/ no PB

Segundo Camara Jr (1985), a lateral palatal /ʎ/ é produzida quando a língua, na parte médio dorso central, estende-se até o médio palatal, de forma que a corrente de ar egressiva saia pelas laterais da boca como demonstrado na Figura 1 abaixo:

Figura 1 – Produção da Lateral Palatal



Fonte: Soares (2008, p. 75)

Camara Jr (1979) denomina essa consoante como líquida, comparando-a a um líquido que corre e é interceptado. Ao tratar da despalatalização da lateral palatal /ʎ/, Camara Jr. (1985) define este fenômeno fonológico, exemplificando-o com o par mínimo: ‘olhos – óleos’, situação em que ocorre mudança de significado da palavra na oposição da consoante palatal com a alveolar.

Algumas pesquisas desenvolvidas sobre a variação linguística, como a de Aragão (1996), que pesquisou os “dialetos sociais cearenses”, indicam que a vocalização do segmento /ʎ/ ocorre tanto em sílabas no final quanto na posição medial, em vocábulos como ‘trabalhador → traba/ʎ/ador > traba[j]ador’; ‘melhor → me/ʎ/or m[ijɔ]’. A permanência do segmento /ʎ/ também ocorre na sílaba em posição medial e final em palavras como mi.[ʎ]o.ra e mi.[ʎ]or. De acordo com a autora, as vogais /a, ɛ, ɔ/ parecem favorecer a manutenção da lateral palatal /ʎ/ no contexto seguinte.

No estudo de Soares (2008), realizado na cidade de Marabá, no Pará, a autora constatou que, em contextos linguísticos, em relação à tonicidade da sílaba, o ambiente tônico é mais favorável à vocalização da palatal /ʎ/ e, em ambientes átonos, à sua permanência, como, por exemplo, ‘trabal**h**ava → traba/ʎ/ava > traba[j]ava’ (Soares, 2008, p. 87). Para esta autora, a vocalização e o apagamento resultam do desligamento do traço consonantal primário da palatal, gerando a semivogal [j]. Além disso, verificou que o apagamento ocorreu somente em contexto precedente, a exemplo de ‘brilhando → bri/ʎ/ando > bri[j]ando > bri[Ø]ando’, o que ela atribui à ação do Princípio do Contorno Obrigatório².

Esse princípio proíbe segmentos idênticos na mesma sílaba e pode ser comparado ao fenômeno da monotongação, cujo apagamento acontece em estágio seguinte à vocalização: ‘ca**i**xa → ca[j]xa > ca[Ø]xa’. Esta justificativa pode ser questionável, em função da real motivação desse princípio, que se aplica a línguas tonais ou a eixos melódicos com elementos idênticos; contudo não se questiona a eliminação de uma das vogais e a consequente eliminação do ditongo.

Já na análise de Freire (2020), a manutenção da lateral palatal é favorecida no contexto seguinte em que se encontra a vogal labial nas realizações das palavras ‘milho’, ‘embrulho’ e ‘conselho’ em contraste com vogais de traços coronal e dorsal. Porém, no contexto precedente, a realização da lateral palatal /ʎ/ é mais favorecida entre vogais dorsais e coronais. Com relação à variável número de sílabas do vocábulo, Freire (2020) aponta para o favorecimento da aplicação da lateral palatal em vocábulos trissílabos, em detrimento a dissílabos e monossílabos. O aspecto social revelou os efeitos das variáveis sexo, faixa etária de quinze a vinte e cinco anos e nível de escolaridade de um a oito anos. O processo de variação é estável com preferência pela lateral palatal plena na comunidade pesquisada, o que estaria condicionado pela junção de fatores estruturais e externos.

Oliveira e Mota (2008) analisaram a lateral palatal em cinco capitais do Nordeste: João Pessoa-PB, Maceió-AL, Recife-PE, Salvador-BA, Teresina-PI e notou a maior ocorrência da manutenção de /ʎ/ nessas capitais. Outro fator a ser pontuado diz respeito à variável escolaridade, visto que houve um aumento nas ocorrências da vocalização e apagamento do /ʎ/, conforme a diminuição nos anos de escolaridade, em um efeito inversamente proporcional. Em relação ao sexo e à faixa etária para a variante vocalizada e o apagamento, segundo Oliveira e Mota (2008), há uma tendência ao favorecimento da

² Do inglês, *Obligatory Contour Principle* – OCP (Clements; Hume, 1995).

vocalização nas faixas etárias mais jovens e mais velhas relacionadas ao sexo masculino com peso relativo de .65 para os mais jovens e .62 para faixa etária mais velha.

Com relação ao apagamento, Oliveira e Mota (2008) destacam o favorecimento na fala de homens mais jovens, com peso relativo de (.70), a neutralidade na fala feminina da mesma faixa etária e a manutenção da palatal lateral em pessoas mais velhas, em ambos sexos. Dessa forma, Oliveira e Mota (2008) concluem o estudo observando a maior consciência linguística nas mulheres, da faixa etária mais velha, com a preservação da variante padrão.

Dos 915 dados analisados por Razky e Fernandes (2010), a manutenção de /ʎ/ em palavras como ‘barguilha → bargu/ʎ/a’ correspondeu a 97% contra 2% da vocalização, a exemplo de ‘zarolha → zaro[j]a’ e 1% do apagamento como em ‘grelha → gre[j]a’, em sete cidades do Estado do Pará. Na variável contexto precedente, a vogal média precedente fechada e a baixa central tiveram pesos relativos de (.82) e (.62), respectivamente, e foram favoráveis à manutenção da palatal. No contexto subsequente, o favorecimento de /ʎ/ é maior entre vogais médias precedentes e seguintes, com peso de (.69).

Sobre a localidade, em virtude da distância da capital, para as autoras, parece não haver relação de influência linguística entre a variável e a localização para a manutenção da consoante lateral palatal. Ademais, nas cidades analisadas, essa consoante foi mantida na maioria das ocorrências, independentemente da proximidade, o que pressupõe a não relevância da distância entre as localidades para a aplicação do segmento /ʎ/ neste contexto.

No entanto, os resultados das análises de dados de Castro (2006) mostraram tendência à semivocalização. Foram 139 ocorrências para a variável vocalizada, com percentual de 60% da amostra, ao lado de 91 aplicações da lateral palatal /ʎ/, o que representa 40% da amostra analisada. Esses números evidenciaram a predominância da variante vocalizada, confirmando a hipótese de Castro (2006) sobre a conservação da variante [j] na comunidade afrodescendente e distante dos grandes centros, resultado do contato linguístico, segundo a autora.

A lateral palatal, também foi um objeto de estudo concernente à aquisição da linguagem por crianças do Português Brasileiro. De acordo com Azambuja (1998), a aquisição das consoantes complexas³ no PB ocorre de forma tardia, entre 2,8 a 3 anos e aos 4 anos de idade, conforme estudos seguintes de Hernandorena e Lamprecht (1997).

³ De acordo com Bisol (2001), Clements e Hume (1995, p. 251) definem como consoantes complexas quando o nó da raiz for composto por dois traços articuladores em um único segmento com constrictões em conjunto.

Ferreira (2011) destaca que a aquisição da líquida /ʎ/ no português brasileiro é tardia, por ser de uma classe complexa do ponto de vista articulatorio, sendo dominada a partir de 3,6 anos. Para Azambuja (1998), o processo de aquisição de /ʎ/ não ocorre de forma linear, ou seja, neste período, há regressões com a substituição do /ʎ/ pelo /l/.

Neste sentido, Hernandorena (2003) explica que, pelo fato de o segmento /ʎ/ ter dupla articulação⁴, a variação dessa consoante é encontrada nas fases de aquisição de linguagem como um processo de formação da estrutura interna. De acordo com a autora, até a idade de 2,5 anos, no início da aquisição fonológica, a lateral palatal é realizada como /l/ ou como glide [j], o que, para a autora, demonstra a falta de ligação da estrutura interna que permite o surgimento do glide [j] como articulação secundária na superfície. A autora ressalta que somente em idade mais avançada a criança consegue articular as duas constrictões simultaneamente.

Seguindo esse raciocínio, Azambuja (1998) pontua que a troca de /ʎ/ por /l/ ocorre de maneira expressiva até a idade de aquisição, como em [‘olo] por olho, de forma que, segundo a autora, este fenômeno evidencia a não articulação conjunta com o nó secundário [j]. Azambuja observa que a troca de /ʎ/ por /ly/ ocorre com menor representatividade e tende a sumir nas faixas etárias iniciais. Com relação à vocalização, a autora afirma que há uma recorrência maior que perdura até a faixa etária final e vai diminuindo com o tempo, como na palavra palhaço por [pa‘yasɔ]. A autora descreve o apagamento de /ʎ/ como um processo de baixa incidência e de menor ocorrência do que a vocalização, a exemplo de [te‘ado], em vez de telhado.

Por fim, os resultados obtidos por Madureira (1987), com relação ao tipo de diferença que caracteriza o grupo social, evidenciam o uso da variante vocalizada com maior recorrência em grupos sociais menos favorecidos, atingindo 50% para este grupo, contra 10% no grupo social favorecido.

Nesta seção, apresentamos vários estudos realizados que demonstram como a consoante /ʎ/ se comporta diante de variáveis linguísticas e extralinguísticas, relacionando os fenômenos que favorecem a manutenção da lateral palatal com a presença das variantes atribuídas a ela. Também tratamos, brevemente, deste segmento do ponto de vista de sua aquisição.

Na próxima seção, apresentamos o embasamento teórico desta pesquisa.

⁴ Detalhado na página 22 deste estudo.

3 ELEMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, discorreremos sobre os modelos teóricos a serem utilizados na descrição e análise dos fenômenos envolvendo a lateral palatal /ʎ/. Neste trabalho, o empreendimento descritivo, do ponto de vista teórico, é suportado por propostas de natureza gerativistas.

3.1 A Fonologia Linear

Conforme Matzenauer e Bisol (2001), no modelo gerativo apresentado por Chomsky e Halle (1968), todo falante tem uma representação mais abstrata, ou seja, fonológica, e uma de superfície – a fonética – das diversas unidades do léxico do sistema linguístico a que pertence. Nesse contexto, Chomsky e Halle (1968) apresentam os traços distintivos e os definem como propriedades mínimas, que, no nível fonológico, são abstratos, binários e capazes de identificar os contrastes fonológicos da língua. No nível fonético, os traços distintivos são descritos como evento da fala “por meio do ponto de vista de produção” ou “representação perceptual” (Matzenauer, 2001, p. 17). Os traços são apresentados por meio de uma matriz fonológica, em que cada linha da matriz contém a identificação dos traços fonológicos.

Assim, pelos preceitos teóricos de Chomsky e Halle (1968), a consoante /ʎ/ pode ser considerada dorso-palatal em relação ao ponto de articulação, constritiva oral quanto ao modo de articulação e sonora em relação às cordas vocais (Ferreira, 2011). As laterais são sons produzidos com o abaixamento do véu palatino, a elevação da lâmina da língua e o abaixamento da língua ao centro, de forma que o ar saia pelas laterais (Chomsky; Halle, 1968 *apud* Ferreira, 2011). Por exemplo, pelo modelo linear, a regra de vocalização da lateral palatal /ʎ/ teria a seguinte descrição estrutural:

REGRA: /ʎ/ → [j] / — V:



Fonte: Matzenauer e Hora (2021)⁵

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/0s4ufrnE3KY?si=bExHCAAhXfnMlxf2>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Onde se lê: Uma consoante lateral palatal /ʎ/ torna-se semivocalizada [j], diante de vogal.

Desta forma, de acordo com a concepção gerativa para a lateral palatal /ʎ/, a matriz resumida pode ser exemplificada como:

$$\begin{bmatrix} + \text{ lateral} \\ - \text{ anterior} \end{bmatrix}$$

Fonte: Freire (2016, p. 34)

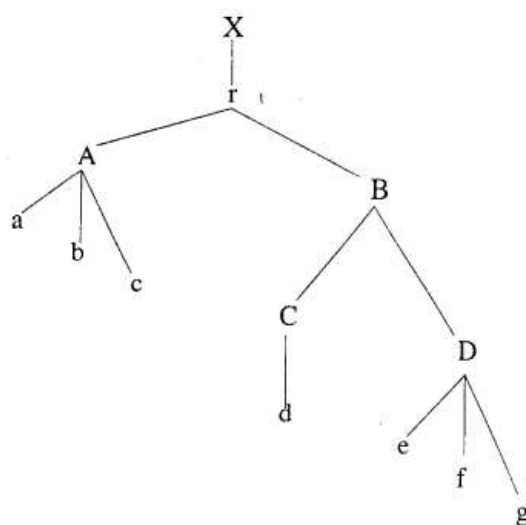
3.2 A Geometria de Traços

A despeito da relevância da teoria gerativa padrão de Chomsky e Halle (1968) para o estudo linguístico, “[...] a fonologia autosegmental, tal como proposta por Goldsmith (1990), postula [...] uma representação subjacente para cada forma a ser analisada; níveis hierarquicamente distribuídos” (Biondo, 1993, p. 37) e princípios que atuam de forma autônoma, selecionada e ativada de maneira diferente pelas línguas.

Neste sentido, a Fonologia Autosegmental difere da teoria linear por não considerar uma relação bijetiva – ou seja, de um-para-um – na caracterização dos segmentos e sua matriz de traços, pois os traços podem ir além ou aquém de um segmento e, mesmo após o seu apagamento, não desaparecem todos os traços que o formam, como propunha o gerativismo clássico e linear. Desta forma, para a teoria autosegmental, dentro de um segmento há uma estrutura na qual os traços funcionam isoladamente ou em conjunto analisados em camadas, ou *tiers* (Matzenauer, 2001).

Clements e Hume (1995 *apud* Matzenauer, 2001) “propuseram uma geometria de traços”, cujos segmentos internos apresentam uma estrutura interna por meio de nós hierárquicos e organizados, conforme a Figura 2:

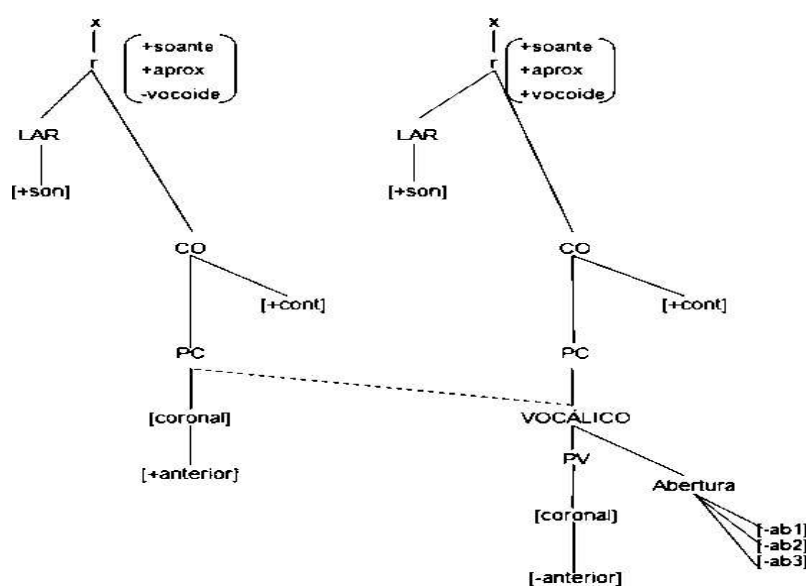
Figura 2 – Geometria de Traços



Fonte: Matzenauer (2001, p. 249)

Nesta perspectiva, Hernandorena (1999) e Wetzels (2000), que consideram a líquida palatal como uma consoante complexa, explicam que o processo de palatalização dessa consoante ocorre na estrutura interna do segmento /ʎ/, que é composto de uma articulação secundária [j], gerado pelo espraçamento do nó vocálico da semivogal /i/ para o ponto de consoante da lateral alveolar /l/ resultando em /ʎ/. A representação desse processo por meio da Geometria de Traços é apresentada por Neuschrack e Matzenauer (2012) como ilustrado na Figura 3, a seguir:

Figura 3 – Formação da líquida palatal /ʎ/

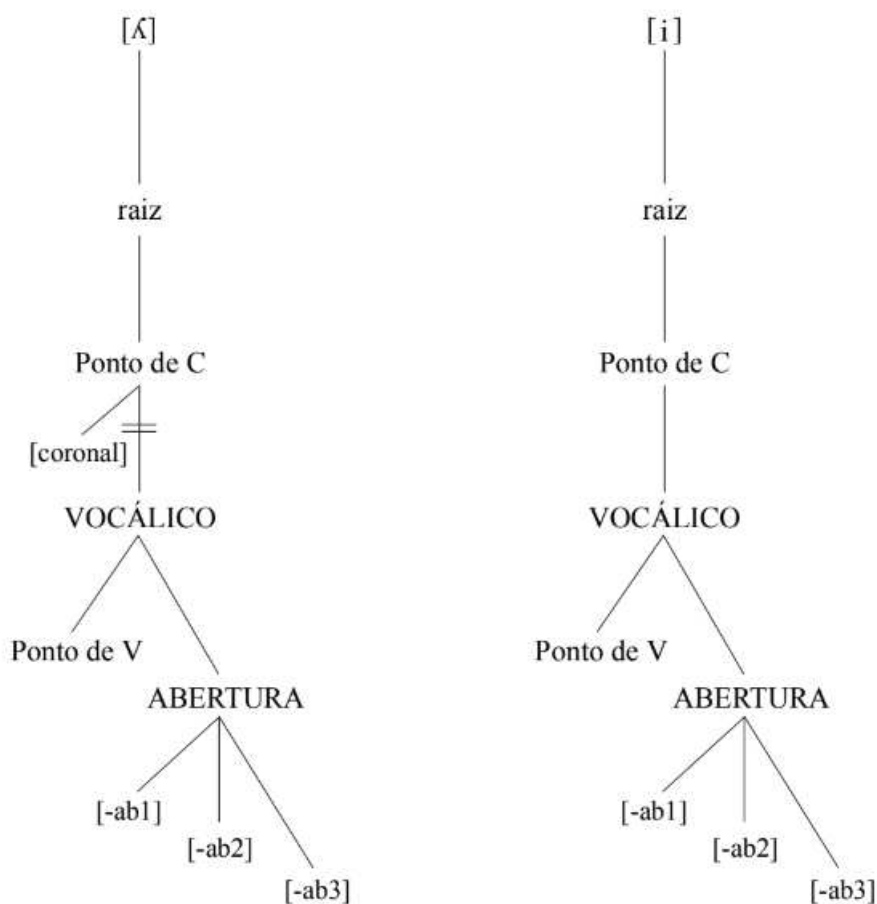


Fonte: Neuschrack; Matzenauer (2012, p. 35)

Na Figura 3, há o espraçamento do nó vocálico da vogal /i/ para o ponto de consoante da lateral alveolar /l/, fazendo com que a consoante simples passe a ter uma dupla articulação.

Segundo Matzenauer e Lamprecht (1997), um exemplo do caso reverso, ou seja, da despalatalização que origina a variante /lj/, é o diminutivo de ‘velha’ que passa a ser ‘velinha’, em vez de ‘velhinha’. Para as autoras, a explicação para este fenômeno é o desligamento do nó vocálico diante da vogal /i/ do sufixo diminutivo /inha/. Para que não haja dois elementos idênticos adjacentes – o [j] da articulação secundária de /ɬ/ e o /i/ do sufixo /inha/ – ocorre o apagamento do [j] do nó secundário do segmento /ɬ/, restando somente o segmento consonantal /l/, como representado por Souza (2003) na Figura 4 abaixo:

Figura 4 – Despalatalização do /ɬ/ no sistema do PB



Fonte: Souza (2003, p. 66)

A Figura 4 mostra, por meio da Geometria de Traços, que não há o apagamento total dos traços, como propõe a Fonologia Linear, mas, sim, uma alteração em um ou mais nós do segmento. Conforme Hernandorena (1999), existe o espraçamento do nó vocálico da vogal /i/

para a palatalização. Já a despalatalização e a semivocalização ocorrem quando há resultam do desligamento do traço vocálico secundário e do traço consonantal primário, respectivamente.

3.3 A Teoria da Variação

Diferentemente da forma foneticamente condicionada, como era concebida a mudança linguística pelos neogramáticos, para quem a língua é um objeto de estudo dissociado do falante, Labov (2008) considera os aspectos extralinguísticos como fatores que também podem influenciar a interpretação da variação e da mudança linguística. Para esse linguista, a avaliação social, até então entendida pelos estruturalistas como sentimentos sobre a língua não abrangidos pela linguística (Bloch; Trager, 1942), deve ser integrada para explicar a mudança nos sistemas. Nasce, assim, a sociolinguística laboviana, que desenvolveu uma metodologia de pesquisa de campo bastante criteriosa concernente à variação e à mudança linguística. Essa metodologia envolve a seleção do informante, a metodologia de coleta de dados, o envelope de variação, o levantamento de questões e hipóteses, a codificação de dados e análises estatísticas (Coelho *et al.*, 2012). Este modelo estatístico descreve quantitativamente um fenômeno variável para “analisar, aprender e sistematizar as variantes linguísticas” (Ferreira, 2011, p. 44).

Para a Teoria da Variação, a língua é heterogênea a qual, de acordo Labov (2008), é definida pelos aspectos sociais da linguagem com diferentes fatores sociais que desencadeiam variação e mudança linguísticas. Explicações para essa heterogeneidade sistêmica e ordenada podem ser encontradas em fatores externos ao sistema linguístico, não se resumindo aos processos internos à língua (Lucchesi; Araújo, 2022). Neste contexto, encontram-se alguns estudos com foco no segmento /k/. Segundo Bergo (1986, p. 70), a despalatalização que precede a vocalização deste segmento constitui um “fenômeno fonético de caráter individual ou regional”.

Para o estudo da variação do segmento /k/, com base na Teoria da Variação, consideramos fatores sociais, como, o sexo e a idade do entrevistado, como favorecedores ou não da variação desta consoante, na fala dos habitantes da Cidade de Goiás, além dos fenômenos linguísticos internos e externos. Assim, propomos este estudo utilizando a metodologia da Sociolinguística Variacionista.

3.4 A Sociolinguística Variacionista

A partir da década de 1960, vários trabalhos surgiram com interesse na variação presente nos sistemas linguísticos. O objetivo desses estudos era explicar a escolha do falante de uma comunidade por determinada variável em detrimento de outra. O indivíduo torna-se, então, agente ativo no processo de descrição das línguas, a partir da sua comunidade de fala.

Com base em pesquisas desenvolvidas no âmbito da variação, em um Congresso realizado em 1964, vários pesquisadores, dentre eles, William Labov, caracterizaram uma nova área de estudos: a Sociolinguística, sendo, pois, o precursor desse modelo teórico-metodológico. Mesmo não sendo o primeiro linguista nesse cenário investigativo, o diferencial de Labov foi a apresentação de um modelo de análise, em contraposição à ausência “do componente social” no modelo gerativista.

Schwindt (1995) destaca que, para Labov (1969), a forma de falar uma ou mais coisas é tratada pela regra das variáveis. Desses pressupostos, para a Sociolinguística Variacionista, a variação não corresponde somente a fatores internos, mas, também, a fenômenos externos sociais como processos que interferem nas variáveis. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), a heterogeneidade é uma característica dos sistemas linguísticos, além de se constituir num fundamento da teoria da variação. Desse modo, a teoria variacionista desenvolveu métodos rigorosos para averiguar e analisar a variação da língua em uma comunidade de fala, como também destaca Quandt (2014).

No modelo teórico-metodológico da sociolinguística, Labov (2008) propõe uma ciência da linguagem social que analisa a probabilidade de influência entre as variantes e o meio social. Por exemplo, em seu trabalho realizado na ilha de Martha's Vineyard, no estado norte americano de Massachusetts, o autor observou aspectos fonéticos, como a centralização das vogais dos ditongos decrescentes em palavras como ‘light’ → /*laɪt*/ = [əɪ] e ‘house’ → /*haus*/ = [əʊ] Finbow (2011), decorrentes da influência dos colonos ianques e, segundo o linguista, de fatores como idade, sexo, origem étnica e atitude do comportamento dos moradores da ilha. Guy e Zilles (2007) complementam que, dentro da análise da variação, é necessário especificar as variáveis independentes e as dependentes que serão investigadas e que poderão ser favoráveis ou não aos segmentos na investigação.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, abordamos a metodologia utilizada nesta pesquisa, apresentando dados relativos à cidade de Goiás, além de descrever as variáveis dependentes, independentes, a amostra e os demais aspectos do procedimento metodológico.

4.1 O Estado de Goiás

A formação do Estado de Goiás ocorreu, principalmente, com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo, em busca de metais preciosos, no final do século XVII. A cultura do Estado resulta do contato entre nativos indígenas, negros e os bandeirantes. Esse contato contribuiu para a formação de cidades como Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Goiás. O nome Goiás teve origem de uma tribo indígena “guiás”, transformando-se mais tarde em Goiás, palavra que vem do tupi “gwaya” e significa indivíduo igual, pessoas semelhantes, da mesma raça⁶. Na Figura 5, encontramos o mapa do Estado de Goiás:

Figura 5 – Mapa do estado de Goiás



Fonte: Stock Adobe⁷

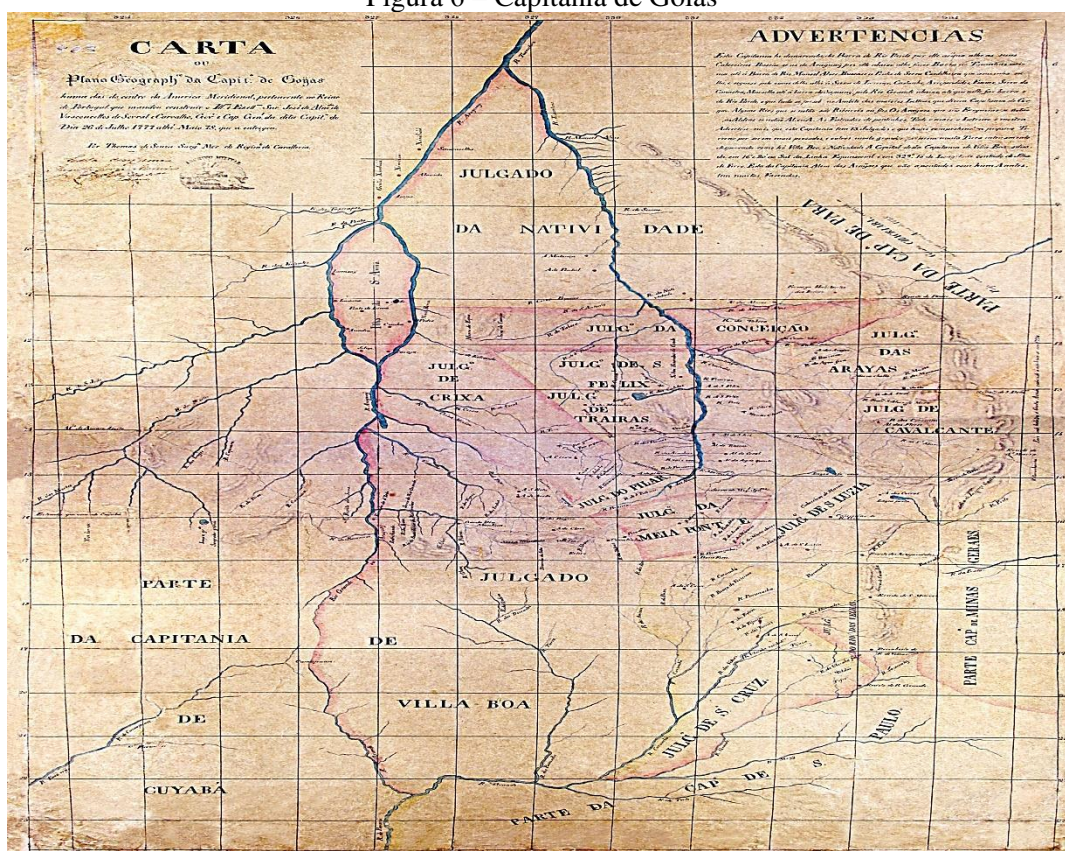
⁶ Disponível em: https://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=145. Acesso em: 24 fev. 2024.

⁷ Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

O Estado de Goiás permaneceu como capitania de São Paulo até o ano de 1749, quando se tornou independente. No entanto, com a escassez do ouro, a economia enfraqueceu-se regredindo à rural de subsistência. A partir de 1940, este cenário começou a mudar com a “Marcha para o Oeste”, juntamente com a construção de Brasília, em 1950, que trouxe maior desenvolvimento para a região e o crescimento do Estado como demonstrado na Figura 5 acima.

A Cidade de Goiás está localizada a 144 km da capital Goiânia, na região noroeste de Goiás, e teve a sua colonização no século XVIII e XIX ligada aos bandeirantes de São Paulo, sobretudo, em virtude da descoberta de ouro próximo ao Rio Vermelho. Governada inicialmente pelo bandeirante Bartolomeu da Silva, a cidade foi nomeada, no início de sua consolidação, como Vilarejo de Santana, forma encontrada pelo bandeirante para controlar as minas. Seguintemente, transformou-se capitania de Goiás, momento em que se figurou como uma pequena capital local, como mostra a Figura 6 a seguir:

Figura 6 – Capitania de Goiás



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal⁸

⁸ Disponível em: <https://www.arpdf.df.gov.br/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Mais tarde, com o fim da exploração do ouro, a Cidade de Goiás entrou em um processo de estagnação, mas conservou o traço da mineração. Em 1978, foi declarada patrimônio mundial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁹. Abaixo, a Figura 7 mostra como a Cidade de Goiás mantém as características históricas do período da mineração:

Figura 7 – Centro Histórico da Cidade de Goiás



Fonte: IPHAN¹⁰

Como demonstrado, na Figura 7, a cidade de Goiás guarda aspectos históricos relevantes como casarões históricos. Além dessas, tem-se, também, locais como a Igreja do Rosário, que era destinada aos escravos e situa-se à margem direita do Rio Vermelho. À esquerda do Rio, concentram-se os edifícios oficiais de maior representatividade na época de sua construção, como a Matriz de Santana, o Palácio do Governo (Conde dos Arcos) e o Quartel dos Vinte. A cidade também é conhecida por suas personalidades célebres, como os escritores Hugo de Carvalho Ramos, Veiga Vale e a poetisa Cora Coralina e a localização da cidade pode ser vista na Figura 8:

⁹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/36>. Acesso em: 24 fev. 2024.

¹⁰ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Figura 8 – Localização da cidade de Goiás no estado de Goiás



Fonte: Guiamapa (GO)¹¹

Nos dias atuais, a cidade conta com uma população estimada de 22.122 habitantes, conforme dados do IBGE 2021. Em 2010, a taxa de escolarização estava em 98,2% o que deu a cidade 1768^o, se comparado a outros municípios do Brasil, ducentésima quadragésima sexta posição no Estado de Goiás e sexta colocação na região geográfica imediata.

4.2 A formação do banco de dados

Conforme Mollica e Braga (2015), a dificuldade para selecionar a amostra de uma pesquisa está no fato de que, quando o número de habitantes da localidade é extremamente grande, impossibilita um estudo com todos os moradores da comunidade escolhida. As autoras ressaltam que, mesmo em comunidades pequenas, é “difícil” pesquisar todos os indivíduos, o que permite, então, realizar amostras relativas, como a dessa pesquisa.

Nesta pesquisa, utilizamos o *corpus* do banco de dados de fala do estado de Goiás, da Universidade Federal de Goiás, que contém inquéritos de amostras relativas à Cidade de Goiás. Esse banco de dados é resultado do projeto “Português Contemporâneo Falado em

¹¹ Disponível em: <https://guiamapa.com/go>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Goiás – Fala Goiana”, iniciado em 2004, com a participação de pesquisadores do grupo de estudos funcionalista da UFG. O projeto do grupo funcionalista é filiado à linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística Indígena e Demais Línguas Naturais: Estudo fonético, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, histórico-comparativas e tipológicas.

O banco de dados conta com entrevistas de informantes da Cidade de Goiás e de Goiânia; no entanto optamos pelos falantes da cidade de Goiás pelo fato de não haver entrevistas suficientes de Goiânia, além de algumas não constarem a idade dos falantes. Os informantes estão na faixa etária entre 20 e 70 anos, têm nível fundamental I de escolaridade, com média de até quatro anos de estudo, e foram divididos quanto ao sexo - masculino ou feminino.

De acordo com Silva (2005), foi gravada uma hora de fala para cada informante em inquéritos do tipo DID, ou seja, diálogo entre entrevistador e informante, que foram integralmente transcritos foneticamente e ortograficamente. Para a gravação das entrevistas, foi usado um roteiro de perguntas comuns a todos os informantes. As perguntas eram sobre experiências pessoais, para que se obtivesse o maior grau de informalidade e menos controle da fala por parte do entrevistado. Para essa pesquisa, foram selecionados doze inquéritos, que foram divididos em três faixas etárias para ambos os sexos, conforme exposto no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Informantes

Grupo 1: quatro informantes	2 masculinos/ 2 femininos	20 a 30 anos
Grupo 2: quatro informantes	2 masculinos/ 2 femininos	31 a 53 anos
Grupo 3: quatro informantes	2 masculinos/ 2 femininos	De 54 anos acima

Fonte: Elaboração Própria

4.3 As variáveis

O fenômeno da variação linguística ocorre em todos os sistemas linguísticos, evidenciando formas linguísticas diversas para se falar a mesma coisa, conforme afirma Guy (2006), sob a perspectiva de Labov (1972). Desse modo, a variação linguística como forma alternativa dentro do sistema de representação de um mesmo fenômeno é denominada de variante, como expõem Mollica e Braga (2015).

As essas variantes atribuem-se o fenômeno variável dependente, pelo fato de que o uso das variantes não ocorrer de maneira desordenada ou aleatória, mas condicionado às variáveis independentes, ou seja, de natureza externa social ou interna estrutural (Mollica; Braga, 2015). Assim, caberá ao presente estudo a investigação das formas variáveis do segmento /ʎ/.

4.4 A variável dependente

A variável dependente é o fenômeno que se pretende estudar. Neste trabalho, são os fenômenos envolvendo a lateral palatal /ʎ/. Como as variantes desta variável, apresentam-se:

/ʎ/ – manutenção do segmento, como em ‘me /ʎ/or’, “melhor”;

[j] – vocalização, como em ‘traba[j]o’, “trabalho”;

[Ø] – apagamento, como em ‘fi[Ø]o’, “filho”.

4.4.1 A variável independente

A variável independente corresponde ao grupo de hipóteses acerca do que se pretende investigar e se relaciona a elementos internos (linguísticos) ou externos (extralinguísticos). Dela dependem as variáveis dependentes.

A variável independente linguística consiste no estudo de fatores internos que favorecem ou desfavorecem a ocorrência de um segmento, neste estudo, a lateral palatal /ʎ/ e suas variantes, levando-se em conta a influência do segmento antecedente ou subsequente na sua manutenção ou variação.

Mollica e Braga (2015) ressaltam que os estudos estruturalistas já faziam a investigação da flutuação de pronúncia de um segmento. No entanto, outros conceitos foram

agregados através dos estudos variacionistas, além de quantificar os achados da pesquisa, por meio do modelo estatístico de cálculo.

Por outro lado, a variável independente extralinguística corresponde aos fatores externos ao sistema linguístico que podem favorecer ou desfavorecer a ocorrência de determinada variante.

A seguir, apresentamos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que foram selecionadas para esta pesquisa.

4.4.2 As variáveis linguísticas

Nessa subseção, apresentamos os contextos linguísticos internos que favorecem ou desfavorecem a ocorrência das variantes em estudo.

a) Contexto precedente

Estudos, como os de Madureira (1987) e Soares (2008), mostram que, no PB, a variação de /ʎ/ pode ocorrer dependendo do segmento imediatamente precedente e seguinte a essa consoante. No contexto precedente, observaremos a presença de:

- vogal dorsal: ‘trabalhar’;
- vogal coronal: ‘velho’, ‘maravilha’;
- vogal labial. ‘barulho’, ‘colher’.

b) Contexto seguinte

Freire (2011) e Soares (2008) mostram a influência do contexto imediatamente seguinte para a variação de /ʎ/. Desta forma, para a realização de /ʎ/ e de suas variantes, consideraremos como fatores do contexto seguinte:

- vogal dorsal: ‘trabalha’, ‘maravilha’;
- vogal coronal: ‘colher’, ‘velhinha’;
- vogal labial: ‘barulho’.

c) Tonicidade

Para Pinheiro (2009), a variação terá maior recorrência em virtude da distância da sílaba tônica, ou seja, quanto mais afastado o segmento em análise estiver da sílaba tônica, maior será a probabilidade de variação, destacando, assim, a vulnerabilidade da sílaba átona. Soares (2008), porém, constatou que, em contextos tônicos, as variantes não palatais de /ʎ/ são as que obtêm maior realização, sendo a lateral palatal / ʎ/ mais aplicada em contexto átono pretônico. Neste trabalho, consideramos a tonicidade da sílaba em que a palatal se encontra:

- sílaba tônica: ‘trabalhar’, ‘mulher’;
- sílaba átona: ‘filho’, ‘filha’.

d) Classe de palavras

Por meio da variável classe de palavras, pretendemos verificar a relevância da categoria lexical para a realização de /ʎ/ e de suas variantes. Segundo Viegas (1987), as diferentes classes de palavras podem influenciar na variação, correspondendo a um processo morfossintático. Neste estudo, consideramos as seguintes classes de palavras para a variação do segmento /ʎ/:

- verbo: ‘trabalhar’, ‘olhar’;
- substantivo: ‘filho’, ‘olho’;
- adjetivo: ‘maravilhosa’, ‘vermelhinha’.

e) Tamanho da palavra

De acordo Freire (2011) estudos realizados na fala de informantes de João Pessoa, na Paraíba, demonstraram que o tamanho dos itens lexicais, em destaque para palavras com mais de duas sílabas, favorece o apagamento da oclusiva dental /d/ no conjunto de ‘ndo’ no fenômeno pesquisado pela autora.

Dessa forma, pretendemos averiguar a influência do número de sílabas na variação da lateral palatal /ʎ/:

- Em palavras dissílabas: ‘colher’, ‘olho’;
- Em palavras trissílabas: ‘trabalhar’, ‘trabalho’;
- Em palavras polissílabas: ‘maravilhosa’, ‘vermelhinha’.

f) Item Lexical

De acordo Madureira (1987) o item lexical ‘trabalhar’ foi recorrente na variação da lateral palatal, o que evidência a influência desse vocábulo na variação da lateral palatal. Averiguaremos, nas primeiras análises, a maior influência na manutenção ou variação da lateral palatal /ʎ/ por meio dos vocábulos:

- ‘mulher’;
- ‘trabalhar’;
- ‘filho’

Por apresentar multicolineariedade¹² dentro do modelo de regressão logística binária, não constaremos a variável para efeitos mistos aleatórios, no entanto, verificaremos se os itens lexicais ‘filho’, ‘mulher’ e ‘trabalho’, influenciam nos resultados, como observado por Soares (2008) em relação à palavra ‘trabalho’.

4.4.3 As variáveis extralinguísticas

Conforme Tarallo (1997), as variáveis extralinguísticas são todos os fatores que estão fora do contexto “estritamente linguístico”. Nesta pesquisa, consideramos as variáveis extralinguísticas apresentadas a seguir.

4.4.4 A variável sexo

Vários estudos de natureza sociolinguística consideram que da variável sexo é determinante para dar conta da variação e da mudança linguística. De acordo com Paiva (2015) e Mollica e Braga (2015), diversas pesquisas evidenciam a dimensão social dos processos de mudança relacionados ao sexo do falante. Fischer (1958) fez a primeira relação entre a variação linguística e a variável sexo. Segundo a autora, o uso da forma de prestígio ocorreu com maior incidência na fala feminina. Estudos seguintes atestaram a influência desta variável em diferentes processos, tanto no nível fonológico, morfossintático quanto semântico.

¹² Segundo Freund *et al.* (2006), a multicolinearidade pode ser definida como alto grau de correlação entre as variáveis independentes.

Nesta pesquisa, analisaremos a influência da variável sexo (feminino e masculino) no fenômeno em estudo.

4.4.5 A variável faixa etária

A análise da variável faixa etária deve-se ao fato de a idade ser uma possível sinalizadora da mudança linguística. De acordo com Labov (2008), a mudança iniciada em um subgrupo de uma comunidade de fala tende a ser repassada para as futuras gerações, o que pode ser relacionado, possivelmente, ao desempenho da variável em falantes de diferentes gerações.

Neste estudo, para a análise variacionista, com o objetivo de verificar a correlação da aplicação das variantes relacionadas à idade dos indivíduos, selecionamos três grupos:

- a) grupo I: 20 a 30 anos;
- b) grupo II: 31 a 53 anos;
- c) grupo III: 54 anos ou mais.

4.4.6 A variável escolaridade

As doze amostras do banco de dados de fala de Goiás contêm entrevistas de informantes que cursaram até o ensino fundamental nível 1 (primeiro ao quinto ano do ensino fundamental). A estatística, no entanto, requer, ao menos, uma variável preditora¹³ dicotômica para que se tenha influência sob a variável resposta¹⁴. Assim, devido à homogeneidade dos informantes em relação à escolaridade, essa variável não será analisada neste estudo.

4.4.7 Informante

Na análise multivariada, consideraremos para efeitos mistos aleatórios a variável informante, pois é sabido que os dados não estão desassociados aos informantes que podem contribuir com várias palavras associadas a um mesmo falante (Lima Jr., 2022).

¹³ Variável independente.

¹⁴ Variável dependente.

4.5 O tratamento dos dados

Para a obtenção dos dados das doze entrevistas transcritas do banco de dados de fala de Goiás, selecionamos palavras que continham o segmento /k/ e suas variantes. Após a seleção, essas palavras foram anotadas e transcritas ortograficamente em uma planilha, a fim de formar um banco de dados no Excel. Para que pudessem ser lidos pelo programa RStudio, sem dificuldade com algum caractere, transferimos os dados para o *BrOffice*, salvando-os em *Comma Separated Values* – CSV em formato UTF-08 (UNICODE). Por esse formato, é possível fazer a leitura de caracteres especiais no programa RStudio.

4.5.1 O programa R

O R é uma linguagem de programação para cálculos estatísticos e gráficos, criada por Ross Ihaka e Robert Gentleman, no departamento de estatística da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, com a colaboração de diversas pessoas de diferentes locais do mundo¹⁵. Além disso, o R abrange, hoje, várias áreas do conhecimento por meio da versatilidade do uso de pacotes, que são bibliotecas para essa diversidade de saberes, além dos pacotes nativos do programa que também permitem análises variadas.

Diante desses fatos, a popularidade do R teve uma grande abrangência de uso por diversos pesquisadores de diferentes áreas do saber. Nesse sentido, foram desenvolvidas várias ferramentas, dentre elas, o programa utilizado nesta pesquisa, o RStudio, a fim de tornar o R mais acessível e, assim, facilitar o trabalho de diferentes usuários.

4.5.2 Os recursos estatísticos

O programa R, pode ser usado para analisar uma ampla variedade de técnicas estatísticas com modelos lineares e não lineares. Ademais, vários testes estatísticos clássicos com gráficos podem produzir imagens com qualidade para publicação. Por meio do RStudio, *interface* do programa R, podemos obter uma análise multivariada correlacionando vários

¹⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/software-educacional-livre-na-wikipedia/r-linguagem-de-programacao/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

aspectos que podem influir na realização de um fenômeno (Lima Jr., 2022)¹⁶. Para Johnson e Wichern (2007), a possibilidade de se considerar fatores aleatórios na análise multivariada, em que são selecionadas somente variáveis com correlações fortes entre si, traz resultados de maior confiabilidade. Na seção, a seguir, trataremos, então, das análises de dados e fonológicos.

¹⁶ Disponível em: <https://ronaldolimajr.github.io/quant-data-analysis/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Análises qualitativas da lateral palatal /ʎ/

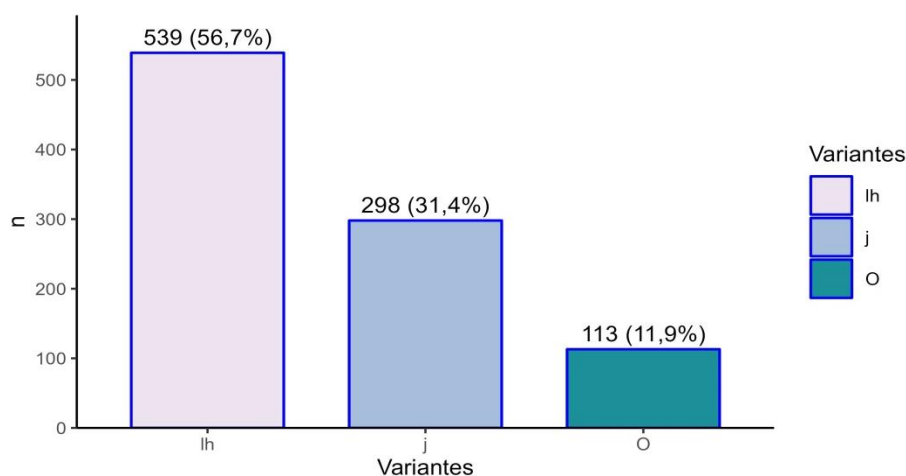
No *corpus* do banco de dados analisado, encontramos 950 ocorrências para a variável /ʎ/ e suas variantes. Na Tabela 1, a seguir, apresentamos o número total de ocorrências com as respectivas proporções e porcentagens:

Tabela 1 – Ocorrência total das variantes na Cidade de Goiás

	Total (N=950)
VARIANTE	
lh	539 (56,7%)
j	298 (31,4%)
O	113 (11,9%)
Total	950 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 1 temos uma descrição das frequências absolutas de cada variante, exemplificando os dados da Tabela 1. Dessa forma, observamos que a frequência absoluta da variante /ʎ/ e [j] e a frequência relativa, apresentada em porcentagem, totalizam juntas 88% dos dados encontrados na amostra, como ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Ocorrência total das variantes¹⁷

Fonte: Elaboração Própria

Conforme exposto na Tabela 1 e ilustrado no Gráfico 1, a manutenção de /*ʎ*/ ocorre em 56,7% da amostra, os casos de vocalização representam 31,4% das ocorrências e 11,9% são de apagamento. Salientamos que não houve ocorrências para despalatalização, porém, só analisamos as transcrições e não os áudios das gravações não estavam disponíveis reconhecemos, portando, a limitação deste estudo, quanto a este aspecto.

A variante [j] aparece nos dados como a segunda mais utilizada pelos falantes da Cidade de Goiás, o que pressupõe, de acordo com Amaral (1920), o recorrente uso da vocalização no dialeto caipira oriundo do contato linguístico. Por fim, o uso do apagamento representa 11,9% da amostra. Esse fenômeno não é muito significativo, conforme afirmam Soares (2003, 2008) e Castro (2006), que também não encontraram dados expressivos do apagamento em seus estudos.

5.2 Análise qualitativa univariada das variáveis independentes

5.2.1 Contexto precedente

Com relação às vogais em contexto precedente, a presença da vogal dorsal representa o maior número de ocorrências na amostra, na soma da manutenção, da vocalização e do apagamento da lateral palatal /*ʎ*/, com 37,7%, seguida da coronal, com 35,7% de ocorrências,

¹⁷ A variável /*ʎ*/ e [j] representam 56,6% e 31,4% e juntas representam um total de 88%.

e labial com 26,6%. Esses números são semelhantes aos resultados obtidos por Castro (2006), em que a dorsal teve mais ocorrências, seguida da coronal. As porcentagens referentes aos dados de Goiás estão na Tabela 2, a seguir:

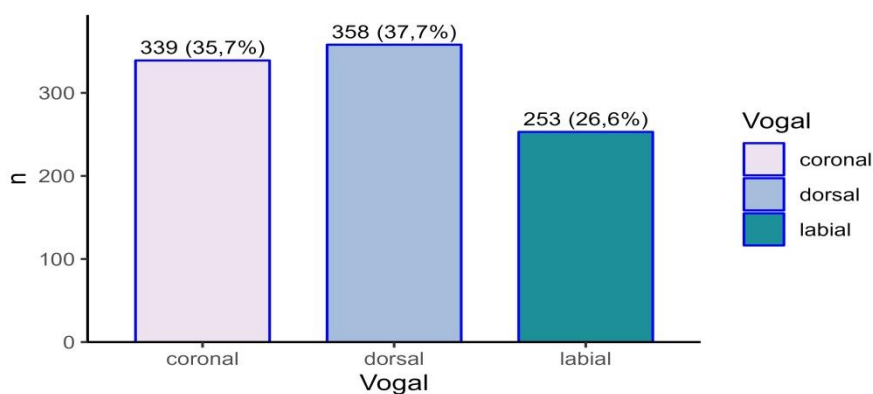
Tabela 2 – Presença de vogais em contexto precedente

	Total (N=950)
VOGAL PRECEDENTE	
Dorsal	358 (37,7%)
Coronal	339 (35,7%)
Labial	253 (26,6%)
Total	950(100%)

Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 2 permite visualizar com maior clareza o maior número de ocorrência da vogal dorsal em contexto precedente, em se comparando com as demais vogais na amostra analisada, como observamos abaixo:

Gráfico 2 – Ocorrência total das vogais em contexto precedente



Fonte: Elaboração Própria

5.2.2 Contexto seguinte

No contexto seguinte à palatal, as vogais com maior distribuição nessa amostra foram a dorsal e a labial com 405 e 364 ocorrências, respectivamente. Esse resultado coincide, em parte, com o estudo de Madureira (1987), em que a vogal dorsal corresponde a 399 ocorrências do total de 734 da amostra, e as coronais 69 ocorrências para o total dos dados

referentes à manutenção e à variação da lateral palatal. Diferentemente do estudo da autora, nesta pesquisa, a vogal labial teve a segunda maior quantidade de ocorrências, conforme representado na Tabela 3 e no Gráfico 3, a seguir:

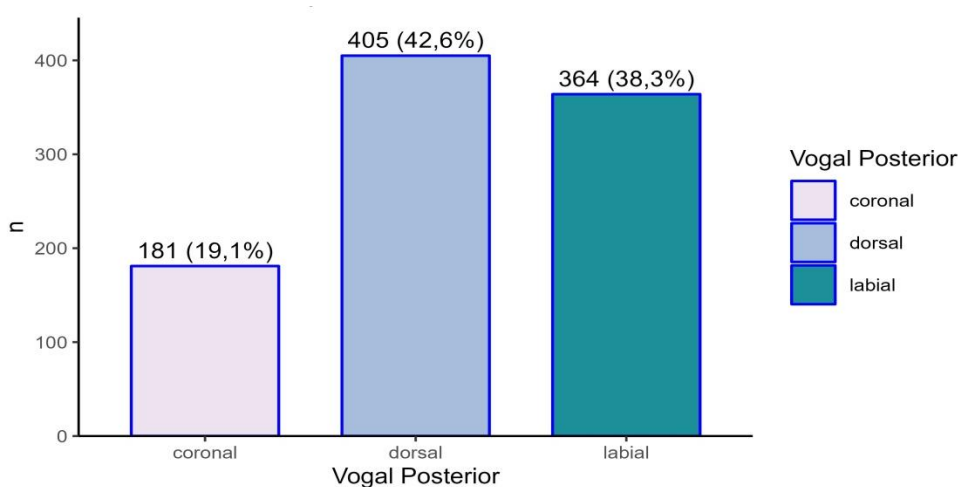
Tabela 3 – Proporção e percentual total das vogais seguintes para manutenção, apagamento e vocalização da lateral palatal /ɫ/

	Total (N=950)
VOGAL SEGUINTE	
Dorsal	405 (42,6%)
Coronal	181 (19,1%)
Labial	364 (38,3%)
Total	950 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 3 ilustra, comparativamente, a realização das vogais em contexto seguinte, com a ocorrência da vogal dorsal bem acima das demais. Somando-se os casos em que a dorsal e a labial ocorrem, obtém-se um total de 769 dados, o que equivale a 80% da amostra, como descritos a seguir:

Gráfico 3 - Ocorrência total das vogais seguintes



Fonte: Elaboração Própria

5.2.3 Tonicidade

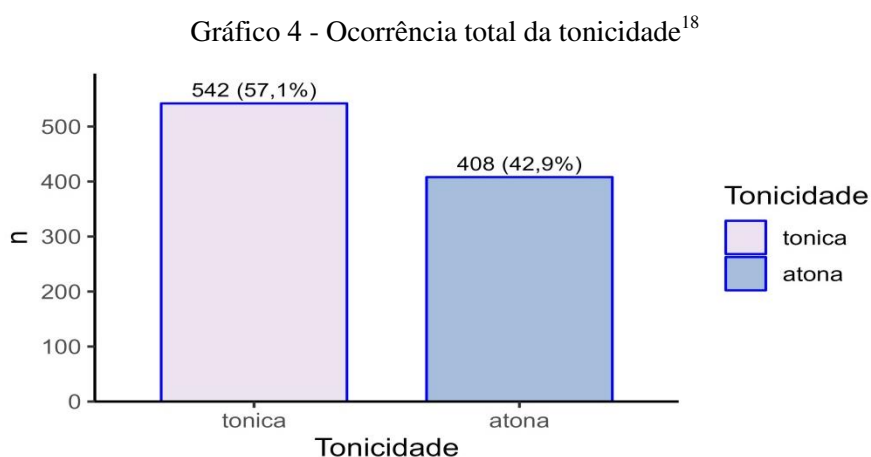
Com relação à tonicidade, as sílabas tônicas tiveram 542 ocorrências contra 408 das sílabas átonas. No entanto, em comparação com os resultados obtidos por Madureira (1987), as sílabas tônicas tiveram um maior número de ocorrências, foram 393, ao passo que as sílabas átonas tiveram 341. Os números referentes à presença do contexto de análise desta pesquisa, considerando-se o fator tonicidade estão na Tabela 4 e no Gráfico 4:

Tabela 4 – Proporção e percentual total da tonicidade para manutenção, apagamento e vocalização da lateral palatal /ʎ/

Total (N=950)	
TONICIDADE	
Átona	408 (42,9%)
Tônica	542 (57,1%)
Total	950 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 4, permite-nos observarmos melhor os dados da Tabela 4 em que as sílabas tônicas representam 57% da amostra:



Fonte: Elaboração Própria

¹⁸ Sílabas tônicas representam 57% da amostra.

5.3 Análise qualitativa bivariada

Por meio das amostras transcritas do banco de dados de fala de Goiás, apresentamos, a seguir, a ocorrência de fatores incidentes no apagamento, na manutenção e na vocalização da lateral /ʎ/.

5.3.1 Contexto precedente

Os resultados apresentados na Tabela 5 mostram o total absoluto e o percentual de ocorrência das vogais em contexto precedente à variável dependente investigada neste trabalho.

Tabela 5 – Contexto precedente

	dorsal (N=358)	coronal (N=339)	labial (N=253)	Total (N=950)
VARIANTE				
lh	221 (61,7%)	185 (54,6%)	133 (52,6%)	539 (56,7%)
j	137 (38,3%)	42 (12,4%)	119 (47,0%)	298 (31,4%)
O	0 (0%)	112 (33,0%)	1 (0,4%)	113 (11,9%)
Total	358 (100%)	339 (100%)	253 (100%)	950

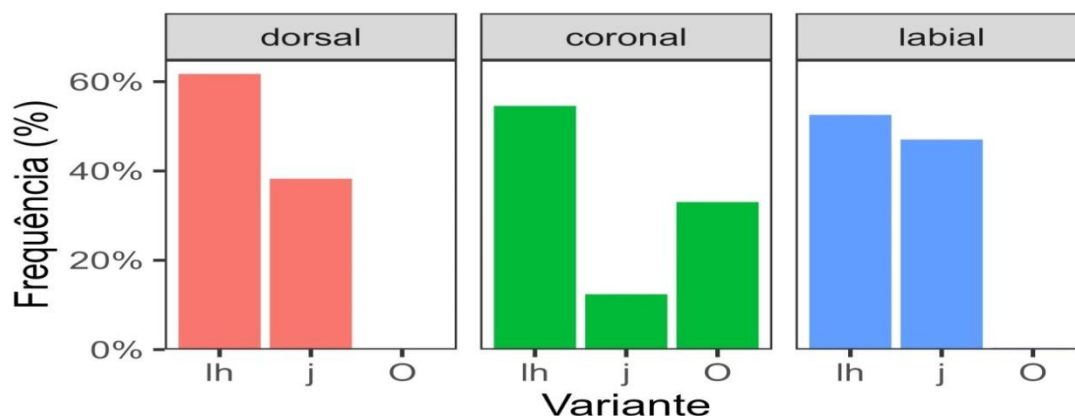
Fonte: Elaboração Própria

Podemos notar, na Tabela 5, a prevalência da vogal dorsal, no contexto precedente, na manutenção da lateral palatal /ʎ/, comparados a coronal e labial. Esse fator obteve 221 ocorrências dos 358 casos totais para dorsais, o que equivale a 61,7% casos com dorsais, ou seja, mais que a metade, para esse contexto. A vogal coronal e labial tiveram 185 e 133 ocorrências com percentual de 54,6% e 52,6%, respectivamente. A semivocalização obteve 137 ocorrências para dorsal com 38,3 % dos 358 casos totais seguido de zero ocorrência para apagamento. O grupo vogal coronal obteve com 185 ocorrências para a manutenção da lateral palatal com 55% do total de 339 ocorrências. A semivocalização apresentou 42 casos com 12% no grupo e 112 foram os números de apagamento com percentual de 33% nas coronais, ao passo que as labiais obtiveram 133 e 119 ocorrências para lateral palatal e

semivocalização, respectivamente, o que equivale a 52,6% e a 47% do total de 253 e uma ocorrência para apagamento com 0,4% do total de 253 ocorrências para vogal labial.

Os dados revelados pelo contexto precedente apontam para maior frequência da vogal da dorsal na manutenção da lateral palatal com 61,7%, seguida da semivocalização nas labiais com 47% e do apagamento nas coronais com 33%%. Esses dados convergem com os de Castro (2006), em que há maior favorecimento da aplicação da lateral palatal em detrimento a semivocalização e apagamento em contexto precedente. A vogal coronal também favoreceu a manutenção da lateral palatal com 54,6% e o apagamento que ocorreu com maior frequência em relação à semivocalização comparado a vogal dorsal e labial. Já a vogal labial assemelhou-se a dorsal tendo a manutenção da lateral com maior recorrência seguida da semivocalização. Já o apagamento foi pouco expressivo com apenas um caso encontrado. O gráfico abaixo permite visualizar comparativamente os dados apresentados no gráfico 5:

Gráfico 5 – Contexto fonológico precedente



Fonte: Elaboração Própria

Note-se, que a semivocalização ocorre com mais frequência na vogal labial seguido pelo grupo vogal dorsal. De acordo com Madureira (1987), não é pelos traços [-arredondado] e [+seguinte] da vogal dorsal que se tem o favorecimento para a semivocalização e não há uma explicação fonética. A autora chama a atenção, no entanto, para a ocorrência ligada ao verbo ‘trabalhar’, como segmento precedente, pela neutralização desse fenômeno, quando se exclui o item supracitado. Nessa pesquisa, observamos uma grande incidência da semivocalização em contexto precedente, quando o vocábulo é ‘trabalhar’. Dessa forma como a semivocalização antes da vogal dorsal mostrou-se bastante produtiva nos nossos dados,

verificamos, também, a possível influência desse vocábulo na quantidade elevada de semivocalização neste mesmo contexto. É o que apresentamos na Tabela 6:

Tabela 6 – Contexto precedente com item ‘trabalhar’

	lh (N=221)	j (N=137)	Total (N=358)
ITEM			
Outros	160 (67.79%)	76 (32.2%)	236 (65.9%)
Trabalhar	61 (50%)	61 (50%)	122 (34.1%)
Total	221 (100%)	137 (100%)	358 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

A Tabela 6 mostra que, na semivocalização da lateral palatal /ʎ/, o item lexical ‘trabalhar’ corresponde a quase a metade do total de 137 com 61 ocorrências ao passo que outros itens aparecem com 76 casos, sem que haja uma explicação fonológica para esse resultado. Desta forma, aparentemente, há prevalência da vogal dorsal na semivocalização em contexto precedente, assemelhando-se, também, aos resultados obtidos por Castro (2006), em que a presença da vogal dorsal em contexto precedente favorece a semivocalização da lateral palatal /ʎ/. No entanto, não podemos afirmar categoricamente que se trata da influência da vogal dorsal, já que, a palavra ‘trabalhar’ influenciou na vocalização, como demonstra Madureira (1987) em suas análises. Já o apagamento ocorreu com maior frequência em contexto precedente a vogal coronal, num total de 112 ocorrências.

5.3.2 Contexto seguinte

Quanto aos dados em contexto seguinte, a partir da amostra dos dados coletados do banco de dados da Cidade de Goiás, verificamos a influência desse contexto na variação da lateral palatal /ʎ/, conforme exposto na Tabela 7 e no Gráfico 6, a seguir:

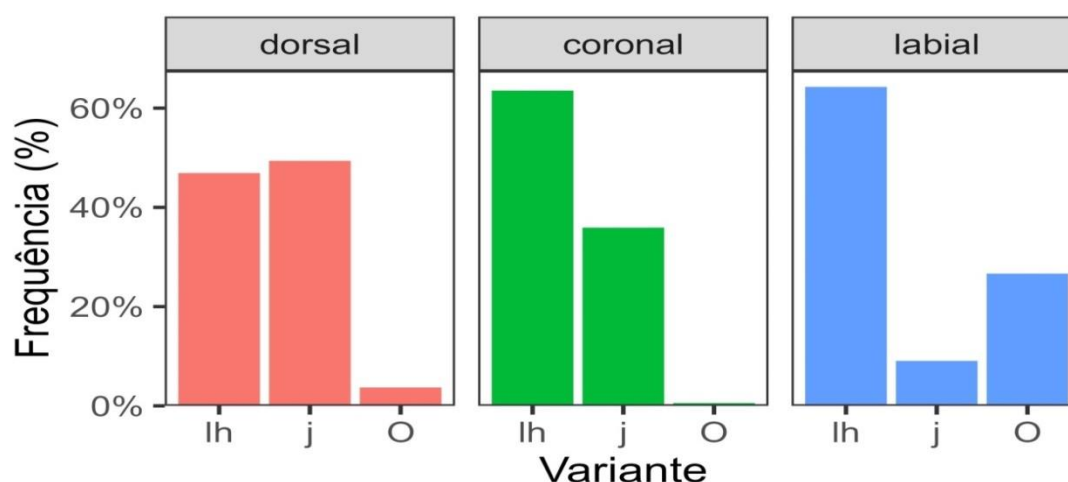
Tabela 7 – Contexto seguinte

	dorsal (N=405)	coronal (N=181)	labial (N=364)	Total (N=950)
VARIANTE				
lh	190 (46,9%)	115 (63,5%)	234 (64,3%)	539 (56,7%)
j	200 (49,4%)	65 (35,9%)	33 (9,1%)	298 (31,4%)
O	15 (3,7%)	1 (0,6%)	97 (26,6%)	113 (11,9%)
Total	405 (100%)	181(100%)	364 (100%)	950 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 6, abaixo, temos uma melhor observação dos resultados expressos na Tabela 7:

Gráfico 6 – Contexto fonológico seguinte



Fonte: Elaboração Própria

Os números da Tabela 7 mostram que a manutenção de /ʎ/ é favorecida quando a vogal dorsal estiver no contexto imediatamente seguinte à palatal analisada. Esse fator teve 190 ocorrências, seguido da vogal labial 234 ocorrências. Esses números assemelham-se com os de Freire (2011) em que a vogal dorsal aparece como a segunda maior recorrência com 63% e peso de .44 e vogais labiais 74% com peso de .61.

Dickey (1997, p. 3) também destaca a manutenção da palatal, neste contexto, em virtude da atuação do Princípio do Contorno Obrigatório, já que as laterais são articuladas

com os traços [coronal] e [dorsal] e tendem a afastar os segmentos fonologicamente parecidos.

Com relação à vocalização em contexto imediatamente seguinte à lateral palatal /*ʎ*/, o número de casos é maior quando essa consoante é seguida pela vogal dorsal. Esse fator teve 200 ocorrências, seguido da vogal coronal, com 65 ocorrências. Nesse sentido, Soares (2008) verificou que o contexto seguinte é favorável à vocalização ([j]). Em seu estudo, no entanto, a semivocalização encontra ambiente favorável, ao fenômeno supracitado, no contexto seguinte em que há as vogais coronais. Esse fato difere em parte deste estudo, já que, as principais favorecedoras do processo foram a vogal dorsal e a vogal coronal, respectivamente.

Neste momento, chamamos, mais uma vez, a atenção para o vocábulo “trabalhar”, que, assim como no trabalho de Madureira (1987), promove uma interessante análise quanto à vocalização da consoante palatal. A Tabela 8 traz esses fatos:

Tabela 8 – Item lexical: contexto seguinte				
	lh (N=190)	j (N=200)	O (N=15)	Total (N=405)
ITEM				
Outros	129 (45.58%)	139 (49.11%)	15 (5.3%)	283 (69.9%)
Trabalhar	61 (50%)	61 (50%)	0 (0%)	122 (30.1%)
Total	190 (100%)	200 (100%)	15 (100%)	405

Fonte: Elaboração Própria

Os dados da Tabela 8 mostram que, na semivocalização ([j]) da lateral palatal /*ʎ*/, o item lexical ‘trabalhar’ representa quase a metade do total de ocorrências para o contexto seguinte com a vogal dorsal, que é o fator de maior frequência nesse contexto. Segundo Madureira (1987), este item parece interferir no favorecimento de vogais coronais e labiais menos altas, considerando-se estas num conjunto em oposição às altas. Assim, o fenômeno repete-se para o contexto seguinte, de modo que o favorecimento das vogais coronais, não parece acontecer ao nível fonológico. Quanto aos resultados do apagamento, foram inexpressivos para a análise.

5.3.3 Tonicidade

Em relação à tonicidade da sílaba, na Tabela 9, a seguir, apresentamos um panorama geral das sílabas com maior ou menor predisposição à manutenção da lateral palatal ou à sua variação.

Tabela 9 – Tonicidade			
	tônica (N=542)	átona (N=408)	Total (N=950)
VARIANTE			
lh	304 (56,1%)	235 (57,6%)	539 (56,7%)
j	230 (42,4%)	68 (16,7%)	298 (31,4%)
O	8 (1,5%)	105 (25,7%)	113 (11,9%)
Total	542 (100%)	408 (100%)	950 (100%)

Fonte: Elaboração Própria

Podemos notar, nos dados da Tabela 9, que os fatores átonos e tônicos não foram tão diferentes e significativos para a manutenção da lateral palatal /ʎ/. Todavia, tanto para semivocalização quanto para o apagamento, a diferença tem grande contraste. Na semivocalização, o ambienteônico é o que mais favorece a realização do fenômeno, com 230 das ocorrências. Este fato contraria a hipótese inicial deste estudo de que o ambiente átono seria o mais favorável, assemelhando-se aos resultados obtidos por Soares (2008), em que a variável semivocalizada ([j]) tem maior recorrência na sílaba tônica.

Neste ponto, analisamos os itens de maior frequência, quando observamos os dados. Notamos que além da ocorrência expressiva do vocábulo ‘trabalhar’, dois outros itens, também chamaram atenção: “mulher” e “filho/a”. Dessa forma, para efeito de averiguação, comparamos os três, para saber em que nível de influência o vocábulo ‘trabalhar’ estaria possivelmente interferindo na variação da lateral palatal. O Quadro 2, que apresenta estes elementos, tem como foco a tonicidade da sílaba:

Quadro 2 – Tonicidade

Item Lexical Tônico	Valores		
	lh, n = 538 ^I	j, n= 298 ^I	0, n = 114 ^I
Mulher/[muj'ɛ] Trabalhar//[tRebej'a]	74 61	42 61	0
Total ^I n = (total)	135	103	0
Item Lexical Átono	Valores		
	lh, n = 538 ^I	j, n= 298 ^I	0, n = 114 ^I
Filho/['fi] Filha/['fiɐ]	62 13	0	87 13
Total ^I n = (total)	75	0	100

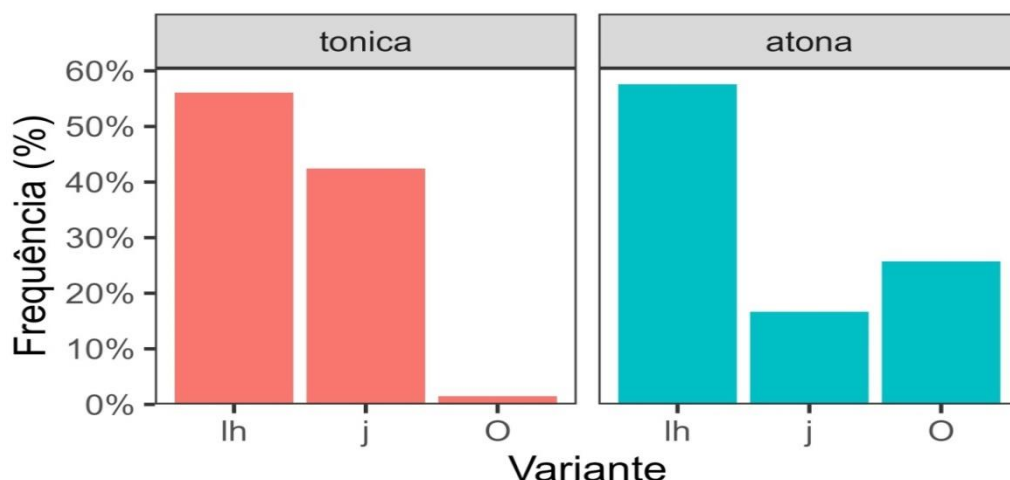
Fonte: Elaboração Própria

Os dados do Quadro 2 mostram que, na sílaba tônica, o item lexical ‘trabalhar’ aparece com uma recorrência menor do que o item lexical ‘mulher’ para a manutenção da lateral palatal /ʎ/. Sobre a semivocalização, a diferença foi expressiva entre esses dois itens lexicais, pois ‘mulher’ teve 42 ocorrências e ‘trabalhar’ teve 61 casos. Não houve ocorrência para o apagamento.

Os itens lexicais ‘filho’ e ‘filha’ foram os que tiveram mais ocorrências de variação na sílaba átona para a manutenção da lateral palatal. Não houve nenhuma ocorrência para a vocalização e ocorrência significativa para o apagamento, apresentando quase o total de itens para o apagamento. Dessa forma, parece haver, de fato, uma influência do vocábulo ‘trabalhar’ na semivocalização comparando a outros itens de grande ocorrência nos dados deste estudo, na análise introdutória.

Por fim, para melhor visualização dos resultados constantes na tabela 9, o Gráfico 7 mostra o percentual para cada variável em posição tônica ou átona, demonstrado a seguir:

Gráfico 7 – Percentual de Tonicidade



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 7 mostra o comportamento de cada variante em relação ao ambiente átono ou tônico. Podemos perceber que quando se trata de ambientes tônicos há uma maior predisposição à semivocalização. Este fato contraria a hipótese inicial de que a maior tendência da manutenção da lateral palatal nas sílabas tônicas. Porém, ao analisarmos a variante apagamento, esta de fato é propícia em ambientes átonos, conforme revela este estudo. Percebemos, então, uma dissimilação total que inclui o traço primário de consoante com o traço secundário da vocoide [j].

Dessa maneira, podemos observar que a perda total dos traços da lateral palatal acontece em ambientes átonos enquanto ambientes tônicos propiciam somente o desligamento do traço coronal da lateral palatal. Nesse estudo, então, a variante semivocalizada é mais favorecida na sílaba tônica. No entanto, quando se trata do apagamento, a sílaba favorecedora é a átona.

5.3.4 Item lexical

Com relação ao item lexical, nas primeiras análises verificamos a quantidade vocábulos repetidos e a média dos informantes com maior produção lexical dentro do banco de dados conforme quadro 3, abaixo:

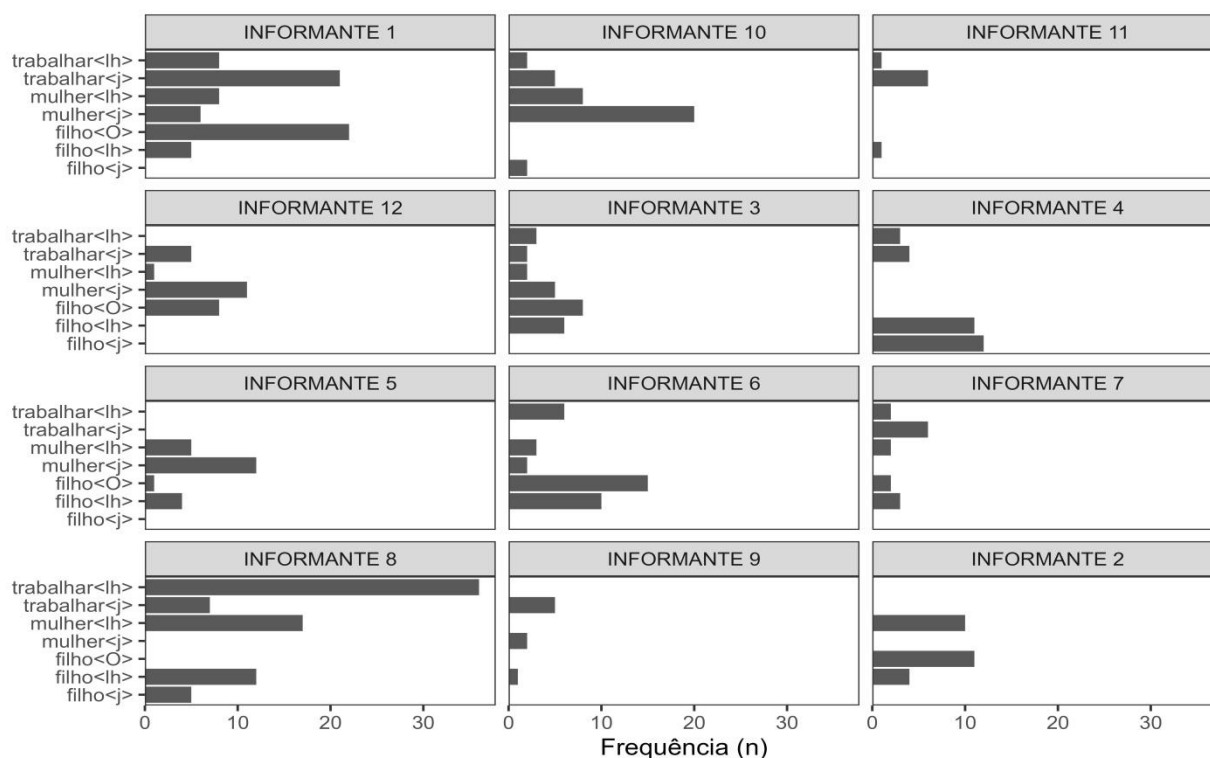
Quadro 3 – Média, Máximo de palavras por Informantes

Informante	Palavra por Informante					
	Min	1st Qu.	Median	Mean	3rd Qu	Max.
1	1.000	1.000	2.000	4.467	5.750	22.000
2	1.000	1.000	1.000	2.577	3.750	11.000
3	1.000	1.000	2.000	2.103	2.000	8.000
4	1.000	1.000	3.500	3.944	5.750	12.000
5	1.000	1.000	1.000	2.227	2.750	12.000
6	1.000	1.000	1.000	2.621	3.000	15.000
7	1.000	1.000	2.000	2.583	3.000	8.000
8	1.000	1.000	3.000	6.161	6.500	36.000
9	1.000	1.000	1.500	2.067	2.750	6.000
10	1.000	1.000	2.000	3.567	4.750	20.000
11	1.000	1.000	2.000	2.167	2.250	6.000
12	1.000	1.000	1.000	2.867	3.500	11.000

Fonte: Elaboração Própria

Observamos no Quadro 3 que cada informante teve um valor mínimo (Min), máximo (Max) de repetição de palavras. Além disso, temos a média (Mean) e a mediana (Median) de repetição de palavras para cada informante. Dessa maneira, podemos observar que houve a repetição de um vocábulo 36 vezes na fala do informante 8, de forma que, foi a máxima repetição de um item lexical entre os informantes. Verificamos, ainda, que o informante 8 teve uma média de repetição de seis palavras no banco de dados, seguido do informante 1 com média de repetição de cinco palavras. Os dados estão representados, também no Gráfico 8 a seguir:

Gráfico 8 – Palavras com maior recorrência por informantes



Podemos observar, então, no gráfico 8, a repetição de um vocábulo ‘trabalhar’ na manutenção da lateral palatal por 36 vezes, na fala do informante 8, de forma que, foi a máxima repetição de um item lexical entre os informantes. O informante 1 obteve o maior ocorrência do verbo ‘trabalhar’ para semivocalização, e maior uso do item ‘filho’ para apagamento, como observamos no gráfico 8.

Dessa forma, na tabela 10, abaixo, detalhamos a frequência dos itens lexicais ‘trabalhar’, ‘mulher’ e ‘filho’ de acordo aos informantes, seguidos do Gráfico 9:

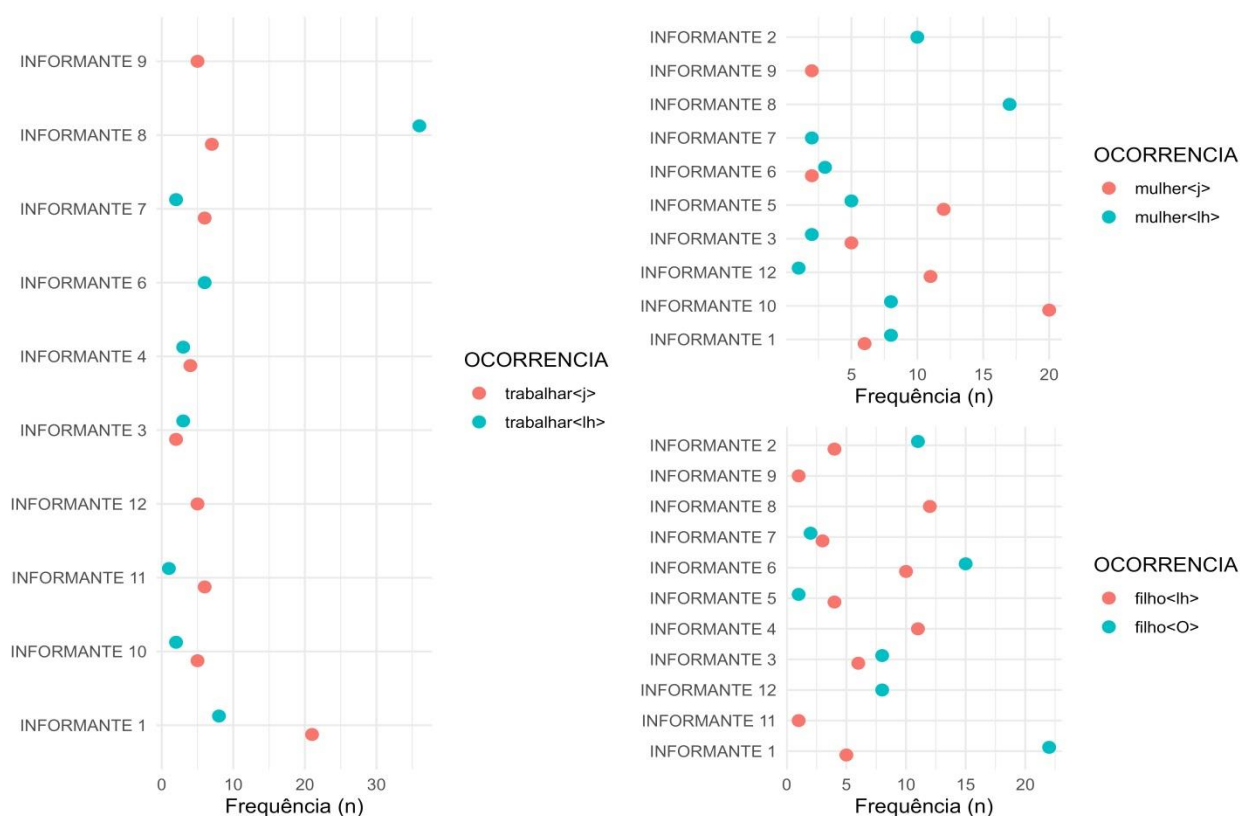
Tabela 10 – Total de palavras com maior recorrência

	lh (N=197)	j (N=103)	O (N=87)	Total (N=387)
Item Lexical				
Filho	62 (41.61%)	0 (0%)	87 (58.38%)	149 (38.5%)
Trabalhar	61 (50%)	61 (50%)	0 (0%)	122 (31.53%)
Mulher	74 (49.66%)	42 (28.18%)	0(0%)	116 (29.97%)
Total	197 (100%)	103 (100%)	87 (100%)	387

Fonte: Elaboração Própria

O vocábulo com maior ocorrência, como mostra a tabela 10, é ‘filho’, seguido da palavra ‘trabalhar’ e ‘mulher’ como total de 149, 122 e 116 respectivamente, em todo banco de dados de Fala de Goiás. Nesse, sentido a produção de vocábulos por informante parece confirmar a hipótese inicial de heterogeneidade de palavras na fala desses, ao passo que contraria a hipótese inicial, com relação à palavra ‘trabalhar’ de ser em maior quantidade nos dados do banco de Fala de Goiás, como supúnhamos inicialmente. Abaixo o Gráfico 9, com as palavras supracitadas:

Gráfico 9 – Palavras com maior recorrência por informantes



Fonte: Elaboração Própria

Notamos no Gráfico 9, portanto, a frequência das palavras tanto com a permanência da lateral palatal quanto com a variação dela. Para a palavra ‘trabalhar’, o informante 8 e 1 obtiveram maior produção do vocábulo. Para ‘mulher’ e ‘filho’, a produção maior foi nos informantes 10 e 8, 8 e 1, respectivamente. Observamos, ainda, uma distribuição mais concentrada do vocábulo ‘trabalhar’ na frequência entre 0 a 10 recorrências por informante, enquanto, ‘mulher’ e ‘filho’ tiveram uma distribuição mais espalhada.

5.3.5 Tamanho da palavra

Na análise inicial dos dados, com relação ao tamanho da palavra, observamos a ocorrência da variação da lateral palatal /ʎ/, conforme exposto na Tabela 11 e no Gráfico 9 a seguir:

Tabela 11 – Tamanho da palavra

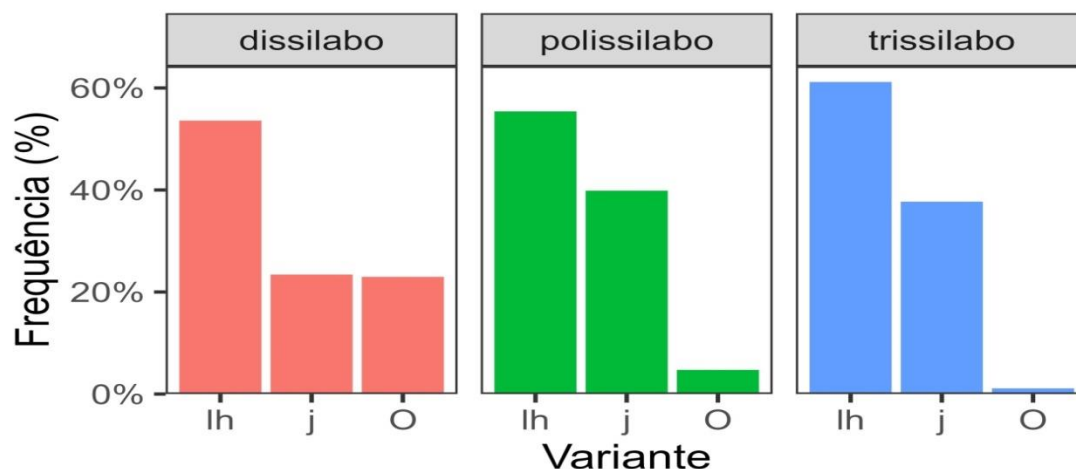
	dissílabo (N=444)	polissílabo (N=148)	trissílabo (N=358)	Total (N=950)
VARIANTE				
lh	238 (53,6%)	82 (55,4%)	219 (61,2%)	539 (56,7%)
j	104 (23,4%)	59 (39,9%)	135 (37,7%)	298 (31,4%)
O	102 (23,0%)	7 (4,7%)	4 (1,1%)	113 (11,9%)
Total	444 (100%)	148 (100%)	358 (100%)	950

Fonte: Elaboração Própria

Percebemos, nesse aspecto, que palavras dissílabas ocorrem na manutenção da lateral palatal com 238 casos, seguidas de vocábulos trissílabos com 219 ocorrências. Com relação à vocalização, os vocábulos trissílabos obtiveram 135 recorrências, seguidos dos dissílabos com 104 casos. Para o apagamento, observamos que palavras dissílabas foram preponderantes para esse fenômeno com 102 ocorrências para apagamento.

Esses dados diferem dos resultados encontrados por Soares (2008), no falar paraense, no qual, a extensão dos vocábulos, em todos os contextos supracitados, não favoreceu a variante semivocalizada [j] com pesos relativos de .332, .334, .334, para dissílabo, trissílabo e polissílabo o que representa respectivamente 7%, 8% e 7% da amostra por ela pesquisada. Não houve dados para apagamento, nesse contexto, nos dados de Soares (2008). No gráfico 10, abaixo podemos verificar os dados do tamanho da palavra:

Gráfico 10 – Tamanho da palavra



Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 10, vemos mais claramente, então, a maior ocorrência em palavras dissílabas principalmente no apagamento chegando a mais de 75%, seguidos de palavras polissílabas com maior ocorrência na semivocalização e polissílabos também recorrentes na semivocalização.

5.3.6 Classe de palavras

Em relação à classe de palavras, na variação da lateral palatal, os dados gerais são apresentados na tabela 12 e no Gráfico 11, a seguir:

Tabela 12 – Classe de palavras

	adjetivo (N=46)	adverbio (N=57)	substantivo (N=367)	verbo (N=480)	Total (N=950)
VARIANTE					
lh	24 (52,2%)	51 (89,5%)	204 (55,6%)	260 (54,2%)	539 (56,7%)
j	21 (45,7%)	1 (1,8%)	67 (18,3%)	209 (43,5%)	298 (31,4%)
O	1 (2,2%)	5 (8,8%)	96 (26,2%)	11 (2,3%)	113 (11,9%)
Total	46(100%)	57 (100%)	367 (100%)	480 (100%)	950

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com a Tabela 12, os adjetivos apresentaram apenas 46 ocorrências em 950 dados do total. A variante /l/ contabilizou 24 ocorrências, ou seja, 52% do total de 46 dados

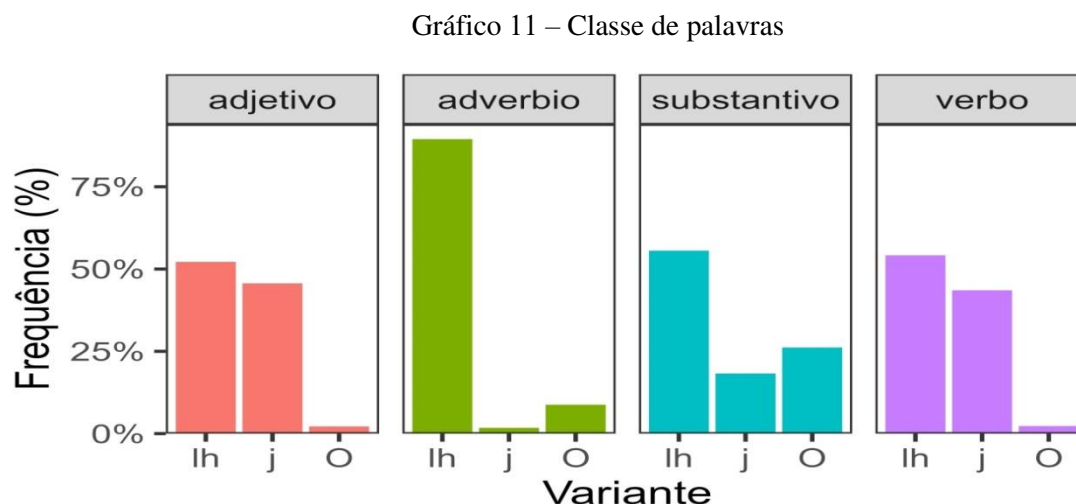
para adjetivo, ao passo que a semivogal [j] apresentou 21 ocorrências, o que corresponde a 45,7% em um total para adjetivos. O apagamento teve somente uma ocorrência em 46 dados.

No caso dos advérbios, foram 57 ocorrências em 950 dados totais. Para a realização de /ʎ/, foram 51 ocorrências, isto é, 89,5% do total de 57 casos de advérbios. A semivogal [j] registrou apenas uma ocorrência e o apagamento teve cinco ocorrências, o que representa 8,8% do total de 57 advérbios.

Quanto aos substantivos, foram 367 ocorrências. Destas 367 ocorrências, 204 referem-se à lateral palatal (55,6% das ocorrências para 367 casos); 67 à semivogal [j] (18,3% das ocorrências para 367 dados) e 96 ao apagamento com 26,2% do total dos substantivos.

Os verbos registraram 480 ocorrências em 950 dados. Destas 480, 260 ocorrências foram da lateral palatal /ʎ/, com 54,2 % do total de 480; 209 ocorrências foram da semivogal [j], que obteve o percentual para esta classe de palavras de (43,5%); e 11 ocorrências foram da variante apagamento, cujo percentual foi de apenas 2,3% do total de 480 verbos.

Para melhor visualização geral dos dados para a variável classe de palavras, o Gráfico 11 contém os dados de cada classe:



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 11, notamos que, na semivocalização, os verbos e adjetivos correspondem a quase 50% das ocorrências, seguidos pelos substantivos com aproximadamente 25 % e, por último, dos advérbios, com um pouco acima de 0%. Na manutenção da lateral palatal, os advérbios aproximadamente 50% das ocorrências. No que se refere ao apagamento, os substantivos correspondem a quase 25% e os demais um pouco acima de 0%.

Esses dados introdutórios corroboram, inicialmente, com os resultados obtidos por Soares (2008) em relação à semivocalização, que foi mais expressiva na classe dos verbos, em relação ao número de ocorrências, como também com os de Castro (2006) e diferem quanto à porcentagem, já que, adjetivos tiveram 45% e verbos 43,5% em relação às outras variantes. Entretanto, os dados desta pesquisa diferem dos de Castro (2006) quanto à manutenção da lateral palatal, tanto em ocorrências quanto em porcentagem, já que, os substantivos, em seus dados, tiveram maior ocorrência com 52 e 51% dos casos.

Enfim, esta análise serviu como base para observarmos o comportamento inicial das variáveis independentes em relação à variável dependente, bem como quais variantes devem ser consideradas para iniciarmos a análise multivariada e que serão melhores esclarecidas na próxima seção, quando analisamos as variáveis extralinguísticas.

5.4 Análise Multivariada

Nesta seção, apresentamos as considerações iniciais das interações entre as variáveis independentes, assim como os resultados da análise multivariada para as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

5.4.1 Considerações iniciais

Antes de iniciarmos a análise multivariada, destacamos alguns ajustes necessários na reorganização das variáveis dependentes e independentes. Os dados analisados nas seções precedentes mostraram indícios de ajustes em relação à variável apagamento e à presença de vogal coronal. Para a confirmação da necessidade desses ajustes, os resultados passaram pelo teste do qui-quadrado, para verificar a frequência, sem levar em conta os informantes.

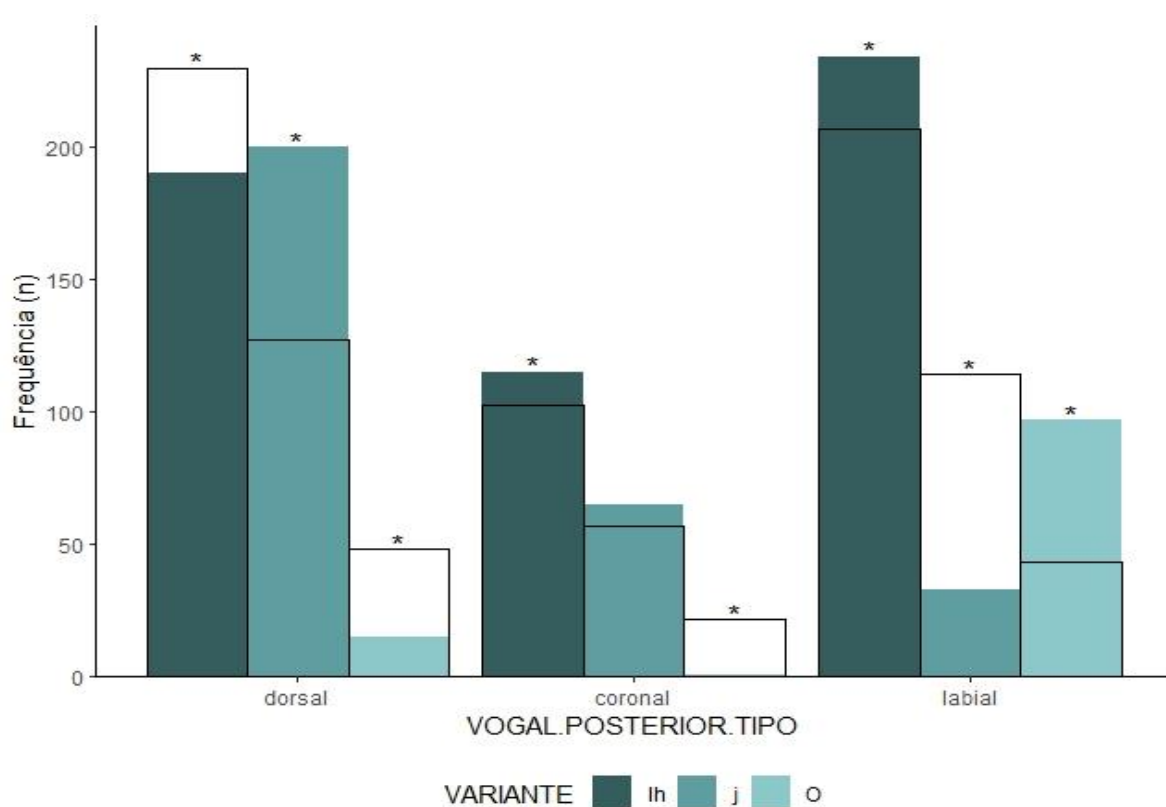
O resultado para a vogal seguinte foi ($\chi^2 = 224.78$ (6), $p < 0,001$), o que nos permite afirmar que o contexto seguinte não é independente da variável dependente. No entanto, ao observarmos os resíduos padronizados, a vogal coronal apresentou dados não significativos para apagamento. Quando o contexto é a lateral palatal /*ʎ*/, a frequência¹⁹ foi de [1,47]; quando é [j], a frequência foi de [-1,25], em relação às outras vogais, o que condiz com os

¹⁹ Frequência é o valor do qui-quadrado que estima a discrepância entre os valores observados e esperados

percentuais da Tabela 7 na análise introdutória. O apagamento, só foi favorecido na vogal labial com [11,0] de frequência positiva.

Esses dados são semelhantes aos de outros estudos, como o de Madureira (1987), em que o percentual de aplicação de [j], em contexto seguinte ante a coronal foi igual a 0%; e o de Freire (2011), que, embora ressalte o favorecimento da vogal coronal na manutenção da lateral palatal, os resultados para os pesos relativos ficaram próximos ao ponto neutro em (.54). No gráfico 12, abaixo, visualizamos de forma mais clara esses dados:

Gráfico 12 - Resultado Qui-quadrado Contexto Seguinte



Fonte: Adaptado de Peres (2022)

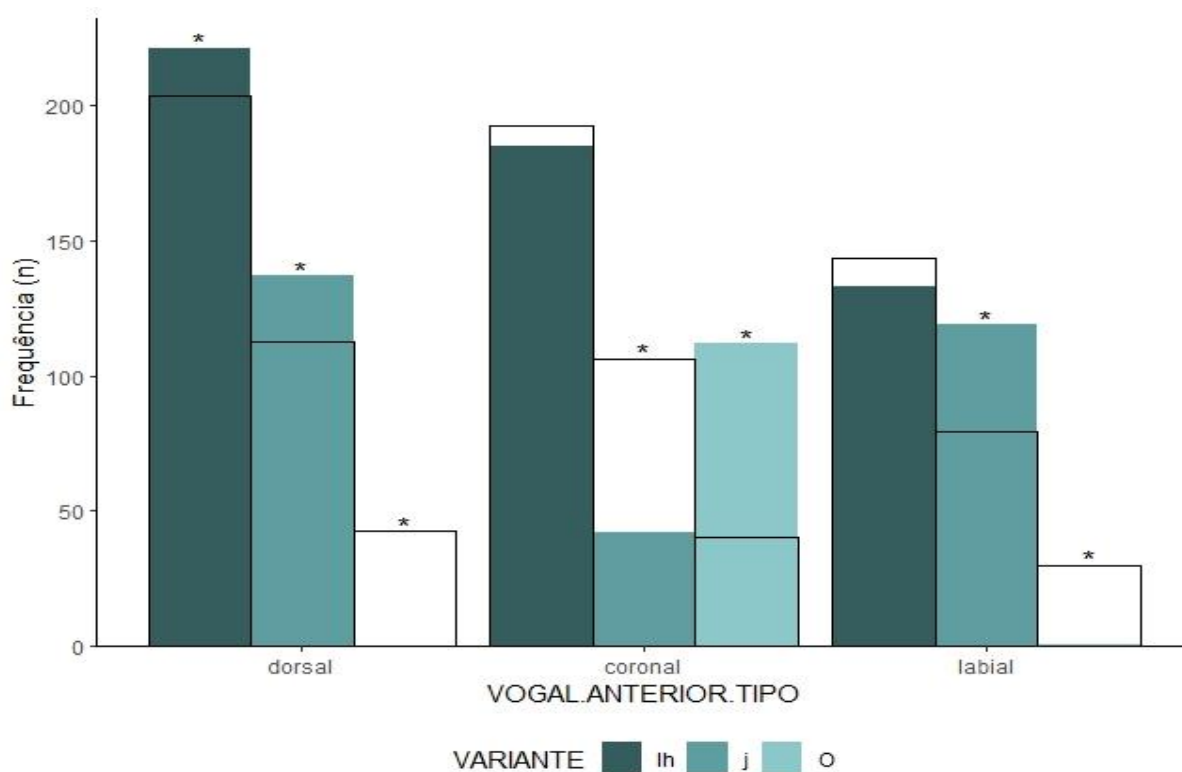
No gráfico acima, as barras mostram os valores esperados para cada variante e as cores o quanto cada uma delas obteve de resultados. Dessa forma, no teste de qui-quadrado para a dorsal a variante lateral palatal e o apagamento ficaram abaixo do esperado enquanto a semivocalização ultrapassou o limite do esperado. A vogal seguinte coronal teve resultado acima do esperado para variante lateral palatal e semivocalização e para apagamento não chegou a ser computado nenhum valor com a barra totalmente em branco. Já a labial obteve

resultados além do esperado para lateral palatal e apagamento enquanto a semivocalização ficou abaixo do esperado.

Quanto ao contexto precedente, à frequência da vogal labial e dorsal ficou abaixo do esperado se comparada com as demais, com índices negativos nos resíduos de $[-8,8]$ e $[-4,19]$ para apagamento enquanto a vogal coronal obteve frequência positiva $[20,86]$ nos resíduos. Com relação à semivocalização a frequência para dorsal e labial foram de $[3,5]$ e $[5,9]$ positivas, respectivamente. Somente a dorsal teve frequência alta para lateral palatal de $[2,5]$. Corroboram com estes dados os resultados do estudo de Ferreira (2011), em que a vocalização tem menor ocorrência quando o contexto precedente encontra-se a vogal coronal, assim como aponta Soares (2008) para o desfavorecimento da semivogal $[j]$ ante a coronal, com peso relativo de (. 288).

Outro fator a ser pontuado diz respeito ao apagamento. O teste do qui-quadrado de aderência, considerando $/\lambda/$, $[j]$ e $[\emptyset]$, resultou em um valor de $(\chi^2 = 288.19 (2), p < 0,001)$, porém, com os resíduos padronizados ajustados bem abaixo do esperado para o apagamento, com valor de $[-14,01]$. No gráfico 13, a seguir, os resultados encontram-se mais visíveis:

Gráfico 13- Resultado do Teste Qui-quadrado Contexto Precedente



Fonte: Fonte: Adaptado de Peres (2022)

Percebemos, a partir do gráfico acima, que tanto na vogal dorsal quanto labial o apagamento deu sem valor com as barras em branco. Somente na coronal ficou acima do esperado. A semivocalização só não foi além do esperado para vogal coronal, extrapolando os limites nas dorsais e labiais. A lateral palatal ficou dentro do esperado para coronal e labial ultrapassando o esperado somente na dorsal. Dessa forma, optamos pela retirada da variante apagamento, por apresenta frequência nula tanto em contexto precedente como contexto seguinte, ocasionando o desbalanço no banco de dados sendo difíceis de prever e de acordo (HUAYANAY apud, KING e ZENG, 2021) aplicar as técnicas de regressão logísticas, nesse caso, pode ocasionar prejuízo à estimação da probabilidade gerando conclusões errôneas.

Com relação ao item lexical, inicialmente, pretendíamos considerá-lo como uma variável de efeito aleatório misto na análise, para investigarmos possíveis itens lexicais favorecedores do resultado. Começamos do modelo simples sem interações e efeitos aleatórios até a inclusão de todas as variáveis. O teste de razão de verossimilhança entre o modelo só com informante e com informante e item lexical, demonstrou que o modelo com item lexical seria o mais completo analisado pela comparação de *deviance*²⁰, conforme Lassance (2015), de valor [163.36, $p < 0,001$] para modelo com item lexical e [718.53, $p < 0,001$] para modelo só informante, nesse caso, o *deviance* de menor valor é o melhor modelo.

No entanto, ao incluir item lexical na análise, esta não permitia a convergência da regressão logística no programa Rstudio. Retiramos, então, a palavra ‘trabalhar’, pela quantidade de repetição por informante, porém não convergiu. Segundo Gries (2019), devido à complexidade do modelo de efeitos mistos, ainda existem muitas perguntas em aberto de como trabalhar esse modelo, ainda que seja um instrumento poderoso de análise.

Ela destaca a recomendação de alguns estudiosos em começar a análise por uma estrutura simples de modelo de efeito aleatório, enquanto outros, com uma estrutura máxima, porém, em algumas “simulações esses modelos não convergem mesmo se receber a estrutura correta” (GRIES, p.293, 2019). Dessa forma, abstraímos o item lexical, deixando somente o informante no efeito aleatório, como modelo mais simples, para convergir à regressão no programa, pois, segundo Muradoglu et al (2023) a não convergência significa que “o modelo não conseguiu chegar a uma solução válida para as estimativas do parâmetro. O modelo produz estimativas, mas não podemos ser capazes de confiar neles” (MURADOGLU et al, p.331, 2023, tradução nossa). Nesse sentido, Espírito Santo (2019), destaca a não inclusão dos

²⁰ Desvio.

efeitos aleatórios – item lexical e informante – na pesquisa sobre rotacismo em São Miguel Arcanjo, feita por ela, pelo fato dos resultados da regressão logística não convergirem pela complexidade do modelo.

Ressaltamos, porém, que algumas correntes de estudos são contrárias à retirada de qualquer variante, ainda que, apresentando os problemas aqui referidos, a fim, de constar na análise, por considerar importante a inclusão de todas variáveis no modelo. Nesse estudo, no entanto, optamos pela retirada das variáveis, acima citadas, conforme os critérios analisados. Partimos, então, para a análise das interações entre variáveis independentes, conforme explicitado na subseção 5.4.1.1, e encontramos interações entre: vogal seguinte e tamanho da palavra; classe de palavras e faixa etária; sexo e classe de palavra; tamanho da palavra e faixa etária; faixa etária e sexo; vogal precedente e faixa etária.

Assim, construímos o modelo, com os devidos ajustes, considerando as variáveis de interação mais significativas e excluindo, a cada modelo, as que perdiam significância, incluindo os informantes para efeitos mistos aleatórios. Na subseção seguinte, detalhamos os pormenores das interações encontradas.

5.4.2 Variáveis do Modelo Multivariado

Antes do início da análise multivariada, aventamos a possibilidade de interação entre as variáveis independentes, ou seja, se haveria influência de umas sobre as outras. Segundo Oushiro (2022), ao verificar a interação do retroflexo, na região periférica de São Paulo, observou que jovens da região central e periférica se comportavam diferentemente. Essa diferença, para a autora, é o que caracterizou a interação, uma vez que a mudança do retroflexo depende da região de residência do falante.

Feitos os referidos ajustes, encontramos interações entre as variáveis independentes, que são especificadas e analisadas, a seguir, conforme a análise de Oushiro (2022). Na tabela 13 e Gráfico 14, apresentamos o resultado das interações significativas e no Gráfico 14 com a interação de maior significância:

Tabela 13 – Todas as Interações Significativas

<i>Predictors</i>	(VARIANTE)		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	13934488.59	0.00 – Inf	0.998
Vogal precedente [labial] × vogal seguinte [coronal]	0.00	0.00 – 0.06	0.005
Vogal precedente [labial] × classe de palavras [substantivo]	5317.68	7.68 – 3680803.25	0.010
Vogal precedente [coronal] × faixa etária [31 a 53 anos]	0.00	0.00 – 0.44	0.022
Vogal precedente [coronal] × faixa etária [54 anos ou mais]	0.00	0.00 – 0.16	0.009
Vogal seguinte [coronal] × faixa etária [54 anos ou mais]	717.19	5.74 – 89582.69	0.008
Vogal seguinte [coronal] × tamanho [trissilabo]	0.00	0.00 – 0.02	0.002
Classe de palavras [substantivo] × sexo [masculino]	0.00	0.00 – 0.13	0.006
Classe de palavras [substantivo] × faixa etária [54 anos ou mais]	0.00	0.00 – 0.02	0.002
Sexo[masculino] × faixa etária [31 a 53 anos]	172.70	8.30 – 3591.79	0.001
Faixa etária [54 anos ou mais] × tamanho [polissilabo]	1112.13	1.28 – 962570.70	0.042
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} INFORMANTE	0.87		
ICC	0.21		
$N_{\text{INFORMANTE}}$	12		
Observations	748		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.948 / 0.959		

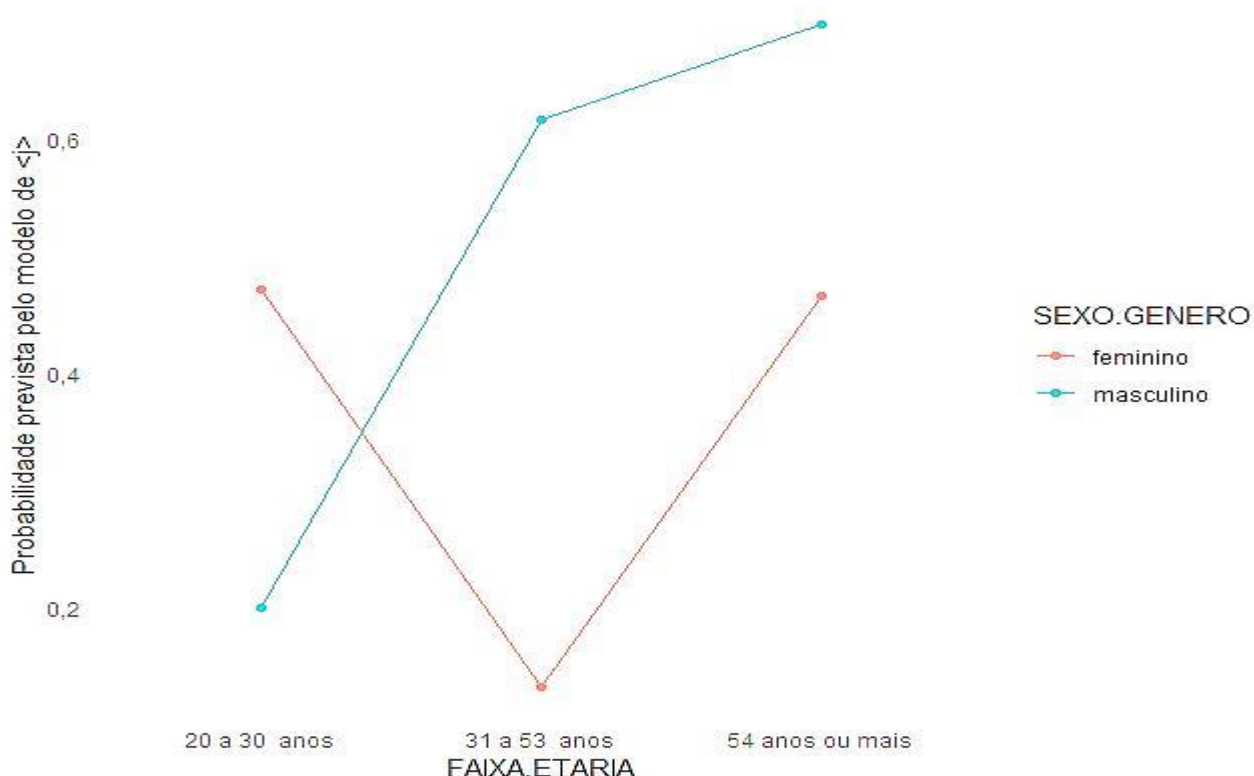
dados1,(VARIANTE) ~ VOGAL.PRECEDENTE + VOGAL.SEGUINTE +
 TONICIDADE + CLASSE.DE.PALAVRAS + SEXO.GENERO +
 FAIXA.ETARIA+TAMANHO)^2 + (1 | INFORMANTE)

Categorias de referências: [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /átona/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

Na tabela 13, aparecem dez interações significativas no modelo. Dentre todas as interações a de maior significância encontrou-se na interação sexo – masculino – e faixa etária entre –31 a 53 anos – com $p < 0,001$. A interação entre a faixa etária e o sexo ocorre, porque dependemos da faixa etária para sabermos qual é o sexo que utiliza menos a semivocalizada enquanto a outra utiliza, em maior número, lateral palatal, como mostrado no Gráfico 14:

Gráfico 14 – Interação entre sexo e faixa etária



dados1, VARIANTE~VOGAL. PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+
 CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+
 SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):**
 [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
 Fonte: Elaboração Própria

Podemos depreender, a princípio, a influência do sexo masculino, na faixa etária de 31 a 53 anos, quando há interação, pelos resultados, na semivocalização. Nota-se que a faixa etária masculina entre 20 a 30 anos tem a probabilidade de 20% de uso da variante semivocalizada que aumenta para 60% na faixa etária de 31 a 51. Em contra partida, ocorre um declínio da faixa etária de 20 a 30 anos no sexo feminino de aproximadamente 50% para quase 0% na faixa etária de 31 a 53, para variante semivocalizada. Dessa forma, enquanto

para os homens tende a aumentar com a idade o uso da semivocalizada, em nosso banco de dados, a mulheres tendem a diminuir nessa faixa etária de 31 a 53 anos.

A partir, então, do modelo, com a interação mais significativa, analisamos os dados considerando as observações já pontuadas. O modelo comparou as categorias de referências²¹ com os demais segmentos, conforme apresentado na Tabela 14 e no Gráfico 15, a seguir:

Tabela 14 – Análise Multivariada com estimativa e *log*

Variáveis Independentes	log(OR) ^l	95% CI ^l	p-value
VOGAL.PRECEDENTE			
dorsal	—	—	
coronal	0.73	-0.07, 1.5	0.075
labial	0.59	-0.07, 1.3	0.742
VOGAL.SEGUINTE			
dorsal	—	—	
coronal	-1.4	-2.0, -0.68	<0.001
labial	-1.2	-1.9, -0.59	<0.001
TONICIDADE			
tônica	—	—	
átona	-0.83	-1.5, -0.19	0.010
CLASSE.DE.PALAVRAS			
adjetivo	—	—	
adverbio	-4.1	-6.3, -1.8	<0.001
substantivo	-0.88	-1.9, 0.18	0.103
verbo	0.07	-0.98, 1.1	0.891
TAMANHO			
dissílabo	—	—	
polissílabo	-0.88	-1.8, 0.06	0.066

²¹ As categorias de referência referem-se aos segmentos dentro de cada variável dependente e independente. Por exemplo, na variável dependente, a escolha da categoria de referência foi o /k/.

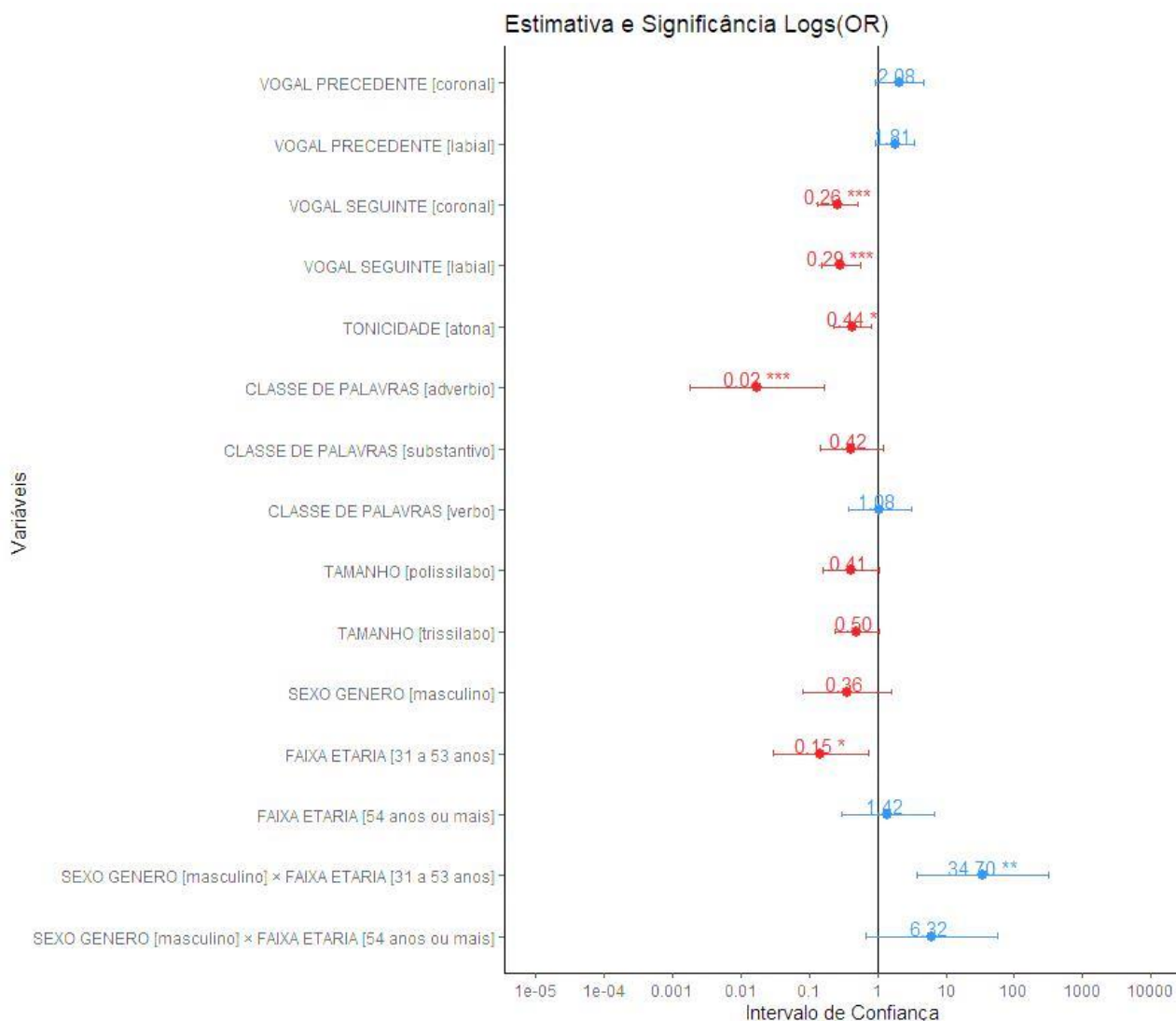
Variáveis Independentes	log(OR) ¹	95% CI ¹	p-value
trissílabo	-0.70	-1.4, 0.05	0.066
SEXO			
feminino	—	—	
masculino	-1.0	-2.5, 0.46	0.176
FAIXA.ETÁRIA			
20 a 30 anos	—	—	
31 a 53 anos	-1.9	-3.5, -0.30	0.020
54 anos ou mais	0.35	-1.2, 1.9	0.658
SEXO. * FAIXA.ETÁRIA			
masculino * 31 a 53 anos	3.5	1.4, 5.7	0.002
masculino * 54 anos ou mais	1.8	-0.38, 4.1	0.103

¹ OR = Odds Ratio, CI = Confidence Interval

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+
 CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+
 SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):**
 [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
 Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 15, os dados da Tabela 14 podem ser lidos de maneira mais clara, uma vez que esse gráfico mostra o intervalo de confiança, representado pelo traço e pela significância, por meio de asteriscos (*):

Gráfico 15 – Resultado da Análise Multivariada (estimativa e significância)



dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+
 CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+
 SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):**
 [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

No Gráfico 15, acima, as variáveis em vermelho possuem um intervalo de confiança menor do que 1, ou seja, uma probabilidade menor que 50% para aplicação da variante semivocalizada favorecendo a manutenção da lateral palatal; ao passo que os traços em azul têm probabilidade de 50% de não realização da lateral palatal favorecendo a semivocalização. Além disso, quanto mais distante da linha vermelha no centro, maior é a influência que a variável terá no fenômeno de palatalização ou de semivocalização.

Para a comparação com os demais segmentos, consideramos como referência a semivocalização [j], e a vogal dorsal, para os contextos precedente e seguinte; o adjetivo, para

a classe de palavras; as dissílabas, para o tamanho do vocábulo, tônica para tonicidade; a faixa etária entre 20 e 30 anos e o sexo feminino, conforme a Tabela 15, a seguir:

Tabela 15 – Categoria de referência e categorias comparadas

Categoria de Referência (Intercepto)	Categorias Comparadas		
Variante	Variante		
[j]	/k/		
Vogal Precedente	Vogal Precedente		
Dorsal	Coronal, Labial		
Vogal Seguinte	Vogal Seguinte		
Dorsal		Coronal, Labial	
Classe de Palavras		Classe de Palavras	
adjetivo		advérbio, substantivo, verbo.	
Tamanho		Tamanho	
dissílabo		polissílabo, trissílabo	
Tonicidade		Tonicidade	
tônica		átona	

Fonte: Elaboração Própria

Com base nos valores das variáveis com (p- valor < 0,05), na Tabela 14 e no Gráfico 18, há uma possibilidade de elas serem significativas para mais ou para menos, se comparadas com as categorias de referência descritas acima.

Observamos, então, que a vogal labial e vogal coronal tem uma estimativa ou *log* com sinal negativo (-1,6). Ao ser comparada a vogal dorsal, pressupomos uma diminuição na aplicação da variante semivocalizada, em contexto em que há um aumento das vogais coronais e labiais no contexto seguinte.

Na Tabela 16, podemos visualizar o *log* geral em probabilidades para as variáveis significativas:

Tabela 16 – Odds em probabilidade

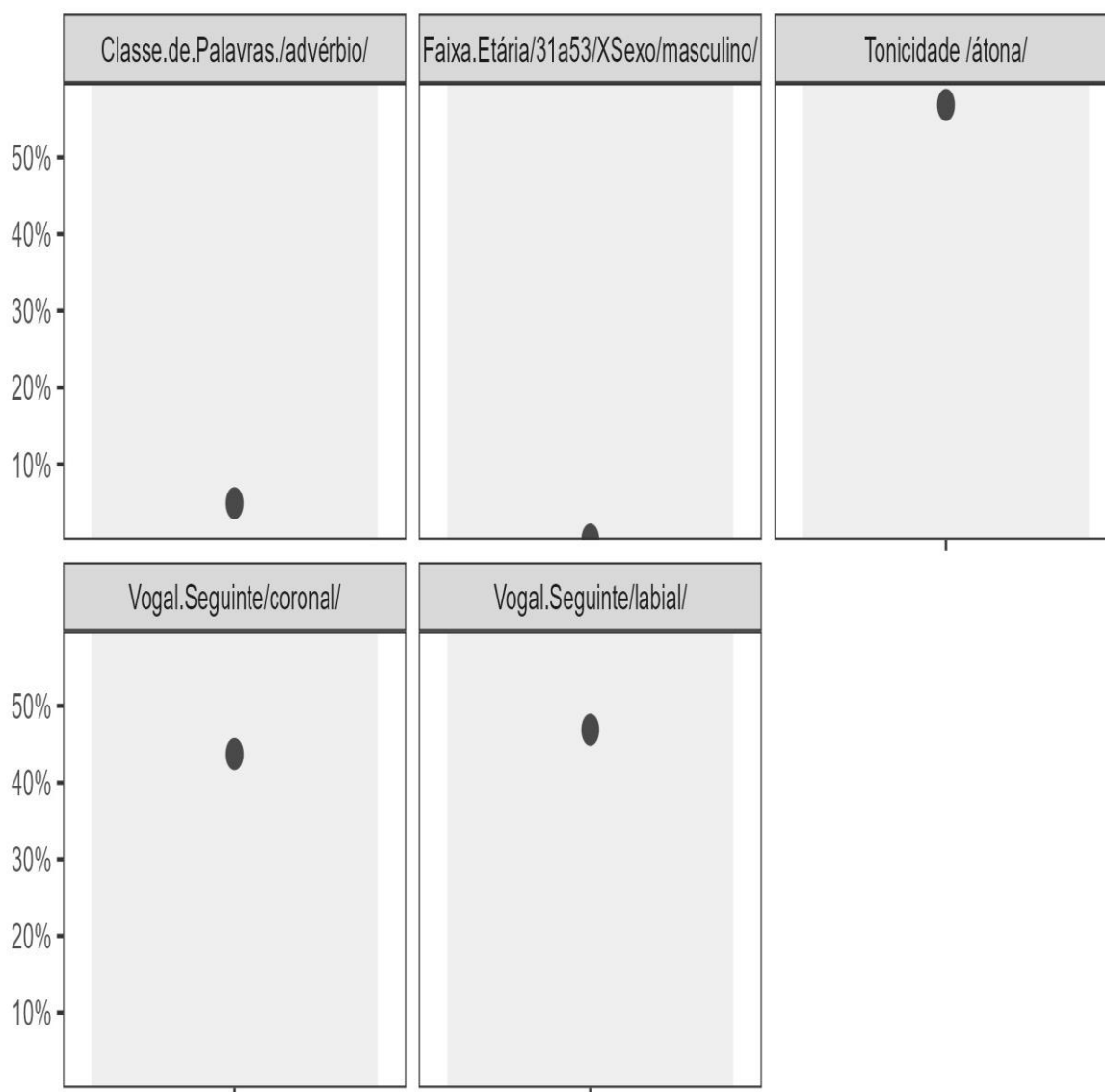
Variáveis	odds em (n) ¹
Nome	%
Classe de Palavras [advérbio]	(4.93 %)
Faixa Etária (31 a 53 anos)/ Sexo(masculino)	(0.45 %)
Vogal Seguinte/coronal/	(43.69 %)
Vogal Seguinte/labial/	(46.86 %)
Tonicidade/átona/	(56.85 %)
¹ n (%)	

dados1, VARIANTE~VOGAL. PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+
 TONICIDADE+ CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO
 +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE).
Categorias de referências (Intercepto): [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/,
 /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
 Fonte: Elaboração Própria

Na Tabela 16, a aplicação da semivocalização em contexto seguinte a vogal coronal e labial é de 43.69% e 46.86% probabilidade, respectivamente, de ocorrer. Nos advérbios, em relação aos adjetivos, a semivocalização tem 4.93% de probabilidade de realização. Quanto à faixa etária, a de 31 a 53 anos a variante [j] tem probabilidade de 0,45% de ocorrer, comparada à de 20 a 30 anos; a semivocalização, em tonicidade, no contexto átono, tem probabilidade de 56.85% de realização.

Dessa forma, nenhum dos contextos, acima, em nossos dados, parece favorecer a semivocalização da lateral palatal. A semivocalização obteve índices com sinal negativo e uma probabilidade baixa, tanto para as variáveis linguísticas quanto para as extralinguísticas, o que indica serem menos favoráveis à semivocalização, se comparados às categorias de referência.

Para melhor visualizarmos esses dados em relação à semivocalização da lateral palatal apresentamos abaixo o gráfico 16 com as porcentagens e, também, marcador dos índices percentuais obtidos, por cada nível significativo das variáveis independentes, na regressão logística, como mostrado abaixo:

Gráfico 16 – *Loggs em Probabilidade*

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+
 CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+
 SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):**
 [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
 Fonte: Elaboração Própria

Dessa maneira, percebemos nos gráficos como a semivocalização da lateral palatal teve desempenho máximo com probabilidade de pouco mais de 50% para as categorias acima descritas quando comparadas as respectivas categorias de referência de cada nível²²

²² Os níveis das variáveis independente é uma escala numérica atribuída quando há mais de uma categoria dentro delas.

das variáveis independentes. A seguir, detalhamos, separadamente, as variáveis linguísticas e extralinguísticas observando o *Odds Ratio*²³.

5.4.2.1 Variáveis linguísticas

De acordo com os dados da Tabela 17, a seguir, a coronal e labial e em contexto precedente, não foram significativas para realização semivocalizada da lateral palatal. No contexto seguinte, porém, a semivocalização obteve resultado significativo com *Odds Ratios* de (OR= 0,26) para a vogal coronal e a labial com *Odds Ratios* de (OR= 0,29), respectivamente, num intervalo de confiança – IC95% –²⁴ menor do que 1 e (p-valor < 0,001). Esses resultados mostram uma menor chance de vocalização entre a vogal coronal e labial em contexto seguinte em relação à dorsal, categoria de referência. Dessa forma, a probabilidade de semivocalização em vogal coronal e labial, no contexto seguinte, é respectivamente, equivalente aos percentuais de 43.69% e 46.86% que constam na Tabela 16.

Esses dados não coincidem com os de Madureira (1987), em que a vogal dorsal teve maior influência do que a coronal e labial, no contexto precedente, pois em nossos dados não teve significância a semivocalização em relação a dorsal comparada a coronal e labial e nem aos dados encontrados nos estudos de Soares (2008), visto que, a vogal coronal e labial favoreceu a vocalização, nos resultados da pesquisa de Soares (2008). No contexto seguinte, os nossos dados se aproximam dos resultados de Soares (2008), em virtude da semivocalização não ser favorecida em contexto seguinte na vogal labial.

A Tabela 17 apresenta os dados da análise multivariada:

²³ *Odds Ratios*, nesse caso, trata-se da estimativa da Tabela 14 transformada em razões de chances de ocorrer um fenômeno para mais ou para menos.

²⁴ Segundo Lopes (2000), o intervalo de confiança indica a confiabilidade de uma estimativa.

Tabela 17 – Análise Multivariada: variáveis linguísticas

<i>Predictors</i>	VARIANTE		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	3.01	0.66 – 13.73	0.155
Vogal precedente [coronal]	2.08	0.93 – 4.66	0.075
Vogal precedente [labial]	1.81	0.93 – 3.53	0.080
Vogal seguinte [coronal]	0.26	0.13 – 0.51	<0.001
Vogal seguinte [labial]	0.29	0.15 – 0.56	<0.001
Tonicidade [atona]	0.44	0.23 – 0.82	0.010
Classe de palavras [advérbio]	0.02	0.00 – 0.17	<0.001
Classe de palavras [substantivo]	0.42	0.15 – 1.19	0.103
Classe de palavras [verbo]	1.08	0.37 – 3.10	0.890
Tamanho [polissílabo]	0.41	0.16 – 1.06	0.066
Tamanho [trissílabo]	0.50	0.24 – 1.05	0.066
Sexo gênero [masculino]	0.36	0.08 – 1.59	0.176
Faixa etária [31 a 53 anos]	0.15	0.03 – 0.74	0.020
Faixa etária [54 anos ou mais]	1.42	0.30 – 6.66	0.658
Sexo gênero [masculino] × faixa etária [31 a 53 anos]	34.70	3.86 – 311.76	0.002
Sexo gênero [masculino] × faixa etária [54 anos ou mais]	6.32	0.69 – 58.14	0.103
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} INFORMANTE	0.50		
ICC	0.13		
N _{INFORMANTE}	12		
Observations	748		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.411 / 0.489		

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+VOGAL.SEGUINTE+TONICIDADE+CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE)

Categorias de referências (Intercepto): [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com Soares (2008), no contexto precedente, as vogais coronais desfavoreceram a semivocalização e labial favoreceu. A Tabela 17 mostra que estes segmentos não atuaram de forma significativa na semivocalização, quando comparados à vogal dorsal. Nesse sentido, os dados não coincidem com os resultados de Soares (2008), em contexto precedente. Ressaltamos que, na pesquisa de Soares (2008), a vogal coronal menos alta favoreceu a vocalização no contexto seguinte, porém, em nossos resultados, a vogal coronal não foi significativa, em relação à dorsal para a semivocalização, nesse mesmo contexto.

Além desses aspectos, Madureira (1987) destaca a possível influência do verbo ‘trabalhar’ nos resultados dos contextos seguinte e precedente, com aumento da semivocalização antes e depois da dorsal, assim como na semivocalização da lateral palatal, em contexto seguinte, entre vogais [-altas]. Na subseção 5.3.4, na análise introdutória descritiva desta pesquisa, verificamos que o vocábulo ‘trabalhar’ obteve 122 ocorrências, ou seja, foi o segundo vocábulo mais expressivo no banco de dados de fala de Goiás.

Dessa forma, montamos um modelo sem a palavra ‘trabalhar’ para confirmarmos se a influência da vogal dorsal permaneceria no contexto seguinte, conforme exposto na Tabela 18, a seguir:

Tabela 18 – Análise Multivariada sem o item lexical
'trabalhar'

<i>Predictors</i>	VARIANTE		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.58	0.11 – 3.15	0.524
Vogal precedente [coronal]	4.06	1.71 – 9.64	0.001
Vogal precedente [labial]	4.08	2.00 – 8.30	<0.001
Vogal seguinte [coronal]	0.53	0.26 – 1.11	0.093
Vogal seguinte [labial]	0.36	0.19 – 0.71	0.003
Tonicidade [átona]	1.02	0.52 – 2.01	0.959
Classe de palavras [advérbio]	0.03	0.00 – 0.30	0.003
Classe de palavras [substantivo]	0.45	0.16 – 1.32	0.147
Classe de palavras [verbo]	1.02	0.35 – 2.93	0.971
Tamanho [polissílabo]	1.99	0.70 – 5.65	0.198
Tamanho [trissílabo]	0.68	0.34 – 1.37	0.280
Sexo [masculino]	0.39	0.07 – 2.08	0.272
Faixa etária [31 a 53 anos]	0.10	0.02 – 0.62	0.013
Faixa etária [54 anos ou mais]	1.56	0.29 – 8.32	0.606
Sexo [masculino] × faixa etária [31 a 53 anos]	54.04	4.69 – 622.36	0.001
Sexo [masculino] × faixa etária [54 anos ou mais]	5.48	0.47 – 63.73	0.174
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} INFORMANTE	0.60		
ICC	0.15		
N INFORMANTE	12		
Observations	644		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.420 / 0.510		

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+ CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):** [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

Ao que tudo indica na Tabela 18, quando retiramos a palavra 'trabalhar', o contexto precedente com a coronal e a labial passa a ser significativo com (p-valor < 0,05), para a semivocalização, e razão de chances de (OR= 4,06), (OR= 4,08), respectivamente, ou seja, a cada a cada aumento de contexto com vogal labial e coronal comparadas a dorsal, a possibilidade de ocorrer a semivocalização no contexto precedente aumenta em quatro vezes quando comparados com a vogal dorsal, com intervalo de confiança acima de (IC 95% > 1).

Além disso, observamos que, no contexto seguinte, a semivocalização na coronal deixou de ser significativa e na labial, continuou significativa com (p-valor < 0,05), porém, com um leve aumento do valor de ‘p’. Houve, também, um pequeno aumento na possibilidade de a semivocalização ocorrer, percebido nos odds de (OR= 0,29) para (OR= 0,36).

Madureira (1987) afirma que o verbo ‘trabalhar’ parece favorecer a semivocalização da lateral palatal nos contextos precedente e seguinte entre as vogais [-altas]. Soares (2008), também verificou o favorecimento da semivocalização em contexto precedente não alto, em sua pesquisa. Dessa forma, para averiguarmos em nosso estudo se esta condição também acontece, inserimos a vogal [+alta] na categoria de referência, para o contexto precedente, com resultados apresentados na Tabela 19:

Tabela 19 – Altura precedente [+ alta], [-alta] e [+baixa]
com o item lexical ‘trabalhar’

<i>Predictors</i>	VARIANTE		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	1.28	0.27 – 6.01	0.755
Altura precedente [mais.baixa]	0.19	0.07 – 0.55	0.002
Altura precedente [menos.alta]	0.76	0.32 – 1.84	0.547
Random effects			
Σ^2	3.29		
T ₀₀ informante	0.61		
Icc	0.16		
N _{informante}	12		
Observations	644		
Marginal r ² / conditional r ²	0.418 / 0.509		

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+
CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+
SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências**
(**Intercepto**): [j], /mais alta/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
Fonte: Elaboração Própria

Nos resultados com o vocábulo ‘trabalhar’ neste estudo, a vogal [-altas] e vogal [+baixa] não se mostraram significativas a semivocalização quando comparadas à vogal [+alta] no contexto precedente. Assim, neste contexto, nenhuma das vogais foi significativa se

comparadas com a vogal [+alta], o que não coincide com os resultados de Soares (2008), em que as vogais [-altas] foram favoráveis.

Para sanar as dúvidas sobre influência do item ‘trabalhar’, conforme verificado nos estudos de Madureira (1987) com relação ao favorecimento a altura [-altas] e [+baixa] criamos o modelo retirando esta palavra e mantivemos os padrões da categoria de referência do modelo precedente. Na Tabela 20, temos os resultados:

Tabela 20 – Altura precedente [+ alta], [-alta] e [+baixa]
sem o item lexical ‘trabalhar’

VARIANTE			
<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	1.28	0.27 – 6.01	0.755
Altura precedente [mais.baixa]	0.19	0.07 – 0.55	0.002
Altura precedente [menos.alta]	0.76	0.32 – 1.84	0.547
Random effects			
Σ^2	3.29		
T ₀₀ informante	0.61		
Icc	0.16		
N _{informante}	12		
Observations	644		
Marginal r ² / conditional r ²	0.418 / 0.509		

dados1, VARIANTE~VOGAL.PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+ CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):** [j], /mais. alta/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

Na Tabela 20, os resultados não foram alterados de forma expressiva. Desse modo, no contexto precedente, a vogal [+alta], em comparação com a vogal [-alta] não obteve significância com (p- valor > 0,05) e intervalos de confiança para labial de (IC 95% = 0,32; 1,84). Somente a vogal [+baixa] teve p <0,001 significativo, e *odds* de (OR= 0,19) indicando que a semivocalização tornou-se maior na vogal [+alta] com a retirada do item ‘trabalhar’.

Nesse sentido, nossos resultados coincidem com os de Madureira (1987), com relação à possível interferência do verbo ‘trabalhar’ no favorecimento da semivocalização entre a

vogal [+baixa] no contexto precedente, já que, com a retirada do item ‘trabalhar’ a vogal [+alta] foi favorecida.

Ademais, num primeiro momento, a perda do traço coronal da lateral palatal para a semivogal [j], no contexto precedente, não parece ocorrer por um processo assimilatório²⁵, mas, sim, dissimilatório, encontrando um ambiente favorável entre a dorsal [+baixa], quando mantido o item ‘trabalhar’.

Assim, de maneira geral, a semivocalização em contexto precedente não obteve significância na realização em vogal coronal e labial com verbo ‘trabalhar’. No contexto seguinte, a realização da semivocalização em situações com vogal coronal e labial deu significativa, porém desfavorável, com essas vogais. Além disso, com a retirada de ‘trabalhar’ a vogal coronal deixou de ser significativa. Dessa forma, nossa hipótese inicial de que a semivocalização seria favorável pela possível influência do traço coronal, não se confirmou nesse estudo, com ou sem o verbo ‘trabalhar’.

Na classe de palavras, outro contexto com ‘p’ significativo para semivocalização é o dos advérbios, quando comparados aos adjetivos. Na Tabela 14 deste estudo, a estimativa ou *log (OR)* do advérbio foi negativa com índice de *log* (-4,1) e odds (*OR*=0,02) o que indica uma possibilidade de semivocalização acima da manutenção da lateral palatal, bem maior nos adjetivos do que nos advérbios. Nesse aspecto, os nossos resultados diferem dos de Soares (2008), uma vez que os verbos favoreceram a realização da semivogal [j] e os adjetivos não favoreceram essa realização na pesquisa de Soares (2008).

Sobre a retirada do vocábulo ‘trabalhar’, não houve alterações tão significativas para a classe de palavras. A variação do valor de ‘p’ foi de (*p*-valor < 0,001), quando o vocábulo ‘trabalhar’ foi incluído e de (*p*-valor = 0,003), quando se retira esse item, sugerindo uma leve redução da significância sem o vocábulo ‘trabalhar’.

Com relação à tonicidade, a semivocalização deu significativa com (*p*-valor < 0,010) e odds de (*OR*= 0,44). No entanto, essa significância parece está condicionada ao verbo ‘trabalhar’ em nossos dados, pois, quando esse item é retirado à tonicidade deixa de ser significativa como mostra a tabela 18. Esses dados condizem com os estudos de Soares (2008), em que, a semivocalização foi favorecida em ambientes tônicos, porém não foi averiguada a influência do item ‘trabalhar’, na pesquisa de Soares (2008). Nos estudos de Madureira (1987), não houve influência da tonicidade para significância da semivocalização.

²⁵ Conforme Soares (2008), os processos assimilatórios estão diretamente ligados ao Princípio do Contorno Obrigatório que proíbe segmentos iguais num mesmo *tier*.

Na próxima subseção, apresentamos a análise das variáveis extralinguísticas.

5.4.2.2 Variáveis extralinguísticas

Na Tabela 21, abaixo, a única variável extralinguística significativa para a semivocalização foi a faixa etária de 31 a 53 anos com (p-valor = 0,020) e *Odds Ratios* de (OR= 0,15). Dessa forma, a faixa etária 31 a 53 anos é menos propícia à semivocalização do que a faixa etária mais jovem, entre 20 e 30 anos. Para a faixa etária com 54 anos ou mais, os dados não foram significativos com (p-valor > 0,05).

Nesse sentido, diferentemente dos resultados de Castro (2006), em que a primeira geração manteve, em maior número, a realização da lateral palatal e a segunda geração realizou a semivogal, na maior parte dos casos; neste estudo, o grupo de segunda geração tende a não favorecer a realização da semivogal. No entanto, os nossos resultados se assemelham aos de Madureira (1987), visto que, quando observamos a interação entre faixa etária e sexo, os homens adultos tendem a realizar a semivogal em maior proporção do que as mulheres.

Os números da análise das variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo descrito acima podem ser visualizados na tabela 21 a seguir:

Tabela 21 – Análise Multivariada: variáveis extralinguísticas

<i>Predictors</i>	VARIANTE		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	3.01	0.66 – 13.73	0.155
Vogal precedente [coronal]	2.08	0.93 – 4.66	0.075
Vogal precedente [labial]	1.81	0.93 – 3.53	0.080
Vogal seguinte [coronal]	0.26	0.13 – 0.51	<0.001
Vogal seguinte [labial]	0.29	0.15 – 0.56	<0.001
Tonicidade [atona]	0.44	0.23 – 0.82	0.010
Classe de palavras [adverbio]	0.02	0.00 – 0.17	<0.001
Classe de palavras [substantivo]	0.42	0.15 – 1.19	0.103
Classe de palavras [verbo]	1.08	0.37 – 3.10	0.890
Tamanho [polissilabo]	0.41	0.16 – 1.06	0.066
Tamanho [trissilabo]	0.50	0.24 – 1.05	0.066
Sexo genero [masculino]	0.36	0.08 – 1.59	0.176
Faixa etaria [31 a 53 anos]	0.15	0.03 – 0.74	0.020
Faixa etaria [54 anos ou mais]	1.42	0.30 – 6.66	0.658
Sexo genero [masculino] × faixa etaria [31 a 53 anos]	34.70	3.86 – 311.76	0.002
Sexo genero [masculino] × faixa etaria [54 anos ou mais]	6.32	0.69 – 58.14	0.103
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} INFORMANTE	0.50		
ICC	0.13		
N INFORMANTE	12		
Observations	748		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.411 / 0.489		

dados1, VARIANTE~VOGAL. PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+ CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):** [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;
 Fonte: Elaboração Própria

Pelos dados da tabela acima, na interação, entre sexo e faixa etária entre 31 a 53 anos, os homens tenderam a realização da variante semivocalizada. Segundo Madureira (1987), isso acontece pelo fato de as mulheres serem mais sensíveis à variante de prestígio /k/, ao passo que é esperada a realização da variante estigmatizada [j] pelo sexo masculino.

Na Tabela 22, apresentamos o modelo sem o item lexical ‘trabalhar’, a fim de verificar as influências em relação às variáveis extralinguísticas.

Tabela 22 – Análise Multivariada sem o item lexical ‘trabalhar’

<i>Predictors</i>	VARIANTE		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.58	0.11 – 3.15	0.524
Vogal precedente [coronal]	4.06	1.71 – 9.64	0.001
Vogal precedente [labial]	4.08	2.00 – 8.30	<0.001
Vogal seguinte [coronal]	0.53	0.26 – 1.11	0.093
Vogal seguinte [labial]	0.36	0.19 – 0.71	0.003
Tonicidade [átona]	1.02	0.52 – 2.01	0.959
Classe de palavras [advérbio]	0.03	0.00 – 0.30	0.003
Classe de palavras [substantivo]	0.45	0.16 – 1.32	0.147
Classe de palavras [verbo]	1.02	0.35 – 2.93	0.971
Tamanho [polissílabo]	1.99	0.70 – 5.65	0.198
Tamanho [trissílabo]	0.68	0.34 – 1.37	0.280
Sexo [masculino]	0.39	0.07 – 2.08	0.272
Faixa etária [31 a 53 anos]	0.10	0.02 – 0.62	0.013
Faixa etária [54 anos ou mais]	1.56	0.29 – 8.32	0.606
Sexo [masculino] × faixa etária [31 a 53 anos]	54.04	4.69 – 622.36	0.001
Sexo [masculino] × faixa etária [54 anos ou mais]	5.48	0.47 – 63.73	0.174
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} INFORMANTE	0.60		
ICC	0.15		
$N_{\text{INFORMANTE}}$	12		
Observations	644		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.420 / 0.510		

dados1, VARIANTE~VOGAL. PRECEDENTE+ VOGAL.SEGUINTE+ TONICIDADE+ CLASSE.DE.PALAVRAS+ TAMANHO+ SEXO.GENERO +FAIXA.ETARIA+ SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA+ (1 | INFORMANTE). **Categorias de referências (Intercepto):** [j], /dorsal/, /adjetivo/, /dissílabo/, /tônica/, /feminino/ e /20 a30 anos/;

Fonte: Elaboração Própria

Na Tabela 22, com a retirada do item ‘trabalhar’, a faixa etária entre 31 e 53 anos continua significativa e com menor chance de vocalização – Odds (OR = 0.10) e (p-valor= 0.013) – assim como no modelo em que consta o verbo ‘trabalhar’. Portanto, na nossa amostra, não há interferência desse vocábulo na semivocalização da faixa etária de 31 a 54 anos. Para sanar as dúvidas ainda existentes, separamos o vocábulo ‘trabalhar’ por faixa etária, sexo e a variante, como explicitado, na Tabela 23, a seguir:

Tabela 23 – Frequência do vocábulo 'trabalhar' na faixa etária e sexo

VARIANTE				
<i>Variante</i>	<i>Sexo</i>	<i>Vocábulo</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Frequência</i>
lh	masculino	trabalhar<lh>	20 a 30 anos	38
lh	feminino	trabalhar<lh>	20 a 30 anos	11
j	feminino	trabalhar<j>	20 a 30 anos	23
j	masculino	trabalhar<j>	20 a 30 anos	13
lh	masculino	trabalhar<lh>	31 a 53 anos	2
lh	feminino	trabalhar<lh>	31 a 53 anos	3
j	feminino	trabalhar<j>	31 a 53 anos	4
j	masculino	trabalhar<j>	31 a 53 anos	10
lh	masculino	trabalhar<lh>	54 anos ou mais	1
lh	feminino	trabalhar<lh>	54 anos ou mais	6
j	masculino	trabalhar<j>	54 anos ou mais	11

Fonte: Elaboração Própria

Segundo a Tabela 23, a faixa etária entre 31 e 53 anos teve poucas ocorrências para o verbo ‘trabalhar’, com três ocorrências para o sexo feminino na palatalização e quatro na semivocalização. O sexo masculino registrou duas ocorrências para a manutenção da palatal e dez para a semivocalização. Em contrapartida, na faixa etária de 20 a 30 anos, os homens tiveram 38 ocorrências para a palatalização e 13 para a semivocalização; as mulheres registraram onze ocorrências para a palatalização e 23 semivocalizações. Na faixa etária com 54 anos ou mais, homens e mulheres tiveram uma e seis para a manutenção da palatal, respectivamente, e onze ocorrências de semivocalização para o sexo masculino. Neste aspecto, na faixa etária de 31 a 54 anos, a baixa ocorrência do vocábulo ‘trabalhar’ não nos

permite concluir a não interferência deste vocábulo na semivocalização nas variáveis extralinguísticas.

No entanto, pelos dados analisados neste estudo, podemos afirmar que não há influência do vocábulo ‘trabalhar’ na vocalização da lateral palatal na faixa etária de 31 a 53, se comparada à faixa de 20 a 30 anos. Assim, a retirada do verbo ‘trabalhar’ não influenciou significativamente, quando observamos a faixa etária isolada.

Além disso, quanto à faixa etária sem a interação, na Tabela 21, podemos observar que a hipótese de que a faixa etária mais jovem (de 20 a 30 anos) tende a não usar a variante semivocalizada não se confirma. A faixa etária de 31 a 53 anos foi significativa, com menos chances de realizar a vocalizada, se comparada à faixa etária de 20 a 30 anos. Já a com 54 anos ou mais não foi significativa.

Outro fator a ser considerado diz respeito à realização da semivogal, que teve maior incidência no sexo masculino do que no feminino, conforme Madureira (1987). Em nossos dados, na faixa etária de 31 a 53 anos, de fato, os homens tendem a realizar mais a semivocalização. Contudo, na faixa etária de 20 a 30 anos, as mulheres tenderam à realização da semivogal, ao passo que os homens, da palatalizada. Nesse sentido, a hipótese de que o sexo feminino tende a preservar a lateral palatal se confirma na interação entre sexo e faixa etária.

A partir dessas considerações, verificamos que alguns apontamentos na análise introdutória condizem com os resultados multivariados com interação, sobretudo, no que se refere ao vocábulo ‘trabalhar’, às variáveis linguísticas e ao contexto precedente. Porém, esse item lexical ‘trabalhar’ não influenciou nas variáveis extralinguísticas. Ressaltamos que os estudos de Madureira (1987) ocorreram dezoito anos antes de a amostra deste estudo ter sido coletada, o que pode diferir dos resultados extralinguísticos, em alguns pontos, em virtude do espaço de tempo.

Dessa forma, poderão ser investigados, em trabalhos futuros, os aspectos sociais considerando a faixa etária e o sexo, já que, neste estudo, na faixa etária de 20 a 30 anos, as mulheres tenderam a realizar a semivogal no verbo ‘trabalhar’ e os homens, a palatalizada. Nas outras faixas etárias, a preferência pela palatalizada permaneceu no sexo feminino, como mostram os dados na Tabela 23.

Além disso, nos aspectos relacionados aos fatores extralinguísticos, a retirada do vocábulo ‘trabalhar’ contribuiu para um ligeiro aumento nas chances de vocalização na interação faixa etária – de 31 a 53 anos – e sexo. Quanto à classe de palavras, os adjetivos

foram os vocábulos mais susceptíveis à semivocalização do que os advérbios, uma vez que configuram somente 4% de possibilidades, se comparados aos adjetivos. Nossos dados ainda revelam que os contextos precedentes tornaram-se favoráveis à vocalização.

Já o traço da vogal coronal parece não ter influenciado, neste estudo, a dissimilação da lateral palatal no contexto seguinte, como ocorreu em Soares (2008). Salientamos, ainda, que semivocalização, quanto à altura [+alta] comparada a vogal [+baixa] e [-alta] em contexto precedente, não teve resultados significativos com item lexical ‘trabalhar’.

Neste aspecto, nossos resultados concordam, em partes, com o estudo de Soares (2008), em que a altura da vogal [+alta] parece ter funcionado como um bloqueador para a semivocalização, apesar de ser significativo quando comparada a vogal [+baixa] e [-alta]. Ressaltamos, porém, que Soares (2008), não observou como Madureira (1987) a influência do verbo ‘trabalhar’. De forma, que em nossa pesquisa, a retirada do verbo ‘trabalhar’ diminui a possibilidade de vocalização na vogal mais baixa em comparação a mais alta com (p-valor = 0,002) significativo, ou seja, a altura favorece e não bloqueia a semivocalização.

Essa análise, como dito no início, levou em consideração a interação faixa etária e sexo. O modelo multivariado com interação confirma, em grande parte, o que foi sugerido na análise introdutória, como baixa produção da variante semivocalizadas nas vogais coronais e labiais, comparadas com a vogal dorsal, no contexto seguinte, além da variável significativa, tonicidade. Somente tamanho da palavra, que não se confirmou significativa no final.

Assim, a análise com interação permitiu-nos verificar a provável relação, nessa amostra, do uso da semivogal com a faixa etária e o sexo masculino, ou seja, pode haver um condicionamento da semivocalização à faixa etária de 31 a 53 anos e ao sexo masculino, conforme verificado por Madureira (1987). Estes dados, não são medidas absolutas para definir se os resultados aqui encontrados são, de fato, a realidade da Cidade de Goiás, pois se trata de uma pequena amostra e há necessidade de mais estudos. Quanto à proposta do dialeto caipira, nessa amostra, a análise mostrou-se favorável, com recorrência expressiva para a semivogal [j], o que nos permite inferir, mas não de forma categórica, para a possível influência desse dialeto em alguns extratos sociais e linguísticos, como os expostos neste trabalho.

A análise fonológica é o assunto da próxima seção.

6 ANÁLISE FONOLÓGICA

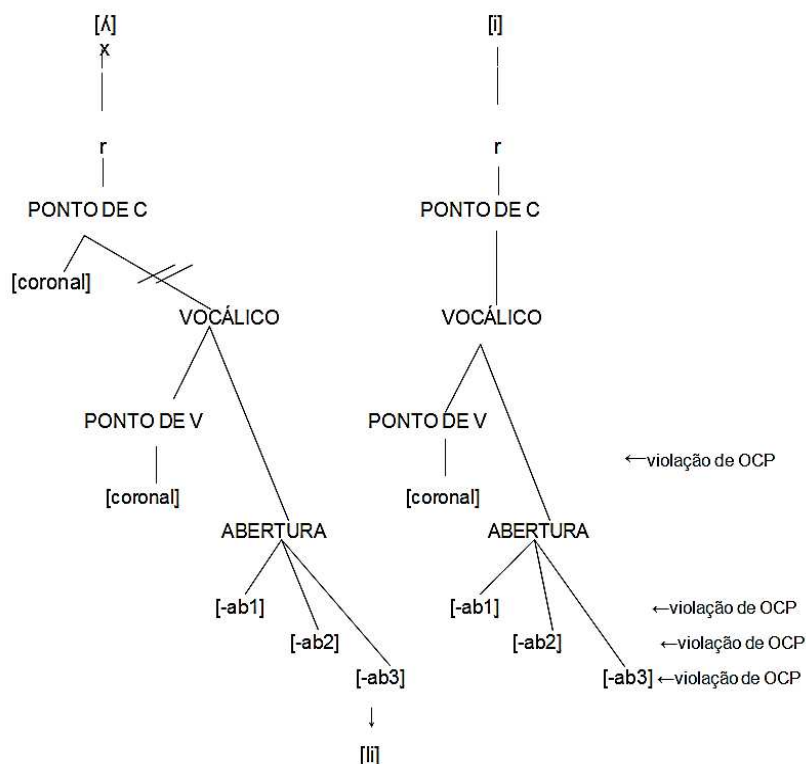
Nesta seção, discorreremos sobre as variantes analisadas nessa pesquisa, ou seja, a realização plena da palatal lateral, a sua ocorrência semivocalizada e o apagamento do ponto de vista da análise por modelos fonológicos.

6.1. O Princípio do Contorno Obrigatório – *OCP* – na lateral palatal

De acordo com Brisolara (2004), quando tratamos do OCP, é necessário analisá-lo à luz da Fonologia Autossegmental, pois apresenta princípios básicos para o emprego da regra, como solucionar, primeiramente, problemas nas línguas tonais, como propôs Leben (1973) e, depois, estendido para a Fonologia Autossegmental por McCarthy (1986).

Dessa forma, Brisolara (2004) propõe a elevação da vogal coronal em situações de pronome clítico e no contexto precedente, como em \rightarrow ‘lhe dizer’, considerando a lateral palatal como complexa, uma vez que a pronúncia ‘li’, em vez de /lhe/, dá-se em virtude da atuação da OCP. A atribuição a esse fenômeno se deve “ao fato de apresentarem traços adjacentes idênticos num mesmo *tier*” (Brisolara, 2004 *apud* Matzenauer-Hernandorena, 1997, p. 698) unidos no ponto de vogal ligados pelos traços coronais. Nesse aspecto, Brisolara (2004) apresenta, na Figura 9, abaixo, o modelo de desligamento do nó vocálico de / λ / indicado por Matzenauer-Hernandorena (1997, p. 698):

Figura 9 – OCP na lateral palatal



Fonte: Matzenauer e Hernandorena (1997, p. 698)

Brisolara (2004) explica que, com o desligamento do nó vocálico da lateral palatal, /ʎ/ passaria à [lj] e, por fim, à [l]. Para a autora, o responsável por esse fenômeno é o OCP, pois os falantes do PB produzem, com maior frequência, a forma [li] em vez de /ʎi/. No entanto, salientamos que, no estudo de Brisolara (2004), em treze ocorrências, somente uma sofreu elevação e doze permaneceram com /e/ no final. A autora ressalta que os dados de sua pesquisa não foram suficientes para definir a manutenção da coronal.

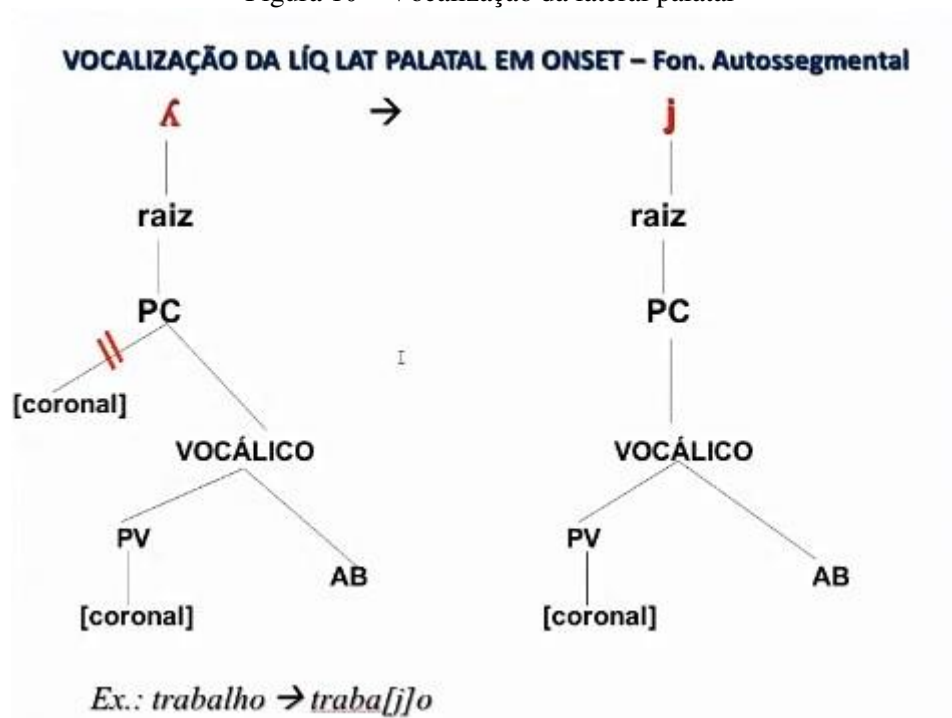
Portanto, há indícios de que o OCP parece atuar tanto na lateralização da lateral palatal, em virtude da articulação secundária, quanto no apagamento, ou seja, na alteração semivocalizada, que resulta do desligamento do traço de consoante da lateral palatal. O vocoide, ante ao segmento no mesmo *tier* com traços idênticos, tende a ser desligado, causando o apagamento.

A seguir, apresentamos a análise da semivocalização e do apagamento.

6.2 A semivocalização

Conforme Soares (2008), a semivocalização deve-se ao desligamento do traço consonantal [coronal] da lateral palatal /ʎ/. Para Hernandorena (1999) e Wetzels (2000), essa consoante é composta de uma articulação secundária [j], resultado do espraçamento de /i/ para o ponto de consoante da lateral alveolar /l/. Assim, temos a semivogal, que aparece na subjacência. Na Figura 10, exemplificamos o processo de semivocalização, de acordo com Hernandorena e Hora (2021).

Figura 10 – Vocalização da lateral palatal



Fonte: Hernandorena e Hora (2021)²⁶

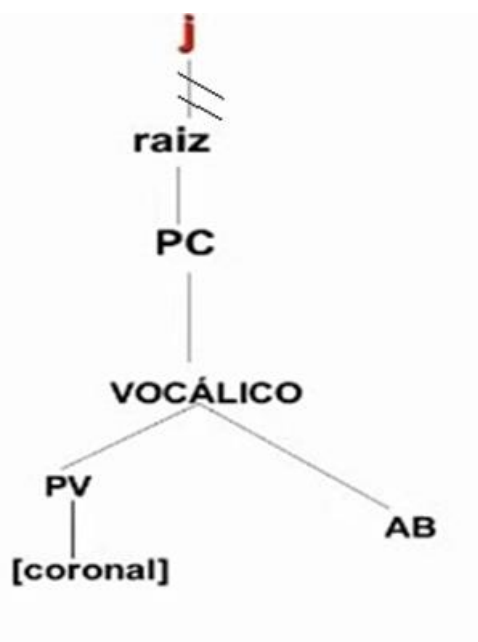
A Figura 10 mostra a representação da semivocalização na palavra ‘trabalho’. Nos dados desta pesquisa, a vocalização foi expressiva e encontrada antes e depois da vogal dorsal, da coronal/e/ e das labiais /u/ e /o/. Para Monaretto, Quednau e Hora (2005, p. 217), o processo de semivocalização é entendido como a “desassociação do traço coronal”.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/0s4ufrnE3KY?si=bExHCAAhXfnMlxf2>. Acesso em 24 fev. 2024.

6.3 O apagamento

Para Soares (2008), o apagamento acontece devido à reestruturação da sílaba consoante-vogal (CV), ordem padrão do Português Brasileiro, que simplifica essa estrutura a apenas uma vogal (V), como acontece em ‘telha’ → [‘teɐ̃], sem *onset* e sem rima ramificada. A esse fenômeno, Soares (2009) atribui um caráter incomum, já que a regra ideal das sílabas do PB é CV. Por isso, a autora atribui essa formação incomum à baixa ocorrência do apagamento em sua pesquisa. A Figura 11 representa o processo de apagamento:

Figura 11 – Apagamento do vocoide

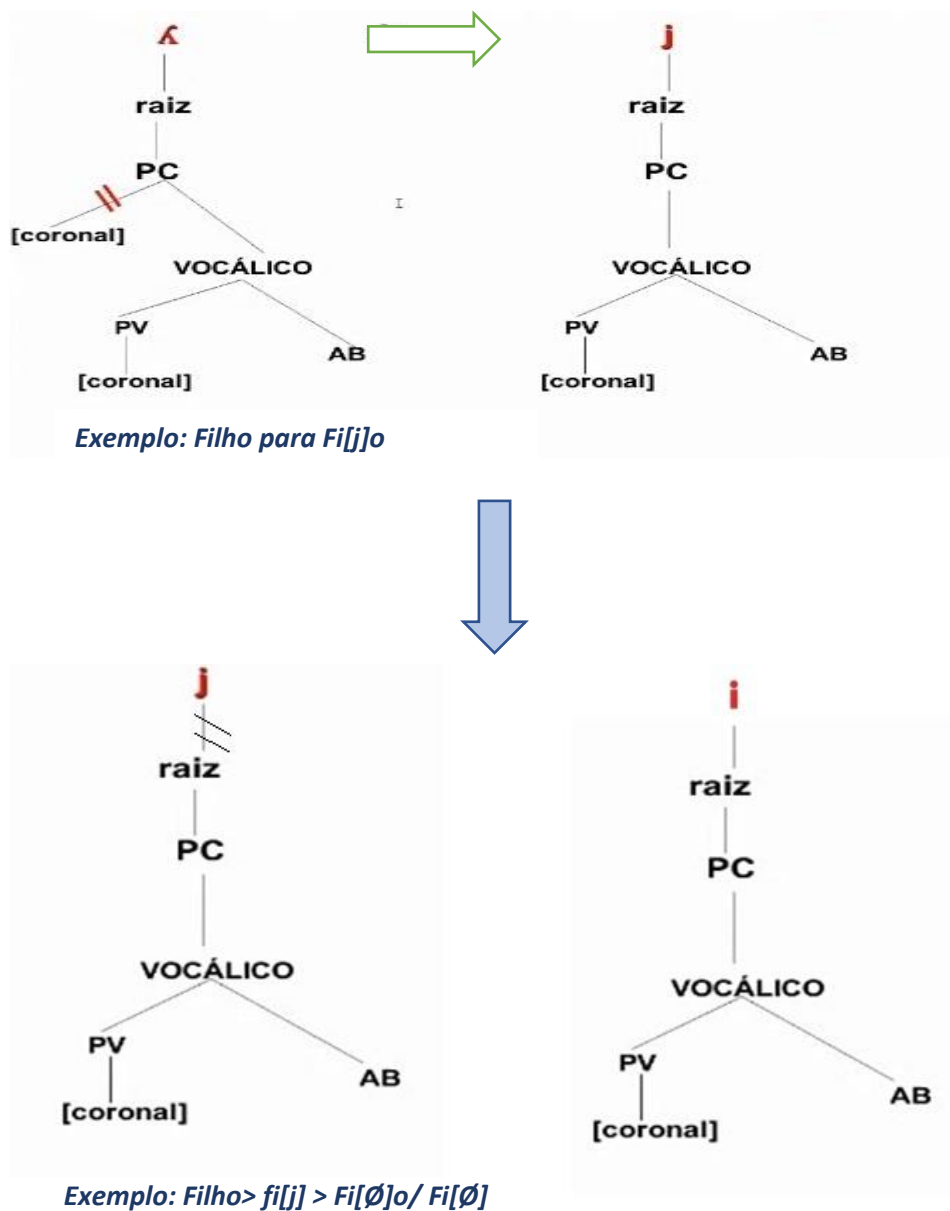


Fonte: Adaptado de Hernandorena e Hora (2021); baseado em (Soares 2008, p. 154)

Conforme a Figura 11, há no apagamento um processo de dissimilação para evitar a violação do Princípio do Contorno Obrigatório, como propõe Matzenauer (2001).

Nos dados desta pesquisa, em comparação com as demais variantes, o apagamento foi pouco produtivo e restrito somente à palavra ‘filho’. Assim como nos resultados obtidos por Soares (2008), neste estudo, só foi possível encontrar o apagamento, no contexto precedente, para este item lexical (‘filho’). A Figura 12 mostra o processo de apagamento para a palavra ‘filho’.

Figura 12 – Apagamento da lateral palatal na palavra ‘filho’



Fonte: Adaptado de Hernandorena e Hora (2021)

Como Soares (2009), concordamos que o apagamento ocorre após a semivocalização e assemelha-se à monotongação, que acontece nos ditongos. De acordo com Collischonn (2005), na monotongação, há o processo de espraçamento do traço vocálico [j] da consoante palatal [j] para a esquerda, quando precedida de /a/ e /e/, seguido pelo apagamento da semivogal, como na palavra ‘peixe’ → [‘peØfi].

Na palavra ‘filho’, ocorre primeiro o processo de desligamento do traço [coronal] da lateral palatal /ʎ/; depois, a semivocalização, em que /ʎ/ passa a [j]. Em seguida, ocorre o apagamento da semivogal diante da vogal /i/, devido ao Princípio do Contorno Obrigatório, originando a palavra: ‘fi[Ø]o’, como mostrado na Figura 11.

No entanto, vale ressaltar que, na transcrição das entrevistas, foram encontradas variações do tipo ‘fii’, como na fala de uma informante de 28 anos: “o qu/eu dé conta eu compro... pro meus **fii** eu compro... num ganho bem não mais... assim... a gente ganha...”. Dessa forma, parece ocorrer, como aponta Collischonn (2005, p. 107), um alongamento compensatório, ou seja, “quando um segmento é apagado por uma regra fonológica, a sua duração pode permanecer intacta e ser reassociada a outro segmento adjacente”.

Assim, pelas análises aqui realizadas, o processo de variação da lateral palatal está sujeito tanto a variáveis linguísticas como extralinguísticas. Em relação às variáveis linguísticas, podemos citar o contexto precedente, o contexto seguinte, a classe de palavras e a tonicidade. Já para as variáveis extralinguísticas, há questões relacionadas à faixa etária e ao sexo que darão preferência a uma ou outra forma alofônica e, em alguns casos, as mulheres tenderão a usar mais a forma de prestígio ou padronizada da lateral palatal.

Sobre a proposta de Amaral (1920), no que tange ao dialeto caipira, não houve, nas transcrições das entrevistas, nenhuma realização da variável despalatalizada. O que se pressupõe, nos dados analisados deste estudo, é uma tendência em seguir o dialeto caipira, com destaque para a variação semivocalizada, conforme Amaral (1920) e Ribeiro (2015), já que, nos dados, foram realizadas 298 semivocalizações num total de 950 dados.

Ressaltamos que existem outros aspectos de caráter sociolinguístico a serem estudados e aprofundados, sobretudo, quanto ao provável contato linguístico como seria uma possível explicação para a semivocalização nos contextos precedente e seguinte à vogal dorsal, conforme afirma Castro (2006). Também podem ser objeto de estudo questões associadas a um aumento na realização da semivogal no vocábulo ‘trabalhar’ na fala de mulheres mais jovens, como ocorreu nesta pesquisa, além da qualidade da vogal dorsal, de caráter fonético, na produção dessa na semivocalização.

Na seção seguinte, tecemos as considerações finais deste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos a variação da lateral palatal considerando tanto a manutenção quanto a semivocalização, com base nas perspectivas da Fonologia Autossegmental e da Sociolinguística Laboviana. O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a variação da consoante palatal líquida /ʎ/ na fala dos habitantes da Cidade de Goiás-GO.

Para cumprir esse objetivo, analisamos a amostra do Banco de Fala de Goiás, por meio do programa RStudio. A fim de verificarmos como se comportariam as variáveis, a análise introdutória foi dividida em duas fases: a univariada e a bivariada. Seguintemente, fizemos uma análise multivariada com a regressão logística com interação e obtivemos as variáveis significativas: vogal seguinte, tonicidade, classe de palavras, faixa etária, faixa etária / sexo (interação).

Neste estudo, a hipótese de que a vocalização seria mais frequente do que o apagamento foi confirmada, diferentemente de outros trabalhos, como o de Freire (2011), em que o apagamento não foi expressivo. Soares (2008) atribui a pouca frequência do apagamento à formação incomum da regra ideal da sílaba em PB.

Quando verificamos a hipótese da vocalização de /ʎ/ ser recorrente diante da vogal dorsal, os resultados confirmaram-se. Tivemos uma grande recorrência de semivocalização neste contexto, porém, levando-se em conta a influência do item lexical ‘trabalhar’.

O contexto que não favoreceu – e nas análises introdutórias já divergia da hipótese – foi o da vocalização e o apagamento serem mais frequentes em ambientes átonos, o que não se confirmou em partes, já que, apesar de a semivocalização ser recorrente em ambientes tônicos, na nossa amostra, o apagamento foi favorecido em ambiente átono.

Com relação à hipótese da vocalização de /ʎ/ ser favorecida pela presença da vogal coronal em contexto seguinte, os dados mostraram que este contexto não foi favorável. Na hipótese, o traço coronal da vogal poderia influenciar o processo de vocalização, o que não foi confirmado no contexto seguinte.

Quando verificamos a hipótese de vocábulos maiores favorecerem a variação da lateral palatal, houve uma maior porcentagem da semivocalização em palavras polissílabas, na análise introdutória. Contudo, para esta análise multivariada, os valores não foram significativos o suficiente para determinar se, de fato, as polissílabas foram as mais favoráveis.

Outro aspecto a ser pontuado é o da hipótese de que certos itens lexicais (provavelmente, os de maior frequência) favoreceriam a variação da lateral palatal. O item trabalhado na análise multivariada foi o verbo ‘trabalhar’, considerando os resultados de Madureira (1987) que confirmaram a influência desse verbo na vocalização.

Em relação aos fatores extralinguísticos, a nossa hipótese de que o fator social idade favoreceria a manutenção da lateral /*ʎ*/ nos mais jovens não foi positiva, nesta análise, pois, se comparada às outras faixas etárias, a mais jovem foi significativa para a semivocalização, com maior ocorrência desse fenômeno nos falantes de 20 a 30 anos. Nesse sentido, não sabemos o contexto social que acarretou esse fato em nossa amostra.

Outra hipótese que tínhamos era a de que pessoas da faixa etária mais alta realizariam, com maior frequência, a semivogal do que a lateral /*ʎ*/. Na verdade, essa faixa etária não foi significativa, se comparada à faixa etária de 20 a 30 anos, pois verificamos que a semivocalização foi pouco representativa na fala dos homens e mulheres de 54 anos ou mais. Por isso, essa hipótese foi refutada.

A última hipótese extralinguística foi que as pessoas do sexo feminino favoreceriam a manutenção da lateral /*ʎ*/, o que aconteceu quando fizemos a interação faixa etária e sexo, que comparou feminino e masculino. Nessa interação, os homens tenderam a realizar mais a semivogal do que as mulheres. Todavia, a variável sexo, isoladamente, não foi significativa para esta análise.

Concluimos que os fatores que favorecem a variação da lateral palatal estão condicionados a questões linguísticas e extralinguísticas e também a aspectos fonológicos que não são simples. São fatores que requerem mais estudos: como a complexidade da lateral palatal do ponto de vista articulatorio, por ser uma consoante que contém o traço secundário da vocoide [j]; além de questões sociolinguísticas concernentes ao dialeto caipira e ao contato linguístico. Como afirma Wetzels (2000), a lateral é tão complexa, porque pode ter dois pontos de articulação conjuntos que propiciam a variação, como uma história sociolinguística em torno de si que reflita além de tudo “o povo brasileiro” (Ribeiro, 2015).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. T. de **Processo de Decisão nas Organizações: Construindo Modelos de Decisão Multicritério**, 1a Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

ALMEIDA, L. de F. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1920.

ARAGÃO, M. do S. S. de. **A despalatalização e a iotização no falar paraibano**. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, I, 11 a 16 set. 1994, Salvador. **Resumos – Conferências, Mesas-redondas e Comunicações**. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 1994. p. 203-203. Disponível em: <<https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2018/12/anaiscongresso94.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

AZAMBUJA, E. J. M. A aquisição das líquidas laterais do Português: **um estudo transversal**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1998.

BERGO, V. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BEZERRA, A. P. **História da Língua Portuguesa** / Antônio Ponciano Bezerra -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

BIONDO, D. O estudo da sílaba na fonologia auto-segmental. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, jan./jun. 1993. p. 37-51. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15289/10081>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

BISOL, L (org.) (1996) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BLOCK, B.; TRAGER, G. L. **Outline of Linguistic Analysis**. Baltimore: Linguistic Society of America, 1942.

BRANDÃO, S. F. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 42, n. 3, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2793>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BRISOLARA, L. B. **A prosodização dos clíticos pronominais no Sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/**. 2004. 106 f. Dissertação (Dissertação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Pelotas, Porto Alegre, 2004.

CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CASTRO, E. F. **Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal [ʎ] no Português Brasileiro**. 2006. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/598M.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et. al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/U FSC , 2010.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro** – 4a. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DICKEY, L. W. **The Phonology of Liquids**. University of Masschustts Amhersts, 1997.

ESPIRITO SANTO, J. M. F. **Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcanjo**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-24062020-184801/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FERREIRA, M. M. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados VARSUL**. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49688>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

FINBOW, T. D. **A origem e a propagação da mudança linguística**. 2011. Curso de Linguística Histórica (FLL 0443) 2º Semestre – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2299566/mod_resource/content/1/10%20A%20origem%20e%20a%20propagac%CC%A7a%CC%83o%20da%20mudanc%CC%A7a.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.

FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. Word, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1958.

FREIRE, J. B. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6516/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano**. 2016. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9220/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

FREIRE, J. B. **Acessando o significado social da palatalização /t, d/**. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória. 208-226. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/572/23401>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Brasil Blackwell, 1990.

GRIES, S. Th. **Estatística com R para a linguística**. Belo Horizonte: FAE/UFGM, 2019. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Estat%C3%ADstica_com_R_Gries_%20Mello_et%20al.pdf>. Acesso em 17 abr. 2024.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.

HUAYANAY, A.C **Modelos de regressão para resposta binária na presença de dados desbalanceados**. 2019. 91 p. Dissertação (Mestrado em Estatística–Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Estatística)–Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, São Carlos–SP, 2019.

HERNANDORENA, C. L. M. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 85-99.

HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. A aquisição das consoantes líquidas do Português. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, dez. 1997. p. 7-22. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15289/10081>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

HERNANDORENA, C. L. M.; HORA, Dermeval da (Conversas da hora). **Curso fonética e fonologia**. YouTube, 18 ago, 2021. Acesso em: 31 dez. 2023.

JOHNSON, R. A.; WICHERN, D. W. **Applied Multivariate Statistical Analysis**. 6th. Ed. New Jersey: Prentice Hall, 2007.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LASSANCE, R.F.L. **Comparação de modelos lineares generalizados logísticos e log-binomial**. 2015. viii, 51 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estatística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/13831>>. acesso em 17 abr. 2024>.

LEBEN, W. 1973. **Suprasegmental Phonology**. MIT: Ph.D. Dissertation.

LIMA JR., R. **Análise Quantitativa de Dados**. 2022. Disponível em: <<https://ronaldolimajr.github.io/quant-data-analysis/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

LOPES, A.P. **Probabilidade e estatística**. Rio de Janeiro. Reichmman & Affonso.2000.

LUCCHESI, D, ARAÚJO, S. A teoria da variação linguística. **In: A teoria da variação linguística**. 20. ed. Bahia: Vertentes do português popular do Estado da Bahia, 2004.

MADUREIRA, E. D. **Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português**. 1987. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9HTQSC/1/dissertacao_evelyne_doglianmadureira.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

MARTINS, I. e M. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: **Estudos Sociolinguísticos** – perfil de uma comunidade. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004

MATZENAUER, C. L. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. M. Um caso de efeito de OCP no português. In: **Anais do 1º Encontro do CELSUL**. Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 1997. p. 687-697.

MCCARTHY, J. 1986. OCP effects: **gemination and antigemination**. *Linguistic Inquiry* 17, p.207-63.

MOLLIKA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MONARETTO, V. N.O; QUEDNAU, L.R; HORA, D. DA. As Consoantes do Português. In BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro** – 4a. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.

MONTGOMERY, D. C.; PECK, E. A.; VINING, G. G. **Introduction to linear regression analysis**. John, Wiley and Sons, Inc., New York, 612p, 2006.

MURADOGLU, M, CIMPIAN, J. R. & CIMPIAN, A. **Mixed-Effects Models for Cognitive Development Researchers**, Journal of Cognition and Development, 2023, 24:3,307-340, DOI: 10.1080/15248372.2023.2176856

Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/15248372.2023.2176856>>. Acesso em: 17 abr, 2024.

NUNES, J. J. N. **Compêndio de gramática histórica portuguesa** – fonética e morfologia. 8. ed. Lisboa: Editora Livraria Clássica, 1975.

NEUSCHRANK, A.; MATZENAUER, C. L. B. A palatalização na diacronia do PB: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica. In: **Linguística**. Montevideu, v. 27, n. 1, jun. 2012. p. 18-46. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2012000200003>. Acesso em: 6 jun. 2023.

OLIVEIRA, D de A. L., MOTA, J. A. As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). In: **Anais do III Seminário de Linguística de Pesquisa e Estudos Linguísticos e III Seminário de Pesquisa de Análise de Discurso**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007. p. 205-209.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. Campinas: Editora da ABRALIN, 2022.

PAIVA, M. da C. A variável sexo/sexo. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PERES, F.F. **Como representar os resultados de qui-quadrado em um gráfico**. São Paulo, 28 dez. 2020. Disponível < <https://fernandafperes.com.br/blog/grafico-qui-quadrado/>> Acesso: 13 de maio. de 2024.

PINHEIRO, N. L. de A. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no Português de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 142f. < <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-8T8MRJ>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

QUANDT, V. de O. **A lateral palatal no Português do Brasil e no Português Europeu**. 2014. 215 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/25/teses/830908.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

R Core Team (2016). **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna. Available in: <<https://www.R-project.org>> (Accessed on June 10, 2016).

RAZKY, A.; FERNANDES, M. E. P. Atlas Linguístico do Brasil: a palatal /ʎ/ nos estados. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 13, n. 2, dez. 2010. p. 375-393. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/6879/6989>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

SANTOS, S. C. **Variação na lateral palatal em dialetos alagoanos: despalatalização e semivocalização**. 2018. 68 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3425/1/Varia%C3%A7%C3%A3o%20na%20lateral%20palatal%20em%20falares%20alagoanos%20despalataliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20semivocaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFG_2d75cbfa3c241f71ca6fb3e4bfba5677>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SILVA, L. A. da. **Os usos do até na língua falada na Cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/820/o/leosmar_aparecido.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SILVA, T. C. **Fonologia gerativa**. 2021. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://fonologia.org/&ved=2ahUKEwj9pX4qtb5AhWUILkGHdk6DkcQFnoECBcQAQ&usg=AOvVaw3Lk5pUZCZyKQIF1r_EQ2Sv>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SOARES, E. P. M. **As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica**. 2008. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6637/1/2008_tese_epmsoares.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SOUZA, S. S. **Um estudo sobre o processo de substituição de segmentos consonantais na aquisição da fonologia do Português como língua materna**. 2003. 164f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2003. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Substituicao_de_segmentos_consonantais-Susana_Souza.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SCHWINDT, L.C.da S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país : uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, F. C; MIRANDA, A. R. M. A líquida palatal do português na diacronia e na aquisição da escrita. **Revista do GEL**, v. 17, n. 1, p. 308-328, 2020. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo, Martins Fontes. 1997

VIEGAS, M do C. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolingüística. 1987. Dissertação (Mestrado) - UFMG, Belo Horizonte, 1987.

WILLIAMS, E. B. Do latim ao português; **fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ): MEC/INL, 1891.

WETZELS, W. Leo. **Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro**, Revista de Estudos da Linguagem, v.9, n. 2, 2000. p. 5-15.

ANEXO 1 – TESTES

Adaptado dos scripts da Profa. Fernanda Peres²⁷

Qui-quadrado-de-independência.R

```
##### Qui-quadrado de independ?ncia #####
#####
```

```
setwd("C:/Users/CLIENTE/Documents/EXEMPLOAMOSTRA/uf")
dados <- read.csv("AG024R.csv", stringsAsFactors = T)
```

teste de Qui-quadrado

```
qui <- chisq.test(table(dados$VARIANTE, dados$VOGAL.ANTERIOR.TIPO))
> qui$stdres
```

	dorsal	coronal	labial
j	3.564237	-9.390895	6.270287
lh	2.416498	-1.003047	-1.562095
0	-8.806817	14.994841	-6.596378

```
qui <- chisq.test(table(dados$VARIANTE, dados$VOGAL.POSTERIOR.TIPO))
> qui$stdres
```

	dorsal	coronal	labial
j	10.315731	1.464164	-11.676392
lh	-5.268113	2.052087	3.701298
0	-6.722819	-5.239126	11.070922

²⁷ Disponível em: <https://youtu.be/u2mXKHQAOQE?si=wUKKu17DL6MIVGcy>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Qui-quadrado-de-aderência-1-.R

```
setwd("C:/Users/CLIENTE/Documents/EXEMPLOAMOSTRA/uf")
dados <- read.csv("AG024R.csv", stringsAsFactors = T)
```

teste de Qui-quadrado

```
tabela <- table(dados$VARIANTE)
tabela
```

```
##
##   lh   j   0
## 539 298 113
```

Realiza??o do modelo

```
quiqua <- chisq.test(tabela, p = c(1/3, 1/3, 1/3))
quiqua
```

```
##
##  Chi-squared test for given probabilities
##
## data:  tabela
## X-squared = 288.19, df = 2, p-value < 2.2e-16
```

```
quiqua$residuals
```

```
##
##           lh           j           0
## 12.494055  -1.048976 -11.445079
```

```
quiqua$stdres
```

```
##
##           lh           j           0
## 15.302029  -1.284728 -14.017301
```

RESULTADO DO TESTE DE VEROSSIMILHANÇA

```
Data: dados1
Models:
mod3_mix: VARIANTE ~ VOGAL.PRECEDENTE + VOGAL.SEGUINTE + TONICIDADE + CLASS
E.DE.PALAVRAS + TAMANHO + SEXO.GENERO + FAIXA.ETARIA + SEXO.GENERO:FAIXA.ET
ARIA + (1 | INFORMANTE)
mod_sexo_idade3: VARIANTE ~ VOGAL.SEGUINTE + +VOGAL.PRECEDENTE + CLASSE.DE.
PALAVRAS + TONICIDADE + TAMANHO + FAIXA.ETARIA + SEXO.GENERO + TAMANHO:CLAS
SE.DE.PALAVRAS + (1 | INFORMANTE) + (1 | OCORRENCIA)
```

	npar	AIC	BIC	logLik	deviance	Chisq	Df	Pr(>Chisq)
mod3_mix	17	752.53	831.03	-359.26	718.53			
mod_sexo_idade3	22	207.36	308.94	-81.68	163.36	555.17	5	< 2.2e-16 **

```
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
```

ANEXO 2 – REGRESSÃO LOGÍSTICA

Adaptado Dos Scripts do Prof. Dr. Ronaldo Lima Jr.²⁸ e Fernanda Fiel Peres

```
# =====

#####
# Data wrangling
#####

#####
# Modelos
#####

mod3_mix <- lme4::glmer(data = dados1,
                        VARIANTE ~ VOGAL.PRECEDENTE +
                        VOGAL.SEGUINTE + TONICIDADE +
                        CLASSE.DE.PALAVRAS + TAMANHO + SEXO.GENERO +
                        FAIXA.ETARIA +
                        SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA + (1 | INFORMANTE) ,
                        family = "binomial" (link = "logit"),
```

²⁸ Disponível em: https://youtu.be/8HVSPZA_tUs?si=b5s2Fga1RZQ1bVx7. Acesso em: 24 fev. 2024.

```

control = glmerControl(optimizer="bobyqa",optCtrl=
list(maxfun=2e5)))
summary(mod3_mix)

## Generalized linear mixed model fit by maximum likelihood (Laplace
## Approximation) [glmerMod]
## Family: binomial ( logit )
## Formula:
## VARIANTE ~ VOGAL.PRECEDENTE + VOGAL.SEGUINTE + TONICIDADE + CLASSE.DE.P
ALAVRAS +
## TAMANHO + SEXO.GENERO + FAIXA.ETARIA + SEXO.GENERO:FAIXA.ETARIA +
## (1 | INFORMANTE)
## Data: dados1
## Control: glmerControl(optimizer = "bobyqa", optCtrl = list(maxfun = 2e+
05))
##
## AIC      BIC    logLik deviance df.resid
## 752.5    831.0   -359.3   718.5     731
##
## Scaled residuals:
##      Min       1Q   Median       3Q      Max
## -2.9568 -0.4870 -0.1808  0.6335 11.7697
##
## Random effects:
## Groups      Name                Variance Std.Dev.
## INFORMANTE (Intercept) 0.4994    0.7067
## Number of obs: 748, groups: INFORMANTE, 12
##
## Fixed effects:
##
##                                     Estimate Std. Error z
value
## (Intercept)                        1.10177    0.77457
1.422
## VOGAL.PRECEDENTecoronal             0.73257    0.41180
1.779
## VOGAL.PRECEDENTElabial             0.59479    0.34022
1.748
## VOGAL.SEGUINTEcoronal             -1.35514    0.34452  -
3.933
## VOGAL.SEGUINTElabial             -1.22727    0.32596  -
3.765
## TONICIDADEatona                   -0.82586    0.32240  -
2.562
## CLASSE.DE.PALAVRASadverbio        -4.05937    1.15832  -
3.505
## CLASSE.DE.PALAVRASsubstantivo     -0.87668    0.53793  -
1.630
## CLASSE.DE.PALAVRASverbo           0.07435    0.54009
0.138
## TAMANHOpolissilabo                -0.88069    0.47888  -
1.839
## TAMANHOtrissilabo                 -0.69818    0.38018  -
1.836

```

```

## SEXO.GENEROmasculino -1.03503 0.76498 -
1.353
## FAIXA.ETARIA31 a 53 anos -1.91003 0.82205 -
2.324
## FAIXA.ETARIA54 anos ou mais 0.34952 0.78910
0.443
## SEXO.GENEROmasculino:FAIXA.ETARIA31 a 53 anos 3.54666 1.12037
3.166
## SEXO.GENEROmasculino:FAIXA.ETARIA54 anos ou mais 1.84389 1.13220
1.629
## Pr(>|z|)
## (Intercept) 0.154900
## VOGAL.PRECEDENTEcoronal 0.075245 .
## VOGAL.PRECEDENTElabial 0.080427 .
## VOGAL.SEGUINTEcoronal 8.37e-05 ***
## VOGAL.SEGUINTElabial 0.000166 ***
## TONICIDADEatona 0.010420 *
## CLASSE.DE.PALAVRASadverbio 0.000457 ***
## CLASSE.DE.PALAVRASsubstantivo 0.103161
## CLASSE.DE.PALAVRASverbo 0.890502
## TAMANHOpolissilabo 0.065908 .
## TAMANHOtrissilabo 0.066294 .
## SEXO.GENEROmasculino 0.176054
## FAIXA.ETARIA31 a 53 anos 0.020152 *
## FAIXA.ETARIA54 anos ou mais 0.657813
## SEXO.GENEROmasculino:FAIXA.ETARIA31 a 53 anos 0.001548 **
## SEXO.GENEROmasculino:FAIXA.ETARIA54 anos ou mais 0.103401
## ---
## Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

##
## Correlation matrix not shown by default, as p = 16 > 12.
## Use print(x, correlation=TRUE) or
## vcov(x) if you need it

sjPlot::tab_model(mod3_mix)

```

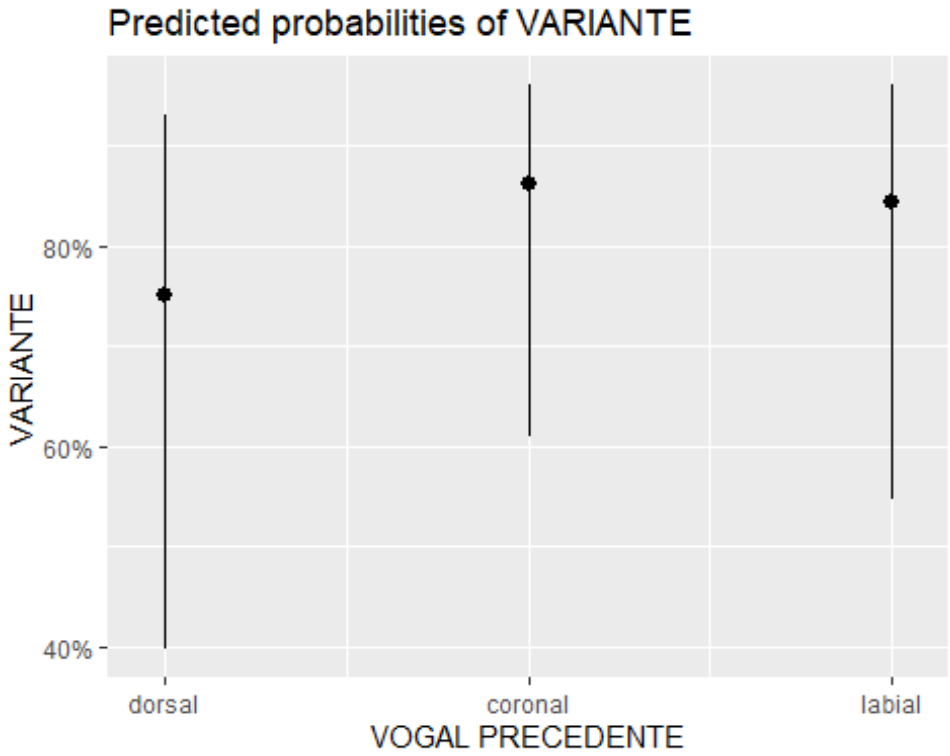
PROBABILIDADE

```

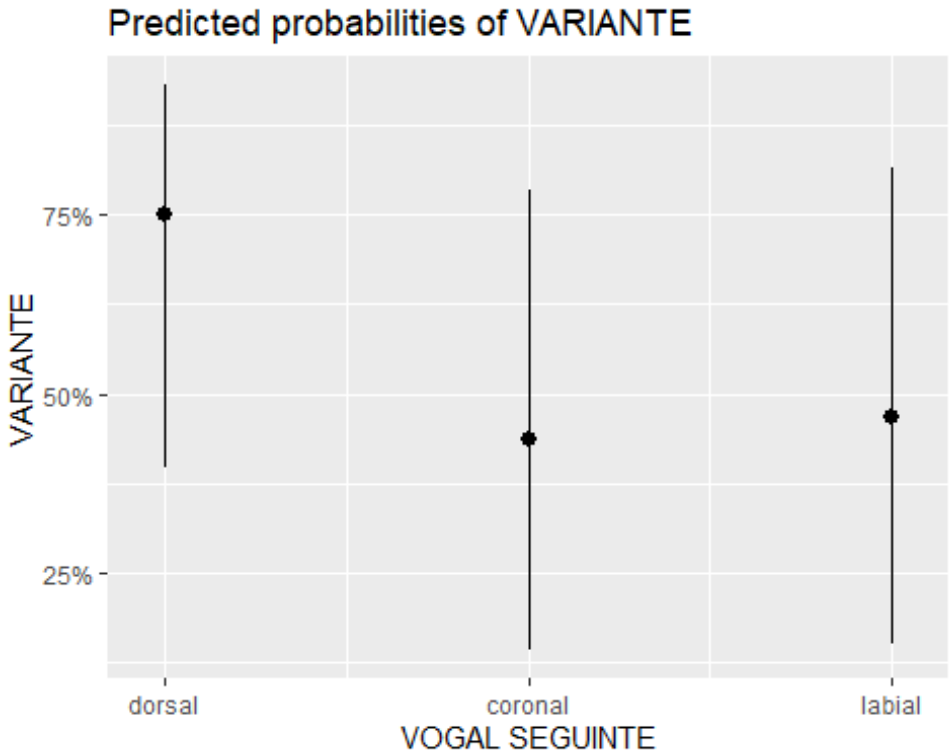
plot_model(mod3_mix, type = "pred")

## $VOGAL.PRECEDENTE

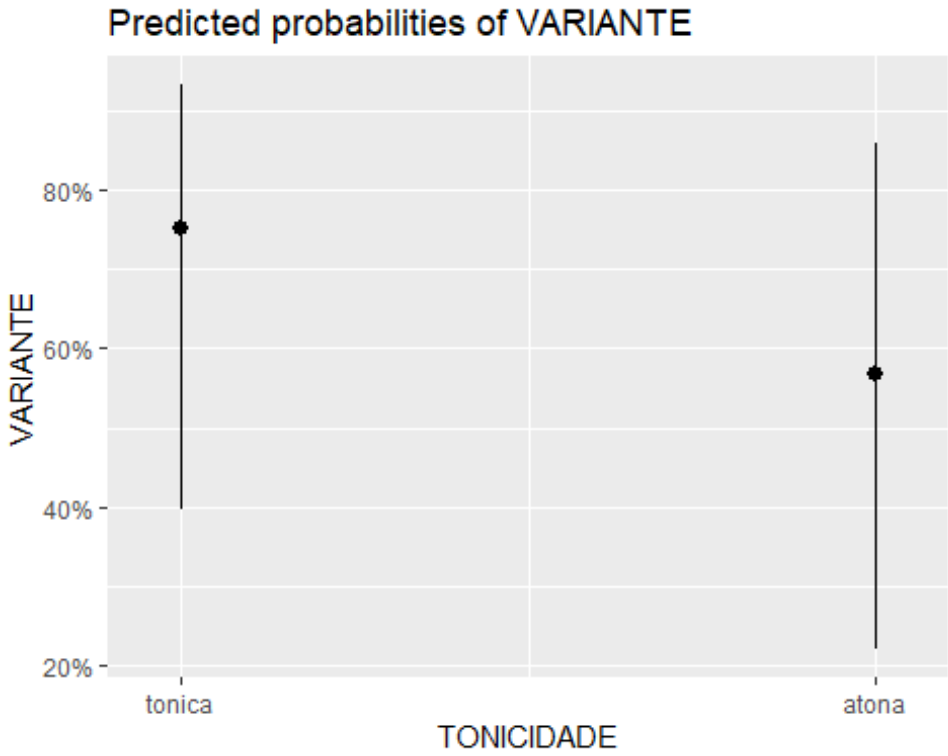
```



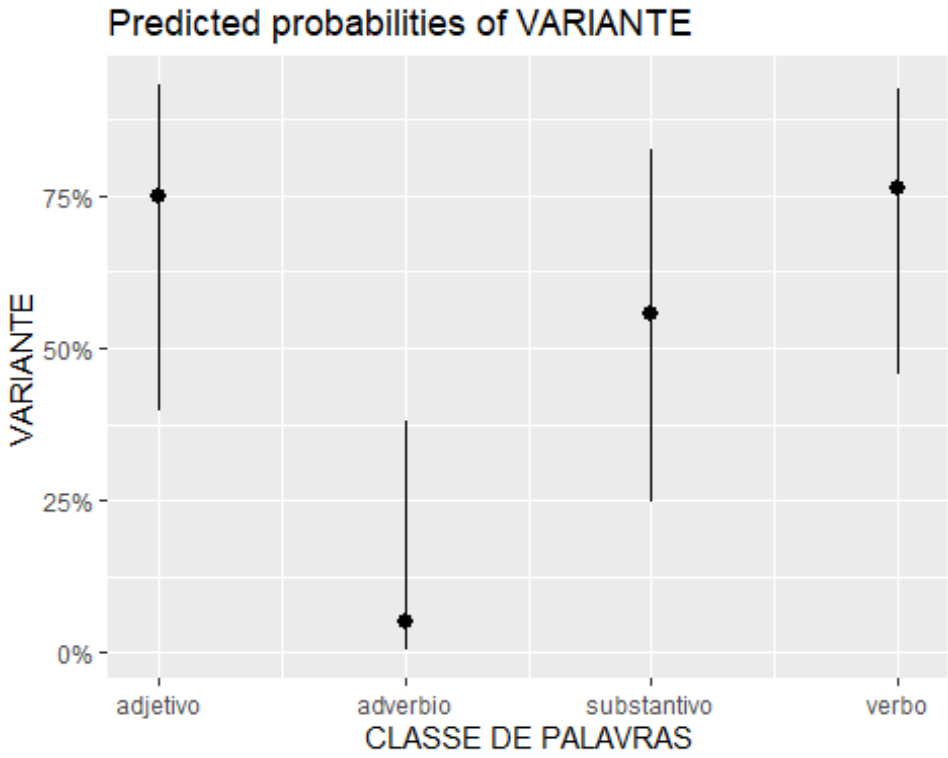
```
##  
## $VOGAL.SEGUINTE
```



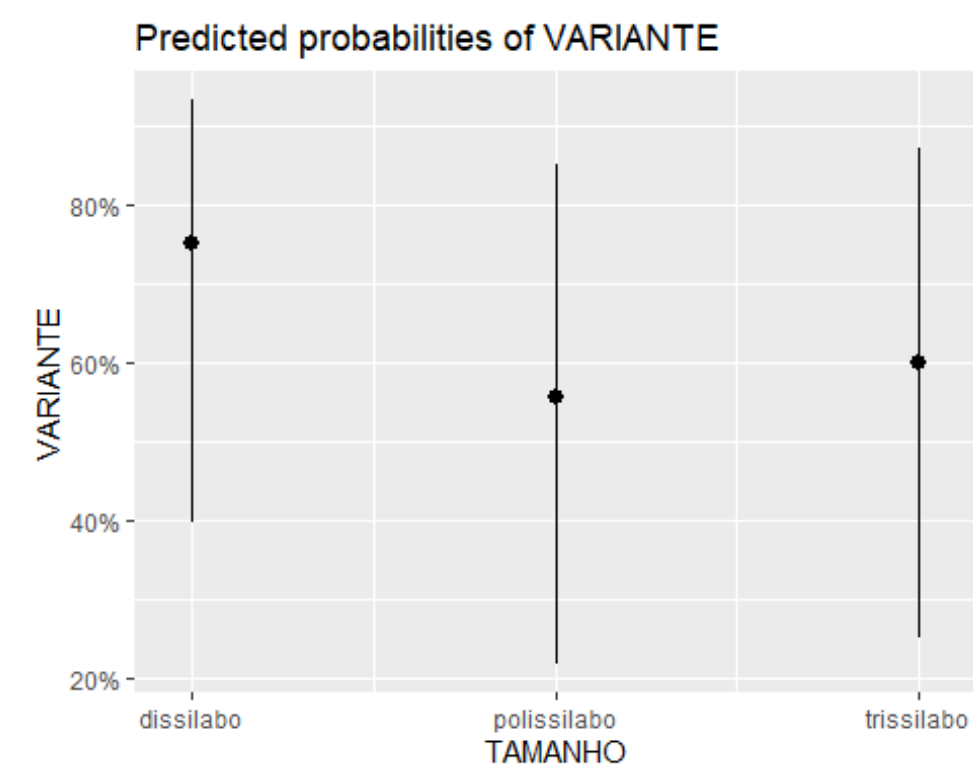
```
##  
## $TONICIDADE
```



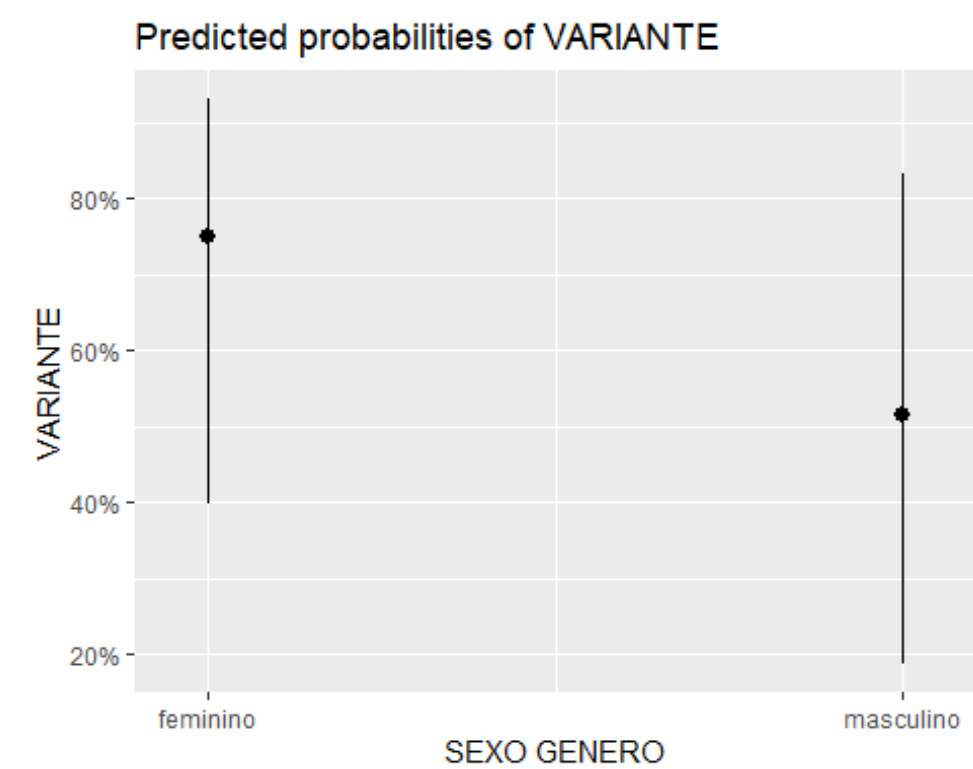
```
##  
## $CLASSE.DE.PALAVRAS
```



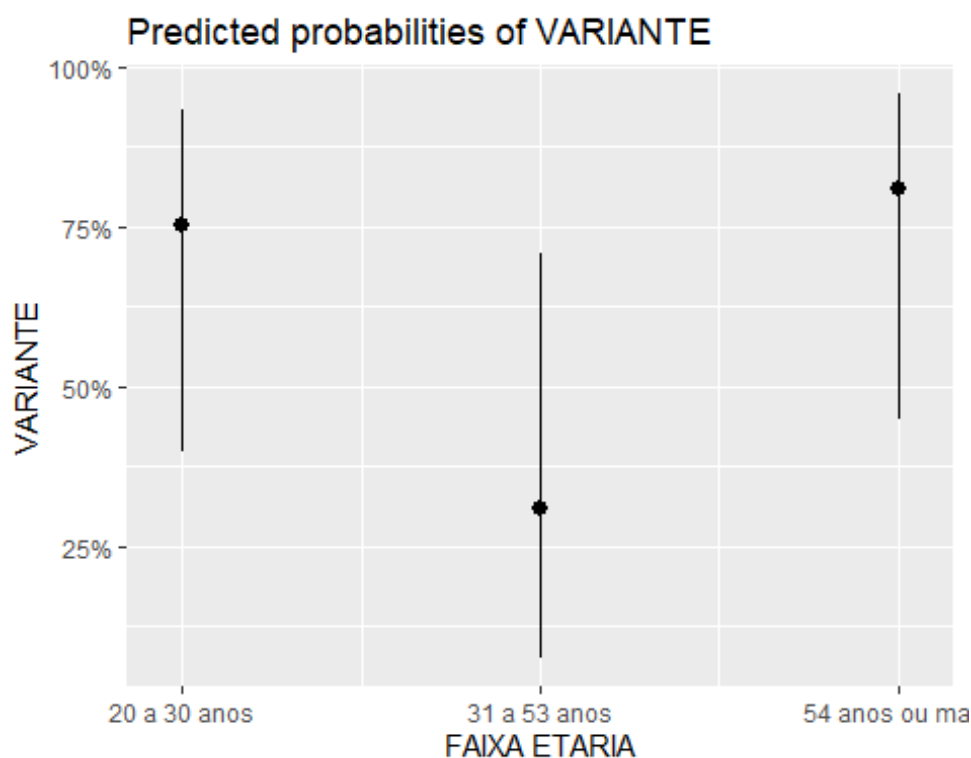
```
##  
## $TAMANHO
```



```
##  
## $SEXO.GENERO
```



```
##  
## $FAIXA.ETARIA
```



ANEXO 3 – MODELO DE ENTREVISTA DO BANCO DE FALA DE GOIÁS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

I – Dados Gerais

- 1.1 Inquérito nº: 03
- 1.2 Cassete nº: 03
- 1.3 Lado: A e B
- 1.4 Duração: 60'
- 1.5 Data: 29/07/03
- 1.6 Local de inquérito: Casa do Visinho
- 1.7 Tipo de inquérito¹: ☒ DID ☐ D2D
- 1.8 Tema da conversa: Vida do Informante
- 1.9 Documentador: Leosmar Aparecido da Silva

I – Informante:

2. Sexo: Feminino
3. Naturalidade: Itapuranga - GO
4. Domicílio: Vila Agnel – Bairro João Francisco – Goiás - GO
5. Residência precedente: Goiânia (2 anos)
6. Está em Goiás desde: 02 anos de idade
7. Formação escolar: 3ª série do Ensino Fundamental
8. Profissão: doméstica
9. Idade: 28 anos

10. Local de trabalho: Trabalha em um a residência – de frente a Saneago
11. Tempo de serviço: desde os 12 anos de idade
12. Outros locais de trabalho: Areião, loja...
13. Outras atividades: Artesã (faz panelas de barro)
14. Nível sócio-cultural: baixo
15. Nível sócio-econômico: baixo
16. Naturalidade do pai: Goiás - GO
17. Naturalidade da mãe: Goiás - GO
18. Naturalidade do cônjuge: Itaberaí - GO
19. Ocupação do pai: guarda-noturno 20: Ocupação da mãe: artesã
21. Ocupação do cônjuge: pedreiro
22. N° de filhos: 03 filhos
23. Filhos adotivos:

III – Grau de intimidade entre locutor e documentador

() grande (x) médio () escasso (x) nulo

Doc. Cê tem quantos anos? Inf. Tem vinte e oito

Doc. Vinte e oito? Cê tá/qui em Goiás desde quando? Inf. Desde idade de dois ano...

Doc. Dois anos?

Inf. É... quando eu vim pra cá eu tavava com dois anos Doc. Cê nasceu onde im...

Inf. No município de Tapuranga Doc. Tapuranga?

¹ DID – Diálogo entre informante e documentador

D2D – Diálogo entre dois informantes e documentador

Inf. É...

Doc. Bom qu/é perto né? Inf. É... pertim ((risos))

Doc. ((risos)) É... pois é... sobre seu nascimento:: né... cê lembra? aliás lembrá cê num vai né ((risos))... mais seus pais contaram como que foi o... o dia do seu nascime::nto... o que que teve de especial? Como que você...?

Inf. Não... no dia do meu nascimento... minha mãe ganhava normal né? I... minha vó qu/era partera né? dela... teve um... foi bom

Doc. Você nasceu de dia ou de noite?

Inf. De dia... acho que foi a tarde... qu/eu nasci a tarde Doc. Ah::: certo... na fazenda ô tava na cidade?

Inf. É... na fazenda... na fazenda... que minha mãe morava na fazenda né? Doc. É... no município de Tapuranga?

Inf. É... no município de Tapuranga

Doc. Sei... aí... seu nome é S... tem... tem algum motivo especial por que você tem esse nome... quem colocô esse nome em você?

Inf. Foi minha mãe né... minha mãe que colocô né? ela e meu pai... escolheram... e... achô bonito... surgiu assim do nada... ela::: disse que num sabe como que ela pensô assim ah::: é S... nem sei como qu/ela... ela disse que num viu:::... num... surgiu... nome assim... aí ela colocô no meu nome S.

Doc. () Bonito o nome... eu acho... achei Inf. É...

Doc. E quando cê era pequena né? aqui... no João Francisco... que brincadera vocês faziam... com quem vocês bricava?

Inf. Toda vida a gente moramo aqui né? na vila Guiné... eu sempre junto com minha família né? as... as minha tia... a gente sempre foi muito primo né... aí tudo pequeno... bricava de... escondê:::...otra hora de era de rodinha... ciranda... brincava de fazê cunziadinha... que::: ali tinha um pasto ali... aí juntava as menina e ia brincá de fazê cunziadinha... buneca... era o tempo todo lá brincano... quando era pequeno...

Doc. I nessas brincaderas teve algum fato assim... especial?

Inf. Sim... nós gos... nós era muito artero né?... nós subia em árvore... subia assim Doc. Todo menino é::: ((risos))

Inf. Subino nas coisas assim né... aí um dia... é... era até... um dia de eleição... minha mãe dexô nós i... brincá pra... qu/ela ia saí... aí eu fui balançá menino... balançá na... na trave assim... dum barranco da... duma casa da minha tia... tinha um barranco... a gente pulava assim... fui balançá... caí... quebrei meu braço...

Doc. Quebrô o braço?

Inf. Quebrei o braço... balançano

Doc. Aí::: como que foi é... todo mundo ficô...

Inf. Todo mundo ficô apavorado né... qu/eu fiquei muito ruim chorei demais... num sabia que/tinha contecido... as meninada tudo garrô gritá:::... minha ficô pavoradinha... que... machuquei né? Nossa Senhora dor mais triste que tem... ai::: credo...

Doc. Aí como que... conti... é... é... levaram você tudo...

Inf. É... aí minha pegô i eu cheguei em casa... minha mãe... cê... sempre assim... quando eu era mais... era mais... esse tempo assim... o povo num preocupava muito levá no médico né? aí minha pegô infachô... pois um bucado de::: remédio... erva santa Maria... aí infachô meu braço né? aí foi ficano... aí quando inchô demais... ela viu que num era só... tinha machucado... aí ela pegô i levô no hospital... aí injerçô meu braço

Doc. Sei... mais é::: do... foi de carro até lá? Inf. Não... foi de a pé... nós foi de a pé

Doc. Já tinha passado alguns dias né?

Inf. Já foi no otro dia né? Minha mãe levô... Doc. Sei...

Inf. Aí... passô remédio... ai credo... é horríve

Doc. ((risos)) pois é i::: ne... nesse tempo assim... i:::... i arte assim com outros meninos... é... que cêis... que outro menino tenha machucado... nunca teve caso assim não?

Inf. Nã:::o... eu que sempre era a desastrada né? Doc. ((risos))

Inf. Eu morria de medo assim... de saí né? qu/eu tinha medo demais de saí... um dia eu peguei saí... brincando mais minha irmã e um primo meu... e ele virô o olho sabe? aí eu saí correno... saí correno... e num vi o arame na frente não... passei o... assim correno e mandei isso aqui ó na garganta... no arame

Doc. Tem a marca né?

Inf. Pois é... quase que... que furô... minha mãe ficô loquinha... saía sangue ta:::nto... mais tanto sangue... minha mãe pensô qui:::... eu ia ficá até sem falá sabe? aí... mais num teve nada não... só um corte por lugar muito coisa né?... ficô cum medo mais num teve nada não... nem foi no médico tamém... tomei só...

Doc. Sei...

Inf. Remédio casero... ela passô remédio só... teve perigo não Doc. Então cê brincô muito né... na infância?

Inf. Nossa... nós brincava demais... que era muito menino né? nós acho qu/era uns... deis menino ô mais... aí uma hora um batia num... outra hora batia no outro... era uma bagunça... mais logo passava tava brincano denovo ((risos))

Doc. ((risos)) Tá certo... e aí foi crescendo... é... começô a namorá::?

Inf. É foi cresce::no... sim...namorá nós num namorô mui::to rápido não né? que:: nós era sim mei vergonhosa quais num saía né? aí logo... primero foi trabalhá... eu mais minha irmã come... começô a trabalhá muito cedo... eu comecei a trabalhá eu tava com uns... deis ano quando eu comecei a trabaiá né? aí eu trabalhei de babá por um tempo... aí depois qu/eu fui trabaiano assim de doméstica... mais... namorá... num... num namor... namorô muito cedo não... com treze anos qu/eu comecei a namorá...

Doc. Hum hum... e teve muitos namorados não?

Inf. Não... num tive muitos não... num tive tempo assim de namorá muito não... logo...

Doc. Mais teve um que marcô mais do que outros?

Inf. Teve... teve sim... qu/eu namorei um rapais... é quase um ano né? aí eu gostava muito dele... aí:: té que um dia eu... nós dois brigô... aí peguei e... nesse dia... no dia mesmo que nós brigô eu conheci esse... que é meu marido agora né? aí a gente encontrô... ele ficava mim oiano... sim nasceu aquela paixão né? aí a gente começô... eu terminei com o outro rapais... nós começô a namorá... aí:: namorô um ano e pôco até nós casá...

Doc. Cêis se conheceram aonde?

Inf. Foi... eu tava na ca... casa da minha madrinha ali... aí ele tava de frente... e tinha um bar né... e ele tava lá no bar... aí nós começô lá... aí à noite... eu peguei... e minha madrinha... tinha ido na casa da minha madrinha pra nós saí né? aí nós foi num... numa festa... num churrasco... aí conheci ele lá no churrasco... nós se apresentaram um pro outro né? aí des desse dia... ((risos))

Doc. ((risos)) namoraram... aí cê namorô quanto tempo?

Inf. Namorei com ele um ano... fiquei namorano com ele um ano... um ano e uns meis assim... aí nós pegô i::... foi morá junto né? que... eu num tinha idade pra casá né? qu/eu tava só com quinze ano

Doc. Quinze anos?

Inf. Quinze ano eu tinha... aí nós ficô morano junto uns tempo depois... nós casô... depois eu tive minha família todinha... que nós casô

Doc. ((risos)) é... tá certo né? Inf. É...

Doc. I::... aí logo... logo depois veio... vieram os filhos? Inf. É...

Doc. Parece que cê tem treis filhos? Inf. Tem treis filhos

Doc. ()

Inf. Aí logo veio os...

Doc. Mais aí... qual a experiência... assim... de ser mãe... é...

Inf. Foi muito boa né? que sim... eu... eu na minha primera gravideis eu queria um homem... meu sonho era tivesse um homem né? i::: veio um homem... graças a Deus veio sadio... só porque assim... quando eu fui pra ganhá ele eu... sofri muito sabe? que::: num dava parto normal e os médico mim dexô sofreno dema:::is da conta... nossa senhora pensei qu/eu fosse morrê... aí quando eles viu qu/eu tava ruim mesmo... qu/eu não dava conta de tê normal que::: feis a cesariana ni/mim... aí ele nasceu na falta de oxigênio né? aí levô ele pro balão... mais aí correu tudo bem depois... logo ele ficô bão

Doc. Sei... e ele nasceu onde?

Inf. Lá no hospital Bom Pastor... nasceu lá... () fiquei se:::is dias passano mal... seis dias... ia lá voltava... ia lá voltava... por fim eu... fiquei queta lá... num tinha força nem pra andá... num comia... não andava...

Doc. Eles liberaram você?

Inf. É...

Doc. E deixaram a criança lá?

Inf. Não... num... é num chegô a ficá lá não assim que a gen... quando eu ganhei ele né? ficô lá dois... treis dia... aí... só ficô dum dia pro outro meu menino no... lá... mais logo ele ficô bão... passô da hora de nascê né? ...passô da hora de nascê... i::: teve que ficá um pouco

Doc. Hum hum

Inf. Mais aí... correu tudo bem graças a Deus... foi só um susto... Doc. E os outros... as outras crianças?

Inf. As outras foi:::... foi bem... as outras duas foi bem... da... do... essa minha do mei... eu::: passei mal... passei mal... i té... minha irmã tava grávida também né? aí... ela tava aqui em Goiáis... nós dua foi pro... pro hospital junto... quela correria... nós duas ganhô nenê no mesmo dia... quase na mesma hora... eu ganhei a minha menina::: sete e... seis e pouco... e ela ganhô o dela sete horas... diferença pôca sabe... aí foi::: bem... a caçulinha também

Doc. Cesariana também?

Inf. Foi cesariana... a caçula também foi... um... nossa senhora... () se todos fosse igual ela... fui... fui pro hospital andano... não senti dor... só senti assim... assim... sabia que tava no dia né? aí num senti dor... fui lá no médico... ele falô não tá... tá no meis certo... então vamo tirá qu/eu ia... operá né? de ligadura... aí:: eu fui fiquei... ganhei ela... só num vim/bora sozinha porque eu num dava conta de carregá as mochila... as mala... fui bem... foi bão demais ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Se todos fossem assim... podia:: () mais foi bem... graças a Deus... correu tudo bem... Doc.
E a experiência de sê mãe... deve ser jóia né?

Inf. É maravilhosa...

Doc. No primero deve... deve estranhá um pôco né?

Inf. É... no primero assim... eu acordava dinoite com menino chorano... queria dormi... e menino chorano... mãe qu/eu vô jogá esse menino fora ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. E minha mãe falava... que qué isso... cê tem que tê paciência... e:: nossa mais o menino chorava... ele tinha cólica demais...falava mais meu Deus do céu... aí logo passô os treis meis... ele num ficô bãozim... num teve nada/ssim né? aí sarô... mais... é ótimo sê mãe é maravilhoso

Doc. E seu marido sempre...

[

Inf. Sempre junto Doc. Ju::nto né?

Inf. Sempre junto... qu/ele sempre trabalha de dia né? sê... é um ótimo pai... a menina tava chorano... chamava ele... ele via... oiava menino... nunca:: dexô eu sozinha não

Doc. Isso é bom né... é... assim... tem um... todo... a gente... todos nós assim tem um momento que a gente:: acha que vai morrê né? tem... tem um... tem dificuldades que a gente enfrenta que acha que num vai dá conta de superá

Inf. É...

Doc. né? ô... sê gela o corpo todo... dento... vê um... um cara que tá no mato e vê ali um animal perigoso... cê fica com medo... ô... ô...um carro que de repente saí da estrada... do asfalto e você a... tem medo daquilo né?

Inf. É... pois é

Doc. Cê já enfrentô algum momento assim... é... que cê achô que ia morrê... mais de repente cê segura...

Inf. Sim... teve um dia qu/eu ia levá meu menino sabe... pra ... pra Goiânia... aí nós tava parado assim... té conteceu foi aqui dento de Goiás mesmo... nós tava lá i... quando é fê vei um carro sabe? e BAtou no carro que nós dois tava dentro... a mulhé só desceu só um poquim pá pegá um... papel na casa da mãe dela né? menino do céu... mais que susto... e... eu tinha... tava ensinano meu menino a colocá o cinto né? porque ele falô ô mãe hora que nós saí daqui nós tem que colocá o cinto... aí eu fui mostrá pra ele... quando eu vi assim... aquilo... falei assim... meu Deus do céu... nós saiu rastano o carro assim ó... na... dento da cidade... imagina se fosse fora da cidade... que que num tinha dado...

Doc. Nossa...

Inf. Ah::: eu fiquei desesperada... num dava conta de tirá... já tinha abotoado o cinto dele... não dava conta de dirá o cinto dele... fiquei apavorada... mais apavorada mesmo... achei que nós dois ia morrê naquela hora assim... aí quando... assim o susto foi tão grande... que té num foi... assim... o carro passô raspano assim... o carro assim... levano a porta dele sabe? mais num... num teve nada... nós num machucô... nós... Nossa Senhora depois que passô pensei assim nossa... foi... foi um trisco pra morrê

Doc. Mais aí quem tava dentro era você...

Inf. Eu e meu menino... nós tava no banco de trais

Doc. Mais aí o que ficô resolvido depois... as pessoas pararam...

Inf. Parô né... aí... era até o rapais que trabalha aqui no... no Gegê sabe... no Ra... no motorista de lá... aí nós parô:::... ficô... porque nós num teve nem jeito de... de viajá... porque quebrô o retrovisô né... nem teve jeito... aí teve que amarrá ele... mais o cara... ele parô... conversô... ela gente boa... num foi foi pô querê dele... era o caso que... nele vim... subi... ssim... tava num... ele tava na som... na sombra né... aí quando ele saiu assim... o sol... aí acho que a cabeça dele atrapaiô né? e lá era estreitim a rua... ele saiu rapano tudo... o carro

Doc. Num deu pra vê direito...

Inf. Num deu... acho que num foi culpa dele porquê::: pessoa tá apressado qué fazê as coisa rápida né? nem presta atenção... mais passô:::... cabô o susto... tomei uma água ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Ah::: Nossa Senhora... mais é difícil

Doc. Mais teve outros momentos ô foi só esse que cê lembra? Inf. Não... só esse... num tem...

Doc. Hum hum

Inf. Agora... assim... depois qu/eu... assim... agora esses tempo... eu tive problema no estômago né? tinha dia qu/eu vomitava tanto... mais tanto... qu/eu pensava qu/eu ia morrer... i::: tomano remédio... tomano remédio... juntano só remédio casero né... qu/eu tomava... qu/eu num gos... num sô muito chegada de i em hospital... casá médico não... num gosto muito bem não... aí::: eu peguei... tudo qu/eu comia eu passava mal... passava mal... foi só esmagreceno... esmagreceno... aí té que um dia eu... falei assim ah::: num guento mais essa vida... prefiro morrer do que ficá sentido essa dô... uma dor terrível... que dá no estômago da gente... aí fui no médico... fiz os exame tudim... deu qu/eu tava com gastrite... e era nervosa

Doc. Ah:::

Inf. Aí tacava tudo né? NOSSA Senhora

Doc. Se você fica preocupada com alguma coisa?

Inf. É... aí danava tudo... aí feis tratamento... num miorei assim... completamente não... mais em vista do qu/eu tava... hoje em dia eu tô melhor

Doc. Na verdade tem que melhorar é... as preocupações né? Inf. É... pio

Doc. Quanto mais você melhora...

Inf. É... por que aí... a preocupação nunca acaba né? direto preocupada com alguma coisa... Nossa Senhora... qu/eu eu assim... direto eu muito preocupada qu/eu tenho um irmão né? que tem problema de dismaio direto assu:::stano... direto... liga pra mim... qu/ele tá no hospital ruim... outra hora liga qu/ele caiu da bicicleta... ah::: direto esse sofrimento sabe?

Doc. Como que é... como que foi isso? ele é...

Inf. Ele tava com idade assim de uns deis ano... que começô a dá esse problema nele... aí ele dismaia... o médico fala que num é pelipecia... é falta de oxigênio no cérebro...qu/ele passô de hora de nascê né... aí nasceu... nasceu foi os PÉ primero

Doc. Ah:::

Inf. Aí demorô nascê... já nasceu e... diz que... causô tudo isso... quando ele era pequeninim ele passava mal... mais num ficava desmaiado sabe? e agora não... ele desmaia... tá andano assim... ele passa mal assim... desmaia... machuca... corta... é... que:::le... sabe... e só eu pra ajudá minha mãe... que... fica do lado da minha mãe é só eu né?

Doc. Hum hum

Inf. Aí eu fico sempre preocupada... durmo preocupada com ele... acordo preocupada... quando ele tá quetim dentro de casa... num... fico sossegada... mais quando ele saí... porque tem dia ele tem... ele se manda pra rua... aí pega... i::: a gente fica Nossa Senhora... aí é hora qu/eu passo mais mal...

Doc. Ele tem quantos anos? Inf. Ele tem vinte e quatro ano

Doc. Vinte e quatro? Cêis são quantos irmãos? Inf. Nós somos seis...

Doc. Mais que mora com sua mãe...

Inf. É que mora com minha mãe é só quatro... Doc. Ah:::

Inf. Quatro filho... não... três agora... mora com ela... que um casado né?

Doc. Mais você é que... é que olha mais por esse irmão porque? Por que você tá sempre junto? Inf.

É... porque eu tô sempre junto assim da minha mãe né? eu moro aqui na...

Doc. Que cê tem mais afinidade com ele num sei

Inf. É::: nós assim... assim nós num temo muito sabe? porque eu que... praticamente... eu minha irmã... foi mãe e pai deles... dos quatro irmão sabe? que meu pai saiu cedo de casa né? e minha mãe ficô... ficô grávida do caçula... nós praticamente eu que sô mãe dele... aí a gente fica sempre preocupada... minha mãe é assim mais queta... num tem num tem ânimo pra agi com as coisa sabe? aí... Nossa Senhora... direto... ele... passa mal... aí minha mãe fica DOIda... minha mãe também tem problema de pressão alta né? E eu que tô sempre RENte com ela... os outros num é assim... muito... ligado não... num importa muito nesse ponto não

Doc. Sei... e seu pai?

Inf. Assim... meu pai ele... saiu de casa eu tava com oito anos... quando meu pai saiu de casa Doc.

Ele separô da sua mãe?

Inf. Separô...ele rumô uma mulhé né... i virô um inferno na vida da minha mãe essa mulhé... aí té que me... minha mãe infezô um dia... aí mim chamô... vamo levá a rôpa do seu pai lá... qu/ele ia carregano as rôpa ela nem via qu/ele tinh... tava carregano as rôpa né? **quand/é fé** chegava... ele brigava com mulhé... chegava... batia na porta... ela ia atendê... olhá () tinha corrido dexado a mala dele lá na porta... aí um dia minha mãe falô assim... chamô eu e minha irmã... vem cá cêis duas... eu

fui... aí minha falô assim... vamo lá levá as rôpa do seu pai... num quero ele mais não... aí eu sempre lá né? qu/eu achava... qu/eu achei bão... qu/ele foi embora... assim porque... ele bebia... aí chegava agressivo com minha mãe... eu tinha medo dele batê nela sabe? teve uma veis qu/ele deu um murro no nariz dela... saiu sangue... eu lembro como se fosse hoje

Doc. Nossa...

Inf. Saiu sangue demais da conta... aí eu achei té bão ele tê ido embora... aí ela vamo lá... aí falei então vamo... i minha irmã vamo... falei pra ela... vô di jeito nenhum qu/ela... toda vida foi o dodói do meu pai sabe? do lado dele... Nossa Senhora... adora ele... aí minha mãe falô assim... vamo minha... aí minha mãe queria batê nela... falei não vamo só nós duas memo... aí chegô lá minha mãe caçô um... aqui em casa... ela caçô um álcool num acho... aí ela achô uma pinga... mais a pinga já tava véia né? falô chega lá cê JOGA essa ropa no chão e TACA fogo ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Aí cheguei lá...cheguei lá... peguei joguei... foi tudo na cacheta sabe? Doc. Lá onde?

Inf. Na casa da muié... que em cima qui... qui pra cima da praça () ela morava... aí peguei essa rôpa joguei... assim no chão assim... quando eu joguei a rôpa no chão... as janela... as porta... tudo ficô cheia de gente oiano sabe? ficô oiano... aí minha mãe falô asssim... joga a pinga... aí joguei a pinga... aí ela falô assim risca o fosfo... quando eu fui riscano assim... qu/eu cheguei assim meu pai chegô lá de dento assim... CÊ TÁ loca menina e chutô a rôpa... aí nem pegô... nem pegô sabe? nem pegô fogo na rôpa... aí ela falô que droga... era pra quemá tudo... queria vê que... ele comprá tudo... aí num... queimô...as rôpa dele não... aí n/otro dia cedo tamém... desceu aí pra baxo foi pro rii lavá rôpa... tudo chei de lama... qu/eu joguei em cima da lama sabe? ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Ai:::... aí ele Nossa Senhora... como cê fais uma coisa dessa ca minha... com minha rôpa... minha mãe pegô falô assim... era pra tê quemado tu:::do... té hoje minha mãe não conversa com meu pai ... meu pai Nossa Senhora... sabe... foi daques pai... o pió pai do mundo

Doc. Ele não foi bom pra vocês?

Inf. Não... não foi bão pra nós... toda vida... minha mã:::e sofre... desde quando ele foi embora assim... antes dele arrumá essa muié... maravilha... minha mãe disse qu/ele era um ó:::timo pai... eu lembro muito pôco né? oito ano... cê tem um... cê lembra muito pôco... antes dele conhecê ela... minha mãe disse qu/ele era um ó:::timo marido... um ótimo pai sabe? aí depois foi bagunçano tudo... mais aí ele sai:::u de ca:::as... ele trabalhava no hotel Vila Boa... ele trabalhô mui:::tos ano no hotel Vila Boa... mentia po povo lá... que minha mãe tinha uma vida boa sabe? que tinha tudo tento de casa... que minha mãe tinha uma vida bo:::a... minha mãe num ti:::nha... aí depois qu/ele largô minha mãe ficô grávida do caçula sabe? ele saiu de casa... ele saiu... minha mãe num tava grávida não... aí ele ficô visitano ela de veis em quando né? ela engravidô desse... desse... do rapais... ele tem dezoito ano agora... aí::: ele::: pegô i::: SAIU... ficô pra lá... aí minha mãe pegô i::: falô assim já qu/ele num

qué... qué ficá::: qué ficá mentino... então vamo cabá com isso tudo né? aí pegô... es ficô lá... aí mentia po povo que minha mãe tinha vida boa... minha mãe nunca teve vida boa/ssim... aí::: ele saiu... minha mãe ficô... muito ruim da pressão... que quando ele engravidô ela ficô muito ruim da pressão né? vivia no médico... aí eu mais minha irmã dire:::to com esses irmão... cuidano deles né? que minha irmã é mais véia qu/eu dois ano... mais já sabia cuidá de casa né?... cuidá... aí ele num queria ajudá minha mãe em nada... num queria... disse que o fii num era DEle... que num queria... minha mãe falô... tá bem... aí um dia:::... tinha dia cedo assim... a gente levantava... num tinha

nadi:::inha pra colocá na boca... nem um colino pra escová os dente... nem o sal... cê queria um sal pra colocá na boca num tinha... que na ca... na casa da minha mãe num tinha na:::da que nós num morreu de fome... que tinha as tia que morava perto né? ficava com dó e ajudava... ésa assim... tamém é... num podia ajudá... fazê uma compra... ajudá mantê né? porque era pobre tamém né?

Doc. É...

Inf. Aí elas fazia o que podia... aí um dia minha mãe... pegô i... com... falei assim ó mãe tô cansada dessa vida já... todo dia levantá num tê nada... meus irmão chorano de fome... vô dá um jeito nesse trem... vô conversá... vô conversá com o gerente lá no hotel... minha mãe falô assim... ah num danta não... ele num vai... num vai **oiá** por isso não... falei vai... aí minha irmã... chamei minha irmã... nós duas foi... aí chegô lá:::... ele num... nós conversô com uma muié lá... e a muié... nós é fia do... do Euler que trabalha aqui... só qu/ele num tá... ele... nós qué conversá com o ele... com o gerente... aí dexô nós conversá com ele... sabe? aí nós expriçô tуди:::m pra ele... ele falô... num acredito... aí nós... criança cê já viu... num escuta né? falô assim cê fala pra sua mãe vim cá... se ela num pudé vim cá hoje... ela vem amanhã... aí nós vei/bora... aí minha mãe... falei ó mãe o gerente que conversá com a senhora... ele qué conversá com a senhora qu/ele num acreditô em nós não... aí minha mãe pegô i::: n/outro dia se mandô e foi lá... nós foi junto... chegô lá mandô chamá meu pai lá na cozinha... meu pai era cozinheiro

Doc. Todo mundo de olho?

Inf. É... ó sua filha chegô aqui ontem contano isso... contano aquilo... não qu/essa menina tá ficano lôca... num sei () que num mandei as coisa ainda mais vô mandá:::... aí::: o coisa falô assim... ó cê pode man... cê pode mandá o dinheiro pra ela... não dinheiro eu num posso... mais amanhã eu mando a compra... aí ele falô assim... mais quem tá... num tem nada pra comê em casa vai esperá até amanhã? tem que mandá... não ele falô dep:::ois da amanhã que n/outro dia ele ia pra Goiânia fazê um curso lá... aí o homem falô assim não mais cê tem que comprá é hoje... não mais hora qu/eu saí daqui num dá tempo... aí minha mãe falô não... eu espero... s/ele mandá eu espero... aí ele falô então tá eu vô mandá... aí quando foi... aí... falô meu pai... conversô com meu pai... pagô o maior sabão pr/ele ele saiu... aí::: quando foi n/outro dia... passô um dia no outro... ele mandô a compra... mandô a compra... aí::: o... o gerente lá do hotel passô uns dia mandô chamá minha mãe dinovo lá... minha mãe foi... chegô lá... menino mais ele comprô tanto trem pra minha mãe... mais tanto trem... mandô uma compra... com a compra que meu pai feis nós passô mais de treis meis... era saco e saco de trem... foi poco não... naquele tempo vinha era no saco né... macarrão... esses trem assim tudo vinha no saco... batata nó mais mandô trem de mais num tinha coisa melhó do mundo... cê num tinha... num via aquilo né?

Doc. É...

Inf. Passano falta das coisa... a... mais foi ótimo... aí deis disso... minha mãe ganhô menino... ganhô meu irmão... o caçula... aí::: ele mexeu na justiça e colocô ele na justiça... aí ele num dava pensão...

Doc. Quem mexeu...? Inf. Meu pai

Doc. Mais quem colocô ele na justiça? Inf. Minha mãe

Doc. Ah tá...

Inf. Aí minha mãe... levô... conversô... aí ficô mexeno muito tempo e num conseguia té que um dia... num sei quem indicô um... o Norival Santomé sabe?

Doc. Hum hum

Inf. Aí indicô pra ela... ela foi nele... qu/ele conseguiu arrumá... pra ela... ela parece que recebia quare::nta... quarenta por cento parece... do... do salário dele sabe? dos filho... aí foi miorano... aí nó... ela foi pegano saúde né... nós cresceu... ajudô ela... nós trabaiava... ajudava ela... o dinheiro meu mais minha irmã era tudo pra casa... nós num gastava com nada... num comprava rôpa... num comprava sapa::to... aí minha mãe recrama:::va direto assim que num tinha:::... assim como mantê nós na escola sabe? quando chegava no final assim... pra comprá os material... mandava as lista... nós num levava... nunca levô... eu nu:::nca minha mãe... comprá...comprô... um foi assim na ()... comprava meus material tudim de aula... nem meu nem da minha irmã de ninguém... nós estudava... mais nós estudô eu... estudei esse tempo todo mais na TEIma sabe? porque...

Doc. Persistência sua né?

Inf. É... pois é... que num tinha como minha mãe comprá os material... como qu/ela ia comprá? que num tinha dinheiro... mal dava pra comê... aí::: ficô lá... nós foi estudano... até que um dia eu falei assim ai nem tô cansada... num vô estudá mais não... até a terceira série já tinha cansado... ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Tinha cansado...

Doc. Foi por causa da dificuldade também né?

Inf. Pois é... trabaia:::va... e num... num dava conta de comprá meus trem... as muchila né... qu/eu queria... que via as criança tudo:::... cas coisa né? e num podia comprá... é... foi... aí foi difícil mais foi superano tudo... agora ah::: falei assim... ah::: não vô... trabaia... parei de estudá ... aí parei... falei vô só trabaia... minha mãe num queria qu/eu saísse da aula não... falei ah::: não num quero estudá não... num gosto de estudá... num quero... aí fui só tirano nota ruim... nota ruim... nota ruim... até qu/eu saí... falei não um dia eu volto... aí::: nunca mai voltei estudá::: mais... trabaia... trabaiei todo... todo tempo... aí cê vê a dificuldade da vida... falei... ah::: não vô casá... vô casá... acho... comecei a namorá com esse rapais né? gostei muito... nós gostava muito um do outro né? aí

nóis... pegô i:: casô... foi morá junto... falei assim ah:: agora vô tê uma vida melhor né? Ah:: aí vei os fii... vem as dificuldade do mesmo jeito ((risos)) aí sê tem trabaíá pr/ocê... num qué vê seu fii... sem as coisa dento de casa né? cê qué... qué ajudá... qu/eu toda vida gostei de trabaíá... de comprá minhas coisa... nunca falei assim pro meu marido... me dá:: um dinhero aí... qu/eu tô precisano comprá aquilo... sempre quando ele vê... eu já comprei... porque eu num peço... igual eu falo pra ele... cê cuida das coisa dento de casa... que:: o qu/eu dé conta eu compro... pro meus fii eu compro... num ganho bem não mais... assim... a gente ganha... paga as prestação né? vai comprano os poquim... ganha um do de um jeito... outro... outro dá uma coisa... é... vai vivo...

Doc. É... cê é lutadora né... pelo jeito?

Inf. Não... i:: cê vê... eu trabalho... eu trabalho de... diarista... né assim doméstica...eu trabalho... aí chego em casa... liso as vazia pra minha mãe... aí... qu/eu num tempo pra fazê mais... eu fazia né? mais agora eu num tenho tempo né? porque... a peça tem um... a hora certa de cê terminá ela né?

Doc. A peça... a panela de barro?

Inf. A vazia é... num pode... cê... fazê ela hoje... e dexá ela assim... começa n/outro dia... eu chego do serviço... ajudo minha mãe... cuido de casa... cuido de fii... Nossa Senhora é uma luta feia... mais vai ino... sempre eu liso assim... eu liso pra minha mãe... ela fais as peça pra mim né... reparte ela fais... aí ela mim dá um... uns pôco de vazia... ela fais metade pra ela... fais metade pra mim... quando dá pra fazê um... um tanto bão... ela fais... quando num dá ela fais mais pôco... mais tá mim ajudano né?

Doc. É...

Inf. Ela... tá mim ajudano aí sempre ela assim pára de fazê... eu... euaju... eu pego peça das minha tia em troca d/outras peças... aliso né? e ganho as peça... e ponho pra vendê... e assim vai ino... lutá tem que lutá num pode desisti nunca né?

Doc. Pode não... você realmente trabalha muito mesmo

Inf. Trabalho... trabalho... tem dia/ssim eu penso assim ai:: tô estressada... num quero... num quero mexê com mais nada...quero ficá queta

Doc. Mais cê tem espírito de independente pelo qu/eu observei né?

Inf. No::ssa eu sô assim... eu... eu se eu quero um trem eu luto por aquilo... porque toda vida... ó porque assim... tem muita gente qu/eu vejo assim... tem mãe falano assim ó cê tem que ajudá seu fii... pra ele num robá... pra ele num fazê isso... tem que ensiná ele dento de casa... mais cê vai... se vê com sofrimento... hoje em dia é assim... cê...

ocê ajuda seu fii sê malandro... porque cê pensa que tá ajudano... pr/ele sê uma coisa boa... cê num sabe se tá fazeno bem ô se tá fazeno mal... igual assim eu tenho meu fii... eu tiro assim por mim... se

ele qué uma calça... ele mim pede... eu corro e compro... mesmo quando não pudé... não tenho corage de falá não pra ele... aí se ele qué outro trem eu vô e faço pra ele... aí cê tá pensano assim não cê tá ajudANO ele... talvez cê tá... num tá ajudano...num sei...

Doc. Aí num tem limite né? Inf. Num tem limite

Doc. Quando chegá o momento ele pedi uma coisa que cê num tem

Inf. Pois é... mais é assim... uma coisa assim... qu/eu vejo assim... minha mãe num pôde dá pro meus irmão... minha mãe num pôde dá pra nós...

Doc. Aí você num qué...

Inf. Eu num quero qu/eles passa por aquilo qu/eu passei... meus irmão passô né? aí... eu faço assim... mais agora duns tempo pra cá... as coisa tá tão difícil que falei assim... minha mãe mim deu consei... ó Sidinéia cê tem que dá... dá as coisa pro Leonardo quando cê pudé... pô seus fii quando cê pudé... que cê fica se matano pra dá as coisa pra eles... i::: eles tem que sabê... cê tem que tê um limite... se hoje cê tem... cê dá... se amanhã cê falá que num tem... com/é que vai sê... com/é que cê vai sabê como ele vai reagí... então agora... agora ele tem doze ano sabe? já tô puxano

Doc. O mais velho?

Inf. É... já tô puxano ele... sempre ele pede um trem... eu vô explico pra ele... ó num posso te dá... que tá assim apertado... mais assim que pudé eu te dô... aí eu faço... agora assim tá mais faci pra mim porque... eu pego bolsa escola deles né? dos dois... aí um meis eu compro um trem pra um... pago... aí depois eu vô compro pro outro... vô::: repartino que tem meis eu pego... pego os trinta né? tem meis eu pego quarenta e cinco... que acho que... já ajuda né... um dinherim que tá ajudano... compro os material deles... assim deles...

Doc. () cê tem mais um né? Inf. Eu tenho... são treis né? Doc. Ham ham

Inf. Todos treis estão na escola... tem um de doze... a menina de deis... e a outra de seis... tudo tá na escola já... tudo dano despesa de escola assim... mais igual eu falo... Nossa Senhora é bão demais... meus fii graças a Deus é sadii... num tem négoço ficá::: preocupano com hospital... é... a minha... a minha... a minha caçulinha já ajuda a outra arrumá casa... quando eu chego do serviço... elas tá até arrumano casa... ah::: e a outra gosta que a::: que a Nataniele... que a caçulinha... gosta... a Natália gosta qu/ela obedece ela... como se ela fosse a mãe... hora qu/eu saí ela é a mãe ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Tem dia eu chego é uma reclamação... e tem dia eu chego tô cansada...né? que cê sai de casa de manhã... cê num SENta no serviço... cê num tem o prazê de sentá... cê senta n/hora de comê... já saí mastigano pra lavá vazia... fazê alguma coisa pr/ocê vim/bora né?

Doc. É...

Inf. Aí eu chego em casa tô tão cansada... minha caçulinha qué falá alguma coisa né? da escola... aí ela mãe hoje senhora tá estressada? ((risos))

Doc. ((risos)) ela fala...

Inf. Ela fala desse jeitim... mãe hoje senhora tá estressada? aí eu falo porque... não porque se a senhora tivé... se a senhora não tivé estressada eu quero contá um negócio pra senhora... aí falô assim... não minha fia... mamãe nunca tá estressada pra escutá ocê falá... pode falá... aí ela fala... mais morre de medo assim deu tá... qu/eu chego tem dia...

Doc. Tem dia que você chega...

Inf. Tô baruiano... baruiano... num gosto de... se eu vê algum trem fora do lugar eu já bri::go... aí... é... tá cansada e minino num... num entende né? aí tem dia eu falo assim... ah tá tudo pequeno... minha mãe direto fala assim ó... cê tem que ensiná a Natália arrumá a casa... fazê as coisa direitim...ah:: eu falo assim... mais ela tá muito pequena... pa trabaia... qu/eu num quero que meus menino dexa de estudá:: igual eu fiz pra... pra trabaia... num quero de jeito nenhum...

Doc. Hum hum

Inf. Tenho medo de saí pra rua... num gosto qu/es saí pra rua... qu/eu tenho medo de...saí pra rua... igual meu menino... mãe deixa eu saí pra vendê picolé... vendê alguma coisa... eu falo assim... Leonardo eu confii n/ocê... eu te... eu confii... porque... s/eu falá que num confii tô mentino... mais ocê sai lá na frente cê vai encontrá uma pessoa... que te lude... eu tenho medo da pessoa... fazê a coisa errada e jogá a culpa n/ocê... que hoje em dia tá/ssim né? a pessoa...

Doc. Tem que tomá:: cuidado...

Inf. Nossa Senhora... a pessoa que fais as coisa... e joga nas criança né? põe as criança pra fazê porque::... mais faci né?

Doc. Hum hum

Inf. E eu tenho... morro de medo... sempre eu falo pra ele... que não::... que enquanto tivé... ele tivé estudano e que tivé dano... ele assim... meu dinheiro tivé ajudano ele... eu num quero qu/ele trabalha não... hora qu/ele tivé uns quatorze ano... já tá mais adulto... cabeça mais feita né?

Doc. É...

Inf. Aí::: té que pode... Nossa Senhora... e ele gosta de trabalhá... qué trabaia... ó quando ele ganha um dinheiro... Nossa Senhora...

Doc. Acha bom né?

Inf. Acha bom... mais eu num quero qu/ele comece a trabalhá cedo assim não... Doc. E cê num tem muito contato com seu pai mais não?

Inf. Não... vejo assim ele de veis em quando... mais num... mesma coisa que tivesse veno uma pessoa estranha sabe?

converso com ele mais num é assim... Doc. Sofreram muito né?

Inf. Num é coisa/ssim... que a gente conversa... fala assim... ah::: adorei qu/eu vi meu pai hoje num... não pra mim se eu num vê ele meu dia fica melho ainda

Doc. É?

Inf. É... sim eu... assim eu... minha mãe... foi minha mãe e meu pai... tudo qu/eu posso fazê... se ela falá/sim pra mim... Sidinéia fais isso pra mim... na hora num tem esse negócio assim de... ah::: mãe num posso tô cansada... de jeito nenhum... faço tudo qu/ela pede... e:::.. sô a favô dela em tudo sabe? ajudo ela em tudo... qu/ela precisá eu ajudo... mais meu pai não... sempre eu falo assim... quando... se meu pai chegá a falecê... num quero nem í lá... nem que mim avisa

Doc. Cê tem mágoa ?

Inf. Tem mágoa... assim... minha mãe... as pessoa qu/eu converso... fala assim pra mim assim... qu/eu tenho que:::.. tenho que... abri meu coração sabe?... chegá nele... conversá::: pedi perdão pelas coisas qu/eu já fiz... mais eu mim sinto assim... ele que tem que mim pedi perdão... e não eu pedi perdão pra ele... i::: esse...esse assim... machuca a gente né? porque eu sei qu/ele é meu pai né? mais assim... as coisa qu/ele feis... qu/ele fais assim num mim agrada não sabe? eu num... então eu... igual eu falo... num desejo nada de mal pra ele mais... ele pra lá e eu pra cá...

Doc. É muito dolorido num é... isso?

Inf. É... No:::ssa... é demais da conta... qu/eu penso assim... largô da minha mãe... ele num largô os fii... que... que nós num pediu pra vim no mundo né? Ele tinha que pensá assim não lar... não quero a mulhé... mais os fii vô ajudá::: né? Meu pai nunca vei na minha casa...

Doc. Não?

Inf. Nu:::nca... meu pai... quando eu morava lá em Goiânia... uma veis ele falô que ia... nunca foi... mais porque num vai? porque eu num gosto da mulhé dele... que s/eu aceitasse a mulhé dele...ele té... talvez té ia... e levava ela... mais eu num... eu num gosto dela... nós duas num conversa... então ele

num coisa não... agora minha irmã já conversa com e::la... ele tem duas filhas com a:::... com essa mulhé... qu/é irmã por parte de pai né? ()

Doc. Sei...

Inf. Eu converso com elas... tamém num tenho mágoa delas não... porque... Doc. São irmãs né?

Inf. É... são irmãs... ela num pediu tamém né? num pediu pra vim no mundo... e num imprica tamém... num fala nada né? aí quando tem uma pessoa assim que qu/é sê melhor do que a gente... que tá morano... mais não... elas pra lá... e eu pra cá...quando conve::rsa... faço aniversário dos meus menino... convido elas... sempre uma vem a outra num vem... de veis im quando tá/ssim... converso com elas na rua... mais... tem muita intimidade também não

Doc. Hum hum

Inf. Elas pra lá e eu pra cá

Doc. E... e quanto ao estudo... cê tem vontade de voltá a estudá ou não?

Inf. Tem... tenho vontade... até falei que agora quando voltasse as férias... acabasse as férias né? eu ia voltá a estudá... mais eu penso assim... eu num estudei... agora vô estudá... agora tá tudo mais complicado tem fii... tem... trabaia...aí eu chego de noite... chega de tardizinha tô cansada... tem que fazê janta pros fii... aí vô trabaia... no::as vô estudá... aí sabe... eu tenho medo de voltá e num dá conta... mais eu tenho vontade de voltá... pelo menos assim... dá fazê até a oitava série... sabe?

Doc. Hum hum

Inf. Já::: andá um poquim adiante... ((risos))

Doc. ((risos)) seria bom né? cê voltá com o apoio do seu... do seu esposo?

Inf. Pois é:::... ele num... ele falô pra mim s/eu voltá estudá... ele dá maió apoio sabe? cuida dos menino de noite... mais eu fico pensano... tem medo e voltá e pará de novo... ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Que estudá é bão né?

Doc. É...

Inf. Aí meu menino fica assim... ai mãe... senhora vai voltá até a Nataniele já tá quase alcançano a senhora... que minha caçulinha já fais... já vai fazê o segundo ano... o ano que vem né? ela já tá na primera série... aí ele fica () ((risos)) mais num sei vamo vê... té::: pensá mais s/eu vô voltá ou não... eu tenho vontade assim fazê... estudá e fazê um curso assim pra mim... tê um serviço melhor de cartera assinada... que... quan... a gente num sabe o dia de amanhã né? talvez cê pode machucá num tem que trabaiá... que meu serviço é assim... se eu tô trabaiano eu tô recebeno... s/eu parei num recebo... então assim... cê tano de cartera assinada... é uma segurança né?

Doc. Que você tem né?

Inf. Pois é... eu tenho vontade por causa disso... fazê um cu:::urso... é entrá num serviço assim... pra ganhá... pra fixá minha cartera... aí eu tenho vontade... mais vamo vê... o que que... o que Deus tá preparano pra mim

Doc. Mais você é muito esforçada né?

Inf. Pois é... assim... a gente tenta assim... tem dia assim eu desanimo sabe? fala assim ai::: tem tanta gente que num trabaia tem as coisa... tem tudo... ganha... mais eu num quero ganhá... num quero suó dos outros... eu quero o meu né? fico pensando assim... ó meu Deus porque o senhor num... num mim dá... num mim dá saúde assim suficiente... pra mim trabaiá até memo... ô se não ganhá um dinherim assim... mais... qu/eu posso dá uma vida melhó pro meus fii... sabe... fico pensano... mais igual eu falo... suó dos outro cê num... cê tem que pensá no seu... no seu dinheiro... nada de vivê nas custas dos otros né? porque:::...

Doc. É...

Inf. Que... tem gente que num temm corage de trabaiá i::: pensa que as coisa é faci... e num é não... Doc. ((risos))

Inf. Gente que::: desperdiça as coisa... mais sempre desperdiçano é o suó dos outros... sempre minha mãe fala... minha mãe fala assim pro meus irmãos assim... cêis tem que trabaiá... cêis num pode ficá comeno o suó dos otros não... é pecado...

Doc. ((risos))

Inf. Desse jeitim minha mãe fala... e é... eu acho qu/é mesmo... cê:::.... cê tano trabaiano... igual assim... assim quando a gente tem muita coisa... assim fartura... você pensa assim ah::: vô fazê tudo... vô... coisá né? fazê... num pensa assim... que amanhã cê pode até faltá né? num é econômico as coisa... qu/eu já fui assim um dia... quando eu via muita coisa eu fazia qu/ele tanto de cumê... qu/ele tanto de arrois... aí... num... num queria aproveitá... jogava fora... hoje não... hoje eu sô:::

Doc. Hoje cê já é bem diferente...

Inf. É... já sô... já sô completamente diferente... se ocê esperdiçá... amanhã cê num tem né? então cê tem que fazê assim... num é sê ridica mais também num pode liberá muito né? que senão... caba faltano

Doc. Experiência de vida vai ensinano isso pra gente né?

Inf. É... pois é... ah::: eu sim... eu gosto... eu gosto de... de trabaia e tê meu dinheiro... mantê minhas coisa... num gosto nada dos/outro... eu sô uma pessoa assim que... num gosta de ficá pedino as coisa os/oto... se alguém vê qu/eu mereço alguma coisa... quisé mim dá tudo bem... mais ficá pedino... chorano... ah::: qu/eu trabaio qu/eu num ganho isso... qu/eu num tem aquilo... tudo qu/eu tenho lá em casa... é meu suó meu e do meu marido... nós dois trabaia compra junto... eu num tinha nada... qu/eu vivia com a mala na cabeça... quando assim que ganhei meu menino... eu num tava... eu... quando eu engravidei dele eu mudei daqui né? aí fiquei dois ano lá em Goiânia... aí... peguei... quando eu vim ganhá minha menina... meu marido pisisô tirá os trem do barracão que a muié queria lá... aí passô pra casa da minha sogra... aí uma... um meis eu tava lá... um meis eu tava na casa da minha mãe... vinha e voltava né? um dia eu falei QUE::: eu num vô ficá na mala na cabeça não... meu fii vai crescê desce... parecendo cigano... dum lado pro outro... que::: né? modo de dizê... num quero ficá assim não... quero tê::: minha::: minha casinha aí... vim pra Goiás... eu mais marido vei né? já tinha a segunda... o segundo filho... aí nós vei... minha mãe falô assim... ó Sidinéia... eu num posso... eu num posso de ajudá... com otras coisa... mais se o cê quisé contruí um... um barracão aí pr/ocê morá... pode construí... falei pode mãe... pode... aí um dia minha mãe falô assim ah:::... eu peguei falei assim... dô conta não mãe... nunca que dá... nós tá pagano aluguel... com/é que vai construí pagano aluguel... menino pequeno... ela falô ó vem cá pra casa... eu dô esses dois cômodo pr/ocêis morá até construí o barracão... aí nós () pra dentro da casa da minha mãe...

Doc. ((risos))

Inf. Aí::: dia umas vazia né? vendia as vazia... meu marido foi comprano os trem... as vazia... as vazia de barro pro viajante né? paga na hora e paga mais... aí::: comprei os tijolo e meu padrim ajudô também... mim deu as... mim deu as teia... aí nós pegô e construiu o barracão... dois cômodo... aí::: pensava assim gente do céu... que o povo falava assim...que o ano... que o mundo ia acabá né? que assim... que num tem memo... e o medo?

Doc. ((risos))

Inf. Quando... quando foi chegano dois mil assim... aí::: falava pra minha mãe... num vô construí não... o mundo vai acabá... todo mundo fala qu/o mundo vai acabá... e eu vô... num vô construí de jeito nenhum... e minha mãe larga de sê boba menina... Deus num desceu pra falá pra ninguém... quando... nem quando nem a hora... nem o ano... porque os outro qué sabê... e eu qu/esse medo... qu/esse medo... aí falei assim mais... aí um dia eu tava construino falei assim Meu Deus do céu... já tava grávida da minha caçulinha... foi im... nove:::nta... noventa e seis... qu/ela nasceu... qu/eu construí os dois cômodo...

Doc. Sei...

Inf. Aí::: eu falava assim... gente do céu... e as minha fia... tudo pequena... e eu vô construí... minha casa... vô gastá dinheiro atoa... que o mundo vai acabá... e ficava imaginando sabe? que jeito que o mundo ia acabá... e aquele medo sabe? falei gente do céu que bombera é essa... que bobera assim...

na mesma hora cê já pensava né? aí cabava/quilo... aí animava... trabaiaava mais pra ajudá... aí té que nós construiu esse... esse barra::cão... depois nós trabaiô mais... eu ajudei meu marido... nós construiu mais dois cômodo e o banheiro... ficô c/a casa grande... aí o mundo tá aí ainda... o sol brilhano...

Doc. Já pensô s/ele tivesse...

Inf. Pois é... já pensô? Se eu num tivesse::: é... pensado não... pensá positivo né? não vamo construí:::... vivê... porque... cê num pode pensá... eu sentia muito medo sabe? que o povo ficava falano assim... ah::: que o mundo vai acabá... que tá chegando dois mil... de dois mil... mil chegará... dois mil num passará... Nossa Senhora... eu vivia... teve um dia eu falei... mãe do céu parece que o céu tá tão preto... e tá tão baxim... MÃE vem cá pra senhora vê ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Chamei minha mãe pra vê sabe? e minha mãe fala... não Sidinéia cê tem que tratá... cê tá ficano doente... Doc. ((risos))

Inf. E naquele medo assim... e depois eu peguei... falei assim... ah:::... se tivé que acabá... Deus mim dá um bom lugá... qu/eu num vô ficá com medo mais não... agora eu num tem medo mais não... assim... meus trem eu preocupo assim... depois qu/eu morrê vivê em pais né? na eternidade em pais...

Doc. Hum hum

Inf. Que assim... eu num... que até assim... eu num faço mal pra ninguém... num desejo mal pra ninguém né? Doc. É...

Inf. Cumpro com minha obrigação... assim... penso assim... a gente tem que tê fé em Deus né?

Doc. É... E você é de qual religião?

Inf. Eu sô católica

Doc. Católica? Freqüenta... não?

Inf. Freqüento... assim... muito não... mais... vô assim na Missa... gosto mais de í na missa assim dia de domingo sabe? na... de manhã... num gosto de saí de noite na missa não... gosto de í de manhã...

Doc. Hum... aí cê leva os meninos?

Inf. Levo... sempre vai comigo é a Natália... que os outro tá dormino... () pra mim í de noite... pra mim num de manhã... s/eu quisé levá eles tem que sê de noite... aí tem veis eu vô a noite na igreja... mais eu vô mais de manhã

Doc. Bão que quando cê construiu é... sua casa... seu... seu marido é pedreiro né? Ele já... Inf.

É... é pedrero... já... ele nem precisô pagá né?

Doc. É...

Inf. E tamém teve muita ajuda... que tem muito amigo né? Doc. É...

Inf. Que trabalha assim... ixi ajudô e foi muito... tinha dia de domingo assim... eles pegava de manhã cedo assim... ia até de noite... trabaiano... cada um né? ajudano

Doc. Bom demais... seu marido tem o mesmo pique que você?

Inf. É... ele é assim... trabalhadô... mais num é qu/eles assim preocupa::do não sabe... de... saí atraís... ficá doido não

Doc. Sei...

Inf. Eu já fico... cutano... Nossa Senhora... tem dias qu/ele num tá trabaiano... fica dormino até mais tarde... eu acorda... passarim que num deve nada pra ninguém já bateu asa vuô a mui::to tempo ((risos))

Doc. ((risos))

Inf. Ele diis assim... o Meu Deus do Céu... nós... sorte minha qu/ele é muito calmo sabe?... qu/eu sô assim... nervo::sa...

Doc. Sei

Inf. () eu mal penso... eu nem penso... já falo... talvez eu arrependo do qu/eu falei... mais já falei já... quando eu vejo já falei... e ele é pacensoso dema::is da conta... ele é muito calmo... minha sorte é essa ((risos))

Doc. ((risos)) mais é bom que vai equilibrando

Inf. Pois é... aí... ele é... paciesoso demais da conta

Doc. ((risos))... i::: sobre Goiás... cê gosta de morá aqui em Goiás? Inf. Gosto... ah::: eu adoro Goiás

Doc. É?

Inf. Assim... tá ficano muito perigoso né? agora... que Doc. Ultimamente né?

Inf. Nossa Senhora... porque de primero cê podia saí qualquer hora da noite... saí de madrugada... agora cê... tem medo de í ali em cima assim ó de noite... medo d'ocê nem voltá pra casa... tanto malandrim que tá teno

Doc. I::: então assassinando pessoas né?

Inf. Pois é... Nossa... tá uma coisa... Nossa Senhora... coisa mais esquisita do mundo... que de primero não:::... de primero cê podia dormi na praça lá que cê num precisava ficá nem com medo né?

Doc. É...

Inf. Eu já saí muito assim de madrugada... de noite... pra í no hospital... agora eu num tenho corage... se fô pra mim í lá em cima sozinha eu num vô... e de primero não... eu saía qualquer hora da noite... precisô de mim... tava eu junto... agora... fico pensano... Nossa Senhora será... cê anda na rua... qu/es bebaiada... aquelas turma de menino pequeninim tudo... quereno ro... te robá... né? Ave Maria... bateno... Nossa Senhora... igual esses dia memo... eu fui lá na pecuária... tava sentada lá assim... quando é fê... num prazim de nada... juntô uns trinta... esses pivetim... um bateno n/outro de pau... e quela bagunça... Meu Deus do céu... nunca tinha visto aquilo... falei assim... logo aqui dento... quando é fê surgiu quele tanto de puliça... i::: cê fica morreno de medo... que aqui era muito calmo né?

Doc. Era muito calmo... eu num sei o que tá aconteceno

Inf. Pois é... eu acho que o povo pensa assim não virô::: cidade histórica... patrimônio... tem muto dinheiro... tá::: perdeno dinheiro... todo mundo... e todo mundo qué robá:::... qué fazê maldade... a nem... esses tempo mesmo... pegaram meu primo... e tomo o dinheiro dele

Doc. Sério?

Inf. Deu um chute nele... tava vino da rua... já era um... já era tarde assim da noite sabe? pegô o dinheiro dele... esses tempo pra trais pegô meu tii... bateu no meu tii... quase matô meu tii

Doc. Credo... uai?

Inf. Que meu tii ele morava aqui... morô::: muitos ano aqui...depois ele mudô pra Anápolis... aí ele vei cá vendê casa dele... e ele gostava de bebê né? acho qu/ele saiu falano... comentano... p/otro que ia vendê a casa... e alguém escutô... juntô meu fii... pegô ele... levô ele pro mato ali ó... mais bateu tanto nele... jogô uma pedra nele assim ó... furô... furô a testa dele... virô aquele buraco i::: ele só chegô... ele só ficô vivo porque ele desmaiô... e ele... o home... pensaram que tinha matado ele...

Doc. No:::ssa...

Inf. Se não ele num tinha... pensô que tinha matado né? saiu... aí comentaram lá no... lá em cima... no... no ponto de táxi lá... e os povo escutô né? um comentano com o outro assim... ele tá morto... desse jeitim... ele tá morto... só falô assim... aí depois que a pessoa escutô e falô pra nós né? aí falô assim... ah só pode sê ele... aí minha tia ia mexê com i na delegacia dá parte né? num vô dá parte que pode ficá pió...

Doc. Que robaram né?

Inf. num robô que num tinha dinheiro... acho que bateu n/ele que pen... que de certo ele falô né? que tinha vendido a casa... aí es pensô que tava com dinheiro... aí num tava com dinheiro... pensô... capais vô matá ele então né? que mim... que enganô nós... aí num... não mais foi horrível... Nossa Senhora... eu tô com medo... fora de brincadera... eu num tinha medo aqui de Goiás não... mais agora eu tô teno medo...

Doc. Sei... cuidá bastante dos filhos né?

Inf. É... pois é... Nossa Senhora... que se es saí assim na rua... se durante o dia assim até não... tem mais... a gente tem mais confiança né? que tem... gente que a gente conhece na rua... mais de noite não... de noite eu tenho medo de saí... que é muito perigoso

Doc. E as panelas de barro... como que... como que é o processo pra fazê a pane:::la?

Inf. Eu num sabia fazê panela né? e minha mãe... ah::: vamo aprendê Sidinéia... mãe do céu num dô conta de mexê com isso não... difici demais... mais assim a gente que... minha mãe sempre fala... tem que aprendê... num é torno não... mais cê vai fazê... a::: nós... pega o barro... tem a forma né a panela tem a forma

Doc. Mais como que cêis consegue o barro?

Inf. Vem lá do artesanato... o Frei Marcos que::: arruma né? que nós levamo vazia pra lá né? aí ele pega o barro no ma... no barrero... pôe ele pa curti lá depois ele () o barro e traís pra gente já moído... no ponto de fazê a panela né?

Doc. Hum hum

Inf. Que se for pra mexê... tem que tê a maromba e nós num tem... aí lá memo... aí a gente vai levano as peça pra lá... e já paga o barro... com o dinhe... sai o dinheiro aí vai pagano o barro que ele troxe né?

Doc. Ah::: vocês pagam pelo barro?

Inf. Paga o barro... paga o barro... aí::: a gente pega e fais as panela... Doc. Pois é... mais aí é... amassa ele como é que é?

Inf. Não... ele já vem amassado né? que na maromba já passa ele... na máquina lá vem moidim

Doc. Hum hum

Inf. Pra nós... pra nós ele já vem muidim... aí::: nós só:::... põe ele na mesa... amassa ele né? passa uma... uma garrafa... a gente passa uma garrafa nele pra alisá ele

Doc. Tipo abrindo uma massa?

Inf. É... tipo abrino uma massa... aí põe... na forma aí::: espera ela ficá mei durinha... vira a forma tira ela... aí cê apara a emenda... tira aquele pedaço né? que fica... num fica certim... imenda passa sabugo... passa colo...

Doc. Pra num rachá né?

Inf. É... pra num rachá e vai fazeno... tudo na mão... manual

Doc. Sei... aí tem o... algum instrumento que fais... a panela rodá... ô tudo... tudo manual mesmo?

Inf. Tudo na mão... vai passano sabugo aí vai virano ela... aí::: depois cê passa a... a sola na bera dela pr/ela ficá lisinha... depois passa... rapa ela cum... cum cuité né? i::: pra terminá pra a oreia passa sabugo pra pregá

Doc. E aí contorna

Inf. É... pra pregá nela... assim... quem vê assim... igual a gente que fais né? tem costume de fazê acha até faci... mais pra quem... quando a gente vai aprendê:::... dá trabalho...

Doc. ()

Inf. Eu tem muitas peça qu/eu num sei fazê...

Doc. Pois é... mais de::pois que... que tá pronto... é... vai... tem de colocá no forno? Inf. É tem que alisá elas né?

Doc. Alisa?

Inf. Aí põe... ela fica pronta... aí ela endurece... não muito dura... aí num ponto assim que cê vê que dá pra passá a pedra... corrê a pedra... aí sê pega móia ela dinovo...

Doc. A pedra é pra que? Inf. Pra:: pr/ela ficá lisa... Doc. Ah::

Inf. Tem a pedra de alisá...uma pedra li::sinha... a gente pega no rii... aí a gente vai lixano a panela até:: ela ficá lisinha... aí mais pô fim ela fica boa... facim da gente alisá a panela... aí:: pega e lixa... a gente móia a vazia... passa a pedra nela... aí guarda ela... as panela... aí ela seca fica branquinha... sequinha sabe... aí depois que põe ela no forno... pra... pra queimá...

Doc. Aí vocês tem o forno... os fornos aqui?

Inf. Tem... tem o forno... na casa da minha tia nóis... Doc. E lenha vocês buscam também ô não?

Inf. Não sempre compra né? agora assim quando tem um... as pessoa que co... que mexe com construção... aí dá os... as maderá né? aí a gente pega... mais sempre compra de carrocero... tem os carrocero que vende né? que junta a lenha pra vendê... é difícil que... ficá berano aquele forno ali queimano... que Nossa Senhora cê sapeca todo pa mexê com a... aquele forno... que cê tem que tê o ponto certo né? nóis coloca ela a vazia no forno de manhã... vai ela... até a noite... lá p/elas seis hora que começa pô fogo mesmo sabe? durante o dia é só quele foguim... só pra í aqueceno